

# **MOVIMENTOS DE UM PERCURSO EM ANÁLISE DO DISCURSO**

Memória Acadêmica do Núcleo de  
Análise do Discurso da FALE/UFMG



IDA LÚCIA MACHADO  
JOÃO BOSCO CABRAL DOS SANTOS  
WILLIAM AUGUSTO MENEZES  
(ORGANIZADORES)

Os artigos desta coletânea compõem o nono volume publicado pelo *Núcleo de Análise do Discurso* (NAD) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG), na série *Análises Discursivas*. Este livro ainda é fruto do Projeto *Gêneros do Discurso: mediação e materialidades discursivas*, desenvolvido através de um acordo entre Universidades, mais precisamente, entre a UFMG e Paris XIII, entre 2000 e 2004, projeto este que reuniu duas equipes de dois laboratórios diferentes: a do NAD e a do *Centre d'Analyse du Discours* (CAD) de Paris XIII e teve como coordenadores os professores Ida Lucia Machado e Patrick Charaudeau.

O *Núcleo de Análise do Discurso* (NAD) é um órgão vinculado à Faculdade de Letras da UFMG e voltado, exclusivamente, para a implementação de atividades acadêmicas. Seu objetivo principal é o de congregar professores e estudantes de níveis e instituições variados, em atividades como Simpósios, Seminários, Grupos de Discussão sobre objetos e temas relacionados ao *Discurso*, enquanto troca linguageira, fruto de um Contrato de Comunicação que diferentes parceiros tentam estabelecer entre si.

**Ida Lúcia Machado  
João Bôsko Cabral dos Santos  
William Augusto Menezes  
(organizadores)**

# **MOVIMENTOS DE UM PERCURSO EM ANÁLISE DO DISCURSO**

**Memória Acadêmica do  
Núcleo de Análise do Discurso  
da FALE/UFMG**

**NAD/POSLIN/FALE/UFMG  
2005**

**Ida Lúcia Machado  
João Bôsko Cabral dos Santos  
William Augusto Menezes  
(organizadores)**

**MOVIMENTOS DE UM PERCURSO EM  
ANÁLISE DO DISCURSO**

**Memória Acadêmica do  
Núcleo de Análise do Discurso  
da FALE/UFMG**

**NAD/POSLIN/FALE/UFMG  
2005**

**MOVIMENTOS DE UM PERCURSO EM ANÁLISE DO  
DISCURSO**

**Memória Acadêmica do  
Núcleo de Análise do Discurso  
da FALE/UFMG**

**Ida Lúcia Machado  
João Bôsko Cabral dos Santos  
William Augusto Menezes  
(orgs.)**

**CONSELHO EDITORIAL**

**Dylia Lysardo-Dias  
Emília Mendes-Lopes  
Hugo Mari  
Ida Lúcia Machado  
João Bôsko Cabral dos Santos  
Renato de Mello  
Sueli Pires  
Wander Emediato  
William Augusto Menezes**

**Núcleo de Análise do Discurso  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos  
Faculdade de Letras da UFMG**

**Belo Horizonte  
2005**

Direitos Autorais reservados – Lei 5988/73  
Copyright © 2005 – Núcleo de Análise do Discurso da FALE-UFMG  
Os capítulos assinados são de responsabilidade de seus autores.

Os capítulos deste livro, no todo ou em partes, podem ser reproduzidos para fins educacionais e de pesquisa, porém, é vedada a sua comercialização, nos termos da Lei dos Direitos Autorais, Lei 9610/98.

Ida Lúcia Machado  
Projeto Científico

João Bôsko Cabral dos Santos e William Augusto Menezes  
Projeto Editorial

Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias da Biblioteca FALE/UFMG

A532 Movimentos de um percurso em análise do discurso :  
memória acadêmica do Núcleo de Análise do  
Discurso da FALE/UFMG / Ida Lúcia Machado,  
João Bôsko Cabral dos Santos, William Augusto  
Menezes (organizadores). – Belo Horizonte : Núcleo  
de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação  
em Estudos Lingüísticos, Faculdade de Letras da  
UFMG, 2005.  
194 p. : il. (Análises discursivas ; v. 9)

Inclui índice onomástico.

ISBN:

I. Análise do discurso. I. Machado, Ida Lúcia. II. Santos,  
João Bôsko Cabral dos. III. Menezes, William Augusto.  
IV. Série.

CDD : 418

**NÚCLEO DE ANÁLISE DO DISCURSO**  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos  
Faculdade de Letras da UFMG  
<http://www.lettras.ufmg.br>

**Programa de Pós-Graduação em**

**ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

**Projeto de Editoração Científica**

**SÉRIE – ANÁLISES DISCURSIVAS**

**VOLUMES PUBLICADOS**

- 1. Teorias e Práticas Discursivas:  
Estudos em Análise do Discurso (1998)**
- 2. Fundamentos e Dimensões da Análise do Discurso (1999)**
- 3. Categorias e Práticas de Análise do Discurso (2000)**
- 4. Análise do Discurso: Fundamentos e Práticas (2001)**
- 5. Ensaio em Análise do Discurso (2002)**
- 6. Análise do Discurso em Perspectivas (2003)**
- 7. Gênero: Reflexões em Análise do Discurso (2004)**
- 8. Análise do Discurso e Literatura (2005)**
- 9. Movimentos de um percurso em Análise do Discurso  
Memória Acadêmica do Núcleo de Análise do Discurso  
da FALE/UFMG (2005)**

**NÚCLEO DE ANÁLISE DO DISCURSO  
FALE-UFMG**

**Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte – MG – Cep: 31270-901  
Tel. (31) 3499-5101 – Fax. (31) 3499-5124  
[discurso@letras.ufmg.br](mailto:discurso@letras.ufmg.br)**

## **COLABORADORES**

Dylia Lysardo Dias  
Universidade Federal de São João del Rei – UFSJ

Emília Mendes-Lopes  
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Hugo Mari  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-MG

Ida Lúcia Machado  
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

João Bosco Cabral dos Santos  
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Maria Carmen Aires Gomes  
Universidade Federal de Viçosa – UFV

Paulo Henrique Aguiar Mendes  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-MG

Renato de Mello  
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Wander Emediato  
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

William Augusto de Menezes  
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Wiliane Viriato Rolim  
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG



## **SUMÁRIO**

<b>Préface</b> <b>Patrick Charaudeau</b>	<b>13</b>
<b>Apresentação</b> <b>Ida Lúcia Machado</b>	<b>15</b>
<b>Algumas Considerações sobre a</b> <b>Teoria Semiolingüística de Patrick Charaudeau</b> <b>Ida Lúcia Machado</b>	<b>19</b>
<b>Um olhar epistemológico sobre a Memória Acadêmica</b> <b>do Núcleo de Análise do Discurso da FALE/UFMG</b> <b>João Bosco Cabral dos Santos</b>	<b>33</b>
<b>A Relação Professor/Aluno e o Contrato de Comunicação</b> <b>Renato de Mello</b>	<b>53</b>
<b>Discurso como condição de racionalidade para ações</b> <b>Hugo Mari</b> <b>Paulo Henrique Aguiar Mendes</b>	<b>75</b>
<b>O Problema da Informação Midiática entre</b> <b>as Ciências da Comunicação e a Análise do Discurso</b> <b>Wander Emediato</b>	<b>99</b>
<b>A Teoria Semiolingüística na Análise da Publicidade</b> <b>Dylia Lysardo Dias</b> <b>Maria Carmen Aires Gomes</b>	<b>117</b>

<b>O conceito de ficcionalidade e sua relação com a Teoria Semiolingüística Emília Mendes-Lopes</b>	<b>133</b>
<b>Semiolingüística e Política William Augusto de Menezes</b>	<b>149</b>
<b>Semiolingüística e Análise do Discurso Filosófico Wiliane Viriato Rolim</b>	<b>177</b>
<b>Índice Onomástico</b>	<b>193</b>

## PRÉFACE

Voilà un bel exemple de coopération internationale ayant à la fois un caractère scientifique et culturel.

Un caractère scientifique, parce que ce livre rassemble des études qui ont été menées durant ces dernières années par les membres du Núcleo de Análise do Discurso, autour de la théorie sémiolinguistique du discours. Ce travail a son origine dans un accord de coopération Capes-Cofecub qui a permis au NAD de l'Université Fédérale du Minas Gerais et au CAD de l'Université de Paris 13 de mener conjointement une recherche qui s'est concrétisée par de nombreux écrits et par la formation cohérente et raisonnée de nombreux étudiants dont certains sont devenus à leur tour des chercheurs de qualité.

Mais il s'agit aussi d'une coopération à caractère culturel, car ce livre témoigne également de la transmission réciproque de quelque chose d'autre qui s'est produit entre les chercheurs des deux universités. Un quelque chose d'autre que du pur scientifique —mais peut-être est-ce aussi la condition d'une collaboration scientifique entre des chercheurs de pays différents—, je veux dire quelque chose d'ordre culturel : la découverte de façons de penser différentes, de modes de raisonnement différents, de manières d'entrer dans une problématique et de traiter une question différentes. Il nous a donc bien fallu apprendre l'autre, sa façon de penser et même, dirais-je, de voir le monde. De cette découverte réciproque et de cet effort pour mieux comprendre l'autre est née une communauté de pensée qui nous a permis de continuer à travailler ensemble des deux côtés de l'Atlantique. L'une des leçons que l'on peut tirer de cette collaboration est qu'en matière de sciences humaines et sociales, il n'y a pas de lieu de savoir supérieur à d'autres, il n'y a que des lieux de savoir

différents qui ont intérêt à se rencontrer, mais en sachant que cette rencontre ne peut se faire qu'au prix d'un acte d'humilité : écouter l'autre.

Parler de théorie sémiolinguistique du discours peut paraître présomptueux. Une théorie ne se décrète pas. Elle se forge au cours du temps, souvent à l'insu de ceux qui y travaillent. En fait, il s'agit d'un ensemble de concepts et de propositions définitoires dont la cohérence finit par en faire un cadre de référence produisant à son tour une méthode d'analyse. C'est de cela qu'il s'agit ici, un lieu de problématisation de la réalité discursive qui tente de rendre compte d'un certain nombre de ses aspects sans prétendre les épuiser tous.

Aussi voit-on dans les études qui sont présentées dans cet ouvrage, à la fois des réflexions générales qui confrontent cette problématisation à des domaines disciplinaires qui lui sont connexes comme ceux de la communication, de la littérature ou de la philosophie, et des analyses d'application dans divers champs du discours: médias, publicité, politique, enseignement. On ne peut qu'être émerveillé par la qualité de ces études qui montre le sérieux avec lequel le NAD conduit ses recherches sous la houlette de la professeure Ida Lucia Machado.

Que cette façon de travailler, faite à la fois de modestie, de ténacité et d'intelligence, serve de modèle aux générations futures qui seront prises par le virus de l'analyse du discours.

Paris, le 17 janvier 2005.  
*Patrick Charaudeau*  
*Université de Paris 13*  
*Centre d'Analyse du Discours*

## APRESENTAÇÃO

Ida Lucia Machado  
NAD/FALE/UFMG

Este livro é formado por nove capítulos, um *Prefácio* e esta *Apresentação*: neles diferentes autores refletem sobre o *Núcleo de Análise do Discurso* (NAD) da FALE/UFMG e sobre a teoria que o fez “nascer”: a Semiologia, teoria que se revelou ser de grande aplicabilidade, adaptando-se a diferentes situações e tipos de discurso. Mas, mais que isso, as vozes que aqui falam querem contar, nas entrelinhas, suas experiências enquanto autores e participantes de um Centro de pesquisas: os conhecimentos já adquiridos que a ele levaram, o que nele apreenderam e agora, o que através dele estão difundindo.

Este livro busca, pois, traçar alguns movimentos ligados à criação e a alguns dos percursos empreendidos no NAD... Ele busca oferecer ao leitor alguns “traços da memória” desse centro de estudos; ora, como todo livro, pensará o leitor, terá ele também uma situação de enunciação: nada mais lógico. Mas, em se tratando de um livro cujo personagem principal é o NAD, surge uma outra questão, aparentemente “menos lógica”: -O que é a situação de enunciação de um Núcleo? E o que é seria essa situação de enunciação somada à de um livro sobre o referido Núcleo?

Se pensarmos neste último, diremos que tal situação depende de um local, de um tempo e de um espaço, assim como das circunstâncias de criação deste espaço e das interações que nele foram produzidas, graças aos seus

primeiros pesquisadores<sup>\*</sup>; se pensarmos no NAD, “personagem de livro”, teremos que ir em busca da situação de enunciação de seus autores e isso nos levará às experiências destes, dentro e fora do NAD, aos seus pontos de vista externos e internos. Como no famoso quadro enunciativo de Charaudeau (1983, p. 46), os autores do livro, tentam aqui afirmar suas identidades como membros do NAD, como analistas do discurso e *sujeitos-comunicantes*. Logo, vão todos se inserir em um dispositivo situacional... que levará ao NAD. Se enunciação existe, ela depende do NAD; se o NAD existe, ele depende das enunciações que o motivaram: e estas foram muitas e muitas, se ajuntando às enunciações primeiras (citadas na nota de rodapé) e, com o correr dos anos, mantiveram discussões entre si, gerando novos enunciados, vindos é claro, de novos enunciadores. E cada novo enunciado sedimentava o NAD. Como dizem os franceses, no âmbito da enunciação, “la boucle est bouclée”, sendo que este “bouclée”/fechada é paradoxalmente, algo aberto ou melhor dizendo, algo que está sempre em construção. Pelo menos no NAD.

A aventura do NAD é, antes de tudo, o resultado do encontro de Patrick Charaudeau com alunos-pesquisadores e

---

\* Patrick, Ida, Toninho, H. Ross, Hugo, Wander, Joãozinho, Giani, Preta, Dylia, Alice, Denise, Ivanir, Woodson, Paulinho entre outros alunos da Graduação (Francês e Português da FALE) e professores de Francês, Português e Lingüística da FALE e de Paris XIII. Pedimos desculpas se esquecemos de fazer aqui constar algum outro colega pesquisador/iniciador, ou seja, aquele ou aquela que se dispôs a assistir, em 1992, às nossas primeiras reuniões que se desenrolaram: ou na sede da APFMG (no centro de BH, na rua da Bahia) ou na sala de reuniões dos Estagiários de Francês da FALE ou finalmente, na sala 3047, gentilmente cedida pelo então diretor da FALE, Prof. Jacyntho, que atendeu à demanda que lhe foi feita, em nome do grupo, pelo então aluno Wander Emediato.

professores da FALE, aventura esta que teve início há 13 anos atrás, quando o NAD se “auto-intitulou” *Centro de Análise do Discurso*, a exemplo do *Centre d’Analyse du Discours* de Paris XIII, com o qual sempre esteve filiado, oficialmente falando. Porém, a “oficialização” do *Núcleo de Análise do Discurso/NAD*, como “centro de pesquisa e estudo” foi feita pela Congregação da FALE em 1996. Nesses 13 anos, muitos trabalhos foram feitos, muitos cursos foram realizados, muitas dissertações, teses e livros foram escritos. E, naturalmente, o NAD veio também abrigar a outras Teorias que a Semiologia.

Sem ter condições de fazer um trabalho exaustivo e que pudesse reunir todos os pesquisadores que já passaram ou que fazem parte do NAD, tivemos que fazer um recorte e contemplar apenas nove temas ou nove gêneros discursivos e o modo como podem ser tratados por uma teoria, no caso, a Semiologia. São eles: o literário, o didático, o midiático, o publicitário, o ficcional, o político, o filosófico. Fazem também parte dessa coletânea considerações sobre o discurso como condição de racionalidade para o saber, além de um *olhar epistemológico* lançado sobre o NAD por um de seus pesquisadores.

Entretanto, que o leitor não se engane: não são apenas 11 ou 12 as vozes que aqui falam. Atrás delas, ressoam os ecos de outras, que evocam outras: a Semiologia, como diz Patrick Charaudeau, é uma teoria “antropofágica” (no bom sentido!) e a isso acrescentaríamos: ela não é nem pretende ser um bloco hermeticamente fechado e sem janelas. Ainda que possa se aparentar à famosa caixinha de Rabelais... A Semiologia, com suas bases lingüísticas, mas, também com seus conceitos buscados na etnologia, na sociologia, nas teorias da argumentação, no dialogismo bakhtiniano é uma

teoria “aberta”, ao inspirar aqueles que com ela trabalham a aplicá-las a *corpora* “convencionais” (imprensa, publicidade, didática) como também ao inspirar outros a fazê-la entrar em contacto com domínios (ou gêneros) nunca antes sonhados por seu criador...Como toda teoria ela evolui e o NAD se encarregou de dar a ela seu toque pessoal.

Finalmente, se nos pedissem um símbolo para representar a Semiolingüística e nosso NAD, ousaríamos (e que ousadia!) citar Quíron, o centauro, fruto da união entre Ixion, filho de Ares e de uma nuvem modelada por Zeus à semelhança de Hera. Nosso simbólico Quíron estabelece a ligação entre a cientificidade da lingüística (por isso tem os pés sobre a terra) e conhecimentos vindos de outros horizontes; ele consegue, assim, concretizar uma sintonia entre saberes que, até bem pouco tempo atrás, restavam em compartimentos estanques.

Aos autores deste livro, o NAD - que foi por ele transformado em entidade enunciativa - agradece. Como também agradece a CAPES, sem cuja ajuda financeira tal publicação não poderia existir.



## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA SEMIOLINGÜÍSTICA DE PATRICK CHARAUDEAU**

Ida Lucia Machado  
UFMG

### **Considerações Gerais**

Já afirmamos, em artigos anteriores a este, que a Teoria Semiolingüística, lançada por Patrick Charaudeau no livro *Langage et Discours* (1983) é uma teoria que não despreza aquisições vindas de pesquisas em etnometodologia, antropologia, sociologia e psicologia ... tampouco aplicações oriundas da pragmática, do Dialogismo bakhtiniano e da interação “eu” e “tu” benvestiniana.

Na verdade, embora Charaudeau já tenha afirmado, em algumas de suas conferências<sup>1</sup> que sua teoria é “antropofágica” – no sentido metafórico e positivo da palavra, ou seja, o da absorção de idéias do “outro” para, a partir daí, nelas operar transformações e criações – o lingüista (1983, p. 7) nos inicia em sua teoria, lembrando que

(...) toda teoria, como toda palavra, se define em relação a outras teorias, a outras palavras; mas esta herança é assumida pelo sujeito que produz a teoria ou a palavra; o que significa que existirão tantos percursos históricos quantos forem os sujeitos que teorizam.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Como, por exemplo, aquelas das aberturas dos *I e II Simpósios Internacionais sobre Análise do Discurso*, eventos realizados pelo NAD da FALE/UFMG, em 1997 e 2002.

<sup>2</sup> Todas as citações de Charaudeau, neste artigo, foram por nós livremente traduzidas.

Um texto depende assim, sempre, de um outro texto; uma teoria depende também de outra ou de outras, nela(s) se inspirando. É por isso que, ainda nessa primeira apresentação de sua teoria, Charaudeau (*op.cit.*, p. 8) tem a prudência de afirmar que

(...) Não conseguindo estabelecer uma diferenciação entre nossa palavra e as múltiplas palavras de outros, não citaremos, ao longo de nosso percurso, nem as teorias precisas, nem os autores por elas responsáveis por tudo o que ficou ecoando em nosso pensamento até ser cristalizado em palavras, palavras cuja paternidade não assumimos totalmente, mas, somente em parte.

Esta curiosa e brilhante explicação, dada ao leitor antes que este “mergulhe” na Teoria Semiolingüística propriamente dita, intrigou mais de um dos pesquisadores<sup>3</sup> do *Núcleo de Análise do Discurso* (NAD), que buscaram deslindar a trama tão bem tecida desta teoria, colocando-a em confronto ou em contacto com outras. Devemos lembrar que tais atitudes não diminuíram o valor teórico-analítico da Semiolingüística e sim, vieram comprovar sua grande extensão e aplicabilidade.

Como já dissemos (2001, p. 43, 44), é justamente pelo fato de reunir em seu âmago idéias criativas a outras “pinçagens” teóricas, é por esse salutar amálgama, que consideramos a Semiolingüística como uma teoria que avança onde outras pararam, abrindo ao pesquisador um grande leque de opções dentro das abordagens teórico-lingüístico-discursivas.

---

<sup>3</sup> Vide, entre outras, as teses de Hugo Mari e João Bôsko Cabral dos Santos, ambas defendidas no PosLin da FALE/UFMG.

Falar da teoria em questão, neste momento preciso, no âmbito dos estudos já realizados no NAD, estudos que a tomaram por base, “decriptando-a”, explicando seus mínimos detalhes, torna-se para nós uma tarefa complicada: o que fazer para não cair em repetições sobre o que já foi explicado, de modo tão límpido, por Charaudeau e seus seguidores? Resolvemos optar por um caminho que poderá parecer “bizarro” para alguns: voltar à teoria em suas bases primeiras (1983) e, a partir daí mostrar que sua aplicabilidade não se restringe aos *corpora* constituídos por documentos de imprensa ou publicidades<sup>4</sup>.

### **O ato de linguagem como ato inter-enunciativo**

Acreditamos que o capítulo 2, do já citado livro de 1983, lançado por Charaudeau, é de uma grande riqueza, pois mostra as bases de uma teoria que iria se desenvolver cada vez mais, nos anos que se seguiram à sua primeira aparição. Vamos aqui tentar mostrar para o leitor uma breve visão baseada em conceitos expostos neste capítulo. Começamos então, refletindo sobre a dupla dimensão do fenômeno linguageiro. Para tanto, vamos utilizar um trecho de um conto de Machado de Assis: *O enfermeiro*. Necessário se faz então um rápido olhar sobre este *mini-corpus* ilustrativo.

O personagem-título do conto – que é também o narrador da história – jovem servil e dedicado, cansado de ser humilhado e maltratado pelo seu irascível paciente, um velho militar, um dia “perde a cabeça” e aperta demais o pescoço de seu “alcoz”... Após o enterro, o jovem enfermeiro fica sabendo que o mesmo coronel lhe havia legado todos os bens, por

---

<sup>4</sup> Como deixam crer alguns teóricos que não aceitam as idéias de Charaudeau...

testamento... Um drama de consciência instaura-se então, no narrador, como era de se esperar.

O episódio que agora transcrevemos, contém, de modo semi-explicito, semi-implícito (ou relatado) uma conversação mantida, após o enterro do coronel, entre seu ex-enfermeiro e herdeiro e alguns daqueles que o haviam conhecido em vida. Enquadrando essa conversação, figuram também a voz do narrador-contador dos fatos dirigindo-se ao seu leitor e futuro “contador-escritor” do conto. *Narrador 1* (o ex-enfermeiro) e *narrador 2* (o sujeito-escritor) se reúnem e “lançam” seu(s) relato(s) a um “tu destinatário duplo” ( o leitor privilegiado que vai nos contar a história, se transformando em *narrador 2*). Encaremos o trecho em questão como um *macro enunciado* ou como um *macro-ato de linguagem*:

Parece-lhe então que o que se deu comigo em 1860, pode entrar numa página de livro? Vá que seja, com a única condição de que não há de divulgar nada antes da minha morte. Não esperará muito, pode ser que oito dias, se não for menos; estou desenganado.

Olhe, eu podia mesmo contar-lhe a minha vida inteira, em que há outras cousas interessantes, mas para isso era preciso tempo, ânimo e papel, e eu só tenho papel; o ânimo é frouxo (...) Adeus, meu caro senhor, leia isso e queira-me bem; (...) Pediu-me um documento humano, ei-lo aqui. [segue-se a narrativa da vida difícil do narrador 1, enquanto enfermeiro do coronel até a morte deste, por ele perpetrada e sua convocação para receber a fortuna do coronel] (...)

*Receberam-me com parabéns. O vigário disse-me as disposições do testamento, os legados pios, e de caminho ia louvando a mansidão cristã e o zelo*

*com que eu servira ao coronel, que, apesar de áspero e duro, soube ser grato.*

*- Sem dúvida, dizia eu olhando para outra parte.*

*Estava atordoado. Toda a gente me elogiava a dedicação e paciência.(...) Durante este tempo, falava muita vez do coronel. Vinham contar-me cousas dele, mas sem a moderação do padre; eu defendia-o, apontava algumas virtudes, era austero...*

*- Qual austero! Já morreu, acabou; mas era o diabo.*

*E referiam-me casos duros, ações perversas, algumas extraordinárias. Quer que lhe diga? Eu, a princípio, ia ouvindo cheio de curiosidade; depois entrou-me no coração um singular prazer, que eu, sinceramente, buscava expelir. E defendia o coronel, explicava-o, atribuía alguma coisa às rivalidades locais; confessava, sim, que era um pouco violento... Um pouco? Era uma cobra assanhada, interrompia-me o barbeiro; e todos, o coletor, o boticário, o escrivão, todos diziam a mesma cousa; e vinham outras anedotas, vinha toda a vida do defunto. Os velhos lembravam-se das crueldades dele, em menino. (...) [Segue-se a história relatada pelo narrador 1]*

*Adeus, meu caro senhor. Se achar que esses apontamentos valem alguma cousa, pague-me também com um túmulo de mármore, (...)*

Transcrevemos este trecho do conto de Machado de Assis, para nele observar não a troca comunicativa que se mantém, em uma primeira instância, entre o *narrador 1* e seu *destinatário 1*, situados, respectivamente, em uma situação de confissão e leitura. O que nos interessa, sobretudo, no trecho acima, é a conversação<sup>5</sup>, realizada entre várias vozes: a que é

---

<sup>5</sup> *narrador 2.*

mantida entre o ex-enfermeiro e, naquele momento da narrativa, herdeiro do rico coronel e alguns dos habitantes da cidadezinha, que haviam conhecido o morto. Note-se, nessa parte<sup>6</sup> que as trocas comunicativas são operadas entre o herdeiro e os seguintes personagens: o vigário; algumas vezes não identificadas (que vão representar a *vox populi*); o barbeiro, o coletor, o boticário, o escrivão, os velhos...

Não nos será difícil imaginar diálogos, que estariam no discurso direto, nesse trecho. Neles, aos poucos, o personagem do ex-enfermeiro vai perdendo seu medo de ser descoberto como assassino e passa dos enunciados (ou atos de linguagem) medrosos e confusos a afirmações cada vez mais decididas e convincentes sobre as qualidades daquele ser insuportável que ele havia acabado de matar! Os interlocutores do ex-enfermeiro (salvo o vigário) não escondem a antipatia que o coronel lhes inspirava e a expõem francamente; em um movimento irônico, bem machadiano, o herdeiro resolve defender seu algoz e vítima. O leitor do conto (ou o “ouvinte” dos pseudo-diálogos) talvez esperasse que ali, justamente, o contrário ocorreria: o assassino iria falar mal de sua vítima para justificar (para si mesmo e para os outros) seu ato; seus interlocutores iriam louvar o coronel, obedecendo a uma piedosa atitude judaico-cristã que, geralmente impõe aos vivos não falar mal dos mortos, por piores que estes tenham sido em vida...

Nas entrelinhas dessa conversação, podemos “adivinhar” as hesitações do herdeiro-narrador e depois, o sentimento de prazer que o invade ao “jogar” com a palavra, ao usá-la para defender o terrível coronel e assim, ludibriar seus interlocutores e ele mesmo, criando uma nova realidade onde ele – o assassino – transforma-se em uma pessoa de

---

<sup>6</sup> Trecho que foi, por nós, colocado em itálico.

sentimentos nobres, dotado de humana piedade cristã. Nota-se que o personagem em questão delicia-se com o poder de suas palavras, com o discurso de “bom moço” que constrói e que vai “virar o jogo” de sua vida.

Outros autores que Machado poderiam dar um novo rumo a essa conversação. Escritores “sérios” (não irônicos) poderiam talvez fazer com que, através das palavras, o enfermeiro se denunciasse, revelasse seu crime, deixando escapar um índice dele, em um *lapsus*, por exemplo. Não é essa, no entanto, a intenção ou a visada que leva um *sujeito-comunicante* como Machado de Assis a escrever ou a contar histórias. Ou ainda a dar a palavra a um outro “contador de histórias” que se dirige ao seu futuro *sujeito-escritor*. A narrativa compõe-se através desse jogo bem ordenado. Como Stephan Zweig, só para citar um outro escritor, trataria esse mesmo tema? O desfecho seria diferente, na certa...O diálogo, elemento redentor para o enfermeiro machadiano, poderia lhe ser mortal, em outro *projeto de escritura* concebido por um outro *sujeito-comunicante-escritor*.

Assim, o diálogo que tentamos evidenciar no citado trecho, coloca em destaque o que poderíamos chamar, juntamente com Charaudeau (1983, p. 15) de “multiplicidade enunciativa”: ela é inerente a um *macro ato de linguagem*, no caso, o trecho do conto onde é relatada a pseudo-conversação. Cabe-nos lembrar que não são todos os leitores que gostam da ironia; que não são todos que concordarão com a atitude de “jogador de palavras” do enfermeiro; haverá bem aqueles que o condenarão (ainda que se trate de um personagem de ficção). Desse modo, a multiplicidade a qual nos referimos acima, depende dos atores do *macro ato de linguagem*, ou seja: dos leitores reais com seus imaginários e crenças sociais ao penetrar no projeto de escritura d’ *O enfermeiro*.

Qual foi nossa intenção ao mostrar esse pseudo-diálogo? O que ele tem a ver com a Teoria Semiolingüística? A resposta é simples: quisemos mostrar, através de um trecho de ficção, que a comunicação, mesmo aquela que se instaura em um “mundo de papel”, se situa tanto no nível do implícito quanto no nível do explícito. O sentido do ato de linguagem deve ser procurado não apenas em sua configuração verbal, mas, sobretudo, no *jogo* que se estabelece entre essa configuração (a verbal, visível e concreta) e seu sentido implícito, sentido este que vai depender da relação dos protagonistas do ato de linguagem entre si e de sua relação com as *circunstâncias de comunicação* que envolvem o dito ou o escrito.

### **As duas dimensões do ato de linguagem**

Estas duas dimensões do ato de linguagem – a explícita e a implícita – são indissociáveis, uma depende da outra. Como diz Charaudeau (*op.cit.*, p. 17), o explícito deve então ser visto como “símbolo de uma atividade estrutural da linguagem, ou seja, como uma simbolização referencial”.

Tentemos ilustrar o que foi dito com outro exemplo, com um enunciado bem resumido como: “Beijinho!” Temos que convir que, mesmo fora de um contexto, esse enunciado (ou *micro ato de linguagem*) terá um certo “sentido”, na medida em que será diferente de “Mordida!” ou “Me dê um beijinho!”, etc.

É possível produzir várias paráfrases a partir desse “Beijinho!”. Estamos assim estabelecendo, no ato que esta palavra produz, um jogo linguageiro de reconhecimento morfo-semântico. Ora, esse jogo constrói sentidos, sentidos que nos remetem à realidade, ou seja: ao pedir um “Beijinho!” para alguém, estamos estabelecendo um “ato de simbolização



referencial”: estamos nomeando uma coisa em vez de nomearmos outra.

O implícito, sempre segundo Charaudeau (*ib.*) é bastante ligado à significação de um ato de linguagem. Retomando “Beijinho!” e levando em conta suas *circunstâncias de produção* (o *hic et nunc*), podemos imaginar que quem enuncia tal produção linguageira está querendo dizer ou fazer entender ao seu interlocutor várias coisas, entre elas:

- (i) “Quero que você me beije agora.”
- (ii) “Eu fiz um favor para você então mereço ganhar um beijo.”
- (iii) “Você vai embora sem se despedir de mim? Que pouco caso é esse?”

Como vêem, várias paráfrases seriais são possíveis a partir de nosso “Beijinho!”. Elas são concomitantes na mesma instância de palavra. Assim é dito ao mesmo tempo: “Beijinho!” (uma forma aparente) e “Você vai embora sem se despedir de mim? Que pouco caso é esse?” (uma forma não-aparente). O implícito e o explícito são ainda compatíveis, pois o sujeito-enunciador poderia reuni-los: “Me dê um beijinho antes de sair: que pouco caso é esse?”

O que Charaudeau quer dizer com isso é que a linguagem está ligada à “concretização” dos signos: na verdade, isolados de um contexto, estes não divulgam significados (no sentido amplo da palavra), no mundo das trocas linguageiras; precisam, pois, estar inseridos em uma totalidade discursiva, totalidade esta que possa ultrapassar o signo em si. A novidade - em 1983 - que o teórico trouxe para a lingüística-discursiva foi esta: o sentido se constrói através de uma atividade estrutural da linguagem, em uma primeira etapa;

e, em uma segunda etapa, ele se completa através do implícito: este seria um “testemunho de uma atividade seriada da linguagem: a significação” (*Op.cit.*, p. 16, 17).

Podemos dizer que o sentido explícito “instrui”, “orienta” de certo modo (ou pelo menos tem essa intenção) o ouvinte ou o leitor, o “tu” a quem nós nos dirigimos, a fim de que este chegue, apenas com nossas palavras “explícitas” ao “implícito” que desejamos fazê-lo captar ou pelos mesmos, sentir... Essa orientação se situa em um plano mais ou menos idealizado, é claro: nem sempre ela dá certo... se isso acontecesse, se todos os implícitos fossem decodificados de acordo com as intenções de cada *sujeito-comunicante* não haveria mal-entendidos na comunicação humana. O que não impediria também, mil e um desacordos! Nem sempre desejamos que nossos implícitos sejam decodificados... A comunicação é tão complexa quanto são complexos seus usuários...

Quem adivinharia que, em nosso caso pessoal, quando dizemos “Churrasco?!?” estamos querendo fazer nosso ouvinte compreender (ou não, conforme o contexto ou as *circunstâncias do discurso*) o implícito desse enunciado e que esse implícito seria algo do tipo: “Que horror! Comer carne de animais...”

Tentemos a mesma experiência com *O enfermeiro* de Machado de Assis. Lido por um leitor de uma outra cultura, de um outro país (onde a ironia não seja bem vista ou pouco praticada) o conto em questão seria considerado como um conto ilegal e amoral. O *jogo* que o enfermeiro faz com as palavras ao transformar sua ambígua atitude de vítima/assassino em atitude de homem de idéias largas e nobres, a criação dessa nova realidade, o *não-sério* inserido no *sério*, tudo isso pode muito bem não agradar a um certo tipo de

leitor...Ou melhor, não ser por ele assimilado, em razão dos imaginários coletivo-sociais que gerem sua vida.

Em suma, aos olhos da Semiolingüística, o fenômeno linguageiro será constituído por um duplo movimento:

- (i) um movimento exocêntrico, que leva todo ato de linguagem a ter significado – a fazer significar algo – em um espaço intertextual, ou seja: aberto; é este o espaço que a ironia d' *O Enfermeiro* reivindica;
- (ii) um movimento endocêntrico, que leva o ato de linguagem – e os signos que o compõem – a significar em um espaço fechado: é este o espaço reservado do fórum íntimo de cada leitor ou *sujeito-interpretante*.

Vem daí a famosa “equação” de Charaudeau (*op.cit.*, p. 20) : “ $A \text{ de } L = (\text{Explícito} \ \& \ \text{Implícito}) \ C \text{ de } D$ ”. Ou seja: o ato de linguagem só pode ser considerado como tal se levarmos em conta sua parte explícita e o jogo que ela estabelece com a parte implícita, segundo as *condições do discurso* ou o contexto em que tal ato se insere. Lembremos ainda que tais condições dependem de relações de hierarquia, dos rituais de troca linguageira, dos rituais de polidez que os diferentes sujeitos mantêm entre si, ou seja: tudo está ligado às relações que serão tecidas entre os *sujeitos-comunicante/enunciador* face aos *sujeitos-destinatário/interpretante*.

Em outros termos, essas condições estão localizadas no mundo das práticas sócio-culturais, com seus “dicionários” mentais de saberes partilhados que circulam entre os sujeitos da comunicação. Por exemplo, não obteremos, enquanto sujeito-falante, uma boa resposta se não respeitarmos, um mínimo que seja, o saber do outro: não podemos chegar em

um guichet de uma rodoviária e pedir uma passagem aérea. Para sermos bem atendidos, precisamos entrar nas *circunstâncias do discurso* e solicitar ao nosso alocutário uma passagem de ônibus, é claro!

Assim dito, isso parece tão banal! Porém, a comunicação, em sociedade não é algo simples, direto, como nosso exemplo acima deixa crer. Talvez tenha sido por isso que Charaudeau lançou um termo francês - bastante feliz - para descrever a ação do ato de linguagem: *enjeu*. Todos os atos comunicativos, sejam eles falados ou escritos são, na verdade, *enjeux*, “apostas”, como nos dirá um dicionário francês-português. E o dicionário está certo: quando “jogamos” um enunciado (oral ou escrito) no mundo das palavras, estamos nos lançando em um jogo, estamos apostando na eficácia de nosso uso linguageiro – ele será adequado? Irá influenciar alguém? Irá influenciar esse alguém 10, 20 ou 90%? Seremos escutados (ou lidos)? Alguém vai captar nossos sentimentos? Ou vai destruí-los, reconstruindo-os? Como dizem os franceses: “Va t'on savoir...”

### **Algumas palavras à guisa de conclusão...**

Em suma, a Semiolingüística trabalha sobre a ambigüidade que é parte inerente da linguagem, já que esta é um objeto-transparente e não-transparente, ao mesmo tempo... A teoria discursiva em pauta vai então se abrir para o estudo do “conflito” que existe entre o sujeito individual, único e o sujeito coletivo que nele habita e se faz ver, segundo as diferentes *circunstâncias do discurso* em que ele se encontra.

Ou seja: todos nossos atos comunicativos se situam entre um saber sedimentado, coletivo<sup>7</sup>, entre um “estar lá provisório” (algo que fica esperando para ser usado, no mundo languageiro) e a utilização individual desse algo, que vai se concretizar no ato de linguagem. Retomemos o exemplo do conto por nós aqui citado: *O enfermeiro* (o livro que o contém) pode ser colocado em uma estante, ficar nela sem nunca ser lido; aí então esse *macro ato de linguagem* nunca nos dirá nada. Porém, se o lermos, emprestarmos, falarmos dele para alguém ou mesmo se utilizarmos um trecho de seu pseudo-diálogo em um artigo sobre...Semiolingüística, estaremos tirando alguma coisa daquele conto, daquele “amontoado de saber” que Machado nos legou, ainda que o utilizemos de modo individual e em novas *circunstâncias de discurso*...

Assim, o saber languageiro se constrói, somando paciente ou impetuosamente uma série de atos discursivos, que, por sua vez, carregam em si vários *enjeux* discursivos: cada um deles seria resultante das duas atividades languageiras nomeadas por Charaudeau como “simbolização referencial” e “significação”. Na verdade, o duplo movimento (exocêntrico/endocêntrico) que citamos seria, nada mais, nada menos que a semiotização do mundo, feita por um sujeito individual e/ou coletivo. Nesse caso, o pseudo-diálogo d’ *O enfermeiro* visa passar uma mensagem para seu leitor: irritá-lo, diverti-lo... Enfim, o conto em seu todo, busca estabelecer uma forma de comunicação entre os protagonistas do “mundo de papel” (personagens) e os atores do ato de linguagem (escritor & leitor).

Não poderíamos encerrar este artigo sem uma última citação do autor da Semiolingüística. Charaudeau (1983, p.

---

<sup>7</sup> Um “núcleo meta-discursivo” (Nmd), nas palavras de Charaudeau (1983, p.28).

49), talvez para mostrar o alcance do instrumental teórico que criou, ao falar do *sujeito-escritor*, lembra que este tem

(...) um determinado projeto de escritura e que, para concretizá-lo, organiza seu ato de linguagem, transformando-o em ato de escrita literária, ato este que é, por sua vez, dirigido a um leitor "imaginado" pelo escritor, leitor capaz de compreender o contrato literário [que lhe é proposto]. E esse eu-comunicante-escritor obtém um certo prazer [lúdico] ao utilizar [no ato em questão] diferentes contratos: os de confiança, os de realidade, (...)

São esses contratos de confiança e realidade que regem a abertura e o fechamento do trecho que transcrevemos d' *O Enfermeiro*, aliás, como o leitor poderá talvez notar: "talvez", porque a comunicação, seja ela oral ou escrita, coloquial ou literária é assimétrica e construída tendo por base uma série de apostas ou, se preferirem, de *enjeux*...

### **Referências Bibliográficas**

- CHARAUDEAU, P. Langage et discours. Paris:Hachette. 1983.  
MACHADO, I.L. "Uma teoria de Análise do Discurso: a Semiologia". In: Mari, H. *et al.* (orgs.) Análise do Discurso: fundamentos e práticas. Belo Horizonte:Ed.Segrac, Col.NAD. 2001. p.39-62.  
MACHADO DE ASSIS, Contos. São Paulo:Paz e Terra. Col.Leitura. 1998. p.67-80.

## **UM OLHAR EPISTEMOLÓGICO SOBRE A MEMÓRIA ACADÊMICA DO NÚCLEO DE ANÁLISE DO DISCURSO DA FALE/UFMG**

João Bôsko Cabral dos Santos  
UFU

### **Considerações Gerais**

Este trabalho tem por objetivo construir uma reflexão teórico-metodológica acerca da trajetória temática dos encontros acadêmicos do Núcleo de Análise do Discurso (NAD) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Uma reflexão teórica, porque mapeia uma base referencial de conceitos que se conjugam aos arcabouços teóricos em Análise do Discurso, conceitos estes que norteiam as pesquisas do núcleo. Uma reflexão metodológica, porque tem se constituído uma base complementar de discussões acerca de procedimentos de abordagem de *corpora*.

Nessa perspectiva, as transversalidades discursivas têm se constituído como uma base contextual de investigação acerca da instauração dos discursos nos processos enunciativos. Nossa proposta é pontuar algumas dessas transversalidades, evidenciando as contribuições de ordem epistemo-pragmáticas no fortalecimento da linha de pesquisa “Análise do Discurso” do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da FALE/UFMG. Dentre as temáticas que serão abordadas destacamos: Discurso e Ficção (2003); Discurso e Gênero (2002) e Discurso e Mídia (2001).

Para descrever esse percurso propomos uma contextualização acadêmica do Núcleo, partindo das atividades concebidas em torno do projeto integrado intitulado *Gêneros do*

*Discurso: mediações e materialidades discursivas*, para, em seguida, apresentar os referenciais teóricos que têm norteado as pesquisas. Na seqüência mencionaremos algumas temáticas de investigação que têm sido recorrentes, para depois exemplificar algumas temáticas já tratadas nos encontros acadêmicos do NAD.

Dando continuidade à reflexão, pretendemos abordar, ainda que de forma breve, a questão das construções temáticas e seus efeitos epistemológicos. Para isso, situaremos, exemplificando, os mecanismos acadêmicos pelos quais são conduzidas as discussões temáticas no grupo. Nessa reflexão, descreveremos os procedimentos de construção de um processo de interface, tomando por referência os efeitos epistemológicos da construção temática.

Por fim, pretendemos avaliar o processo de construção de transversalidades discursivas, aqui entendidas como processos de deslocamentos sentidurais, com vistas a uma pontuação teórica, em nível de suporte, para os objetos em investigação.

Iniciemos, pois, com algumas considerações históricas acerca do NAD/FALE/UFMG.

### **Considerações Históricas**

O *Núcleo de Análise do Discurso* da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (NAD/FALE/UFMG) é um grupo de trabalho constituído em torno da linha de pesquisa – *Análise do Discurso* – do *Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos* da mesma instituição. O NAD constitui-se enquanto um fórum acadêmico de discussões e fomento de pesquisas na área, e



nos últimos anos congregou pesquisadores em torno do já citado projeto sobre “gêneros”.

Além de se constituir em um espaço para estudos e pesquisas de uma vertente franco-suíça de análise do discurso em que conjugam teorias como a Semiolingüística de Patrick Charaudeau e a Abordagem Modular de Eddy Roulet, o NAD também abriga pesquisadores que investigam outras correntes de análise do discurso.

O NAD tem, assim, reunido pesquisadores de diversas instituições do Estado de Minas Gerais (UFMG, UFV, UFSJ, UFOP, UFU, PUC-MG, UNIBh, UNILESTE, Faculdades Milton Campos, Faculdades Integradas de Sabará e Faculdades Pitágoras, entre outras). Esses pesquisadores trazem suas idiossincrasias institucionais que se integram na construção de uma prática acadêmica permeada de saberes partilhados e conhecimentos gerados na heterogeneidade dessas diversas experiências institucionais. Cabe ressaltar que, as atividades acadêmicas do NAD sempre se pautaram por uma grande seriedade teórica que fomenta as discussões, seminários e eventos nele organizados.

Os estudos sobre a obra de Patrick Charaudeau fomentaram muitas pesquisas desenvolvidas tanto pelos membros do Núcleo quanto por mestrandos e doutorandos que passaram pela linha de pesquisa “Análise do Discurso”. Dentre as temáticas que tomaram por referencial teórico a Teoria Semiolingüística, destacamos análises lingüístico-discursivas acerca de peças publicitárias, manchetes de jornais, jornais televisivos, editoriais de jornais impressos, programas de educação na mídia, música sertaneja e lei dos genéricos, entre outros. Com essa diversidade temática, muitas interfaces foram esboçadas, envolvendo o atravessamento de vários discursos no crivo das noções semiolingüísticas, dentre os quais citamos:

o discurso publicitário, o proverbial, o midiático, o ficcional, o político, o filosófico, o de humor, o literário...

A mesma dinâmica se aplica aos estudos sobre a Abordagem Modular do Discurso de Eddy Roulet, sob a qual, também, várias pesquisas foram embasadas. Considerando os aspectos teóricos explorados a partir da Abordagem Modular, podemos evidenciar o trabalho com estratégias argumentativas, graus de explicitação e graus de empatia, entre outros aspectos teóricos. Já no que se refere à natureza dos *corpora* investigados ressaltamos as análises modulares realizadas com narrativas orais populares da Amazônia paraense, com segmentações periódicas de trocas epistolares e com seqüências discursivas de interações cotidianas, entre outros *corpora*.

No que se refere às outras correntes teóricas de Análise do Discurso, que também se configuram no trabalho desenvolvido pelo Núcleo, destacamos as pesquisas realizadas sob o referencial teórico da Escola Francesa de Análise do Discurso, uma corrente que comporta os seguidores da teoria da Análise Automática do Discurso de Michel Pêcheux em suas diversas versões, extensões e atualizações e da Escola Francesa de Análise do Discurso de corrente pragmático-lingüística com bases teóricas na Semântica Argumentativa, na Teoria dos Atos de Fala e na Etnometodologia. Para essas duas correntes, os enfoques mais freqüentes têm abordado a construção de sentidos em determinadas manifestações discursivas tais como o discurso político-eleitoral, quadros e quadrinhos, o discurso estatal, o discurso jornalístico sobre educação, as relações discursivas entre o plano verbal e o fotográfico, entre outros enfoques.

Dentre as atividades do Núcleo, merecem destaque os encontros acadêmico-temáticos nos quais, a cada ano, um

tema é eleito para as discussões epistemo-pragmáticas, gerando uma série de desencadeamentos na comunidade acadêmica. Em 1998, por exemplo, a temática foi a da “Argumentação”. Debruçamo-nos, então, nas leituras de Chaim Perelman, Oswald Ducrot e J. C. Anscombe, passando por C. Plantin e J. J. Robrieux. Já em 1999, engajamo-nos nas leituras sobre a Teoria da Relevância de D. Sperber e D. Wilson, com especial ênfase para a obra *La contagion des idées*, de D. Sperber. Ambas as obras foram extremamente esclarecedoras para se estabelecer um limite entre a fronteira cognitiva e a “aduana” dos traços extralingüísticos do discurso.

Feitas essas considerações históricas a respeito do funcionamento do NAD, passemos agora a uma discussão epistemológica sobre o papel das temáticas na construção das identidades acadêmicas.

### **Construções temáticas e efeitos epistemológicos**

A construção de uma temática traz em sua constitutividade enunciativa uma série de implicaturas acadêmicas que fomentam o processo de formação de pesquisadores nas instituições. Uma temática comporta em sua enunciatividade um potencial de atos discursivos *cogentes*<sup>1</sup> que integram abordagens teóricas conjugadas a procedimentos metodológicos de análise. Dito de outra forma, uma temática

---

<sup>1</sup> A *cogência* diz respeito ao *referendum* lógico de sentidos, mediante a prevalência e a eficácia de sua representação enquanto convicção prospectiva. Este conceito foi adaptado a partir de uma interpretação discursiva do conceito de *argumentos cogentes* da *Teoria Consensual da Verdade* de Jürgen Habermas, resguardadas as convergências epistemológicas com o enfoque discursivo deste trabalho.

representa um conjunto de propósitos na *praxis* social de um grupo de sujeitos.

A natureza desses propósitos se revela na escolha temática porque dela decorrerão ações que serão examinadas no crivo de trabalho de cada sujeito. Por exemplo, em 2001, por ocasião da exploração da temática “Discurso Midiático”, enquanto atividade dos encontros acadêmicos do NAD, fizemos uma transposição da questão da sedução no contrato publicitário para a relação sujeito/linguagem em sala de aula de línguas. E registre-se que nossas leituras àquela época centravam-se na questão da recepção de peças publicitárias de perfumes pelo público televisivo: textos de Soulages (2001) e Chabrol (1997). Tal transposição se calcava a partir de uma interpretação acerca das modalidades do discurso social, tais sejam, a informação e a persuasão.

Nesse sentido, construímos um *referendum* lógico que afirmava não haver um discurso social em sala de aula, daí não haver relações de influência e persuasão nas atividades propostas pelo professor. Dito de outra forma, a prevalência de sentidos abstratos e alheios à realidade social dos aprendizes impedia uma eficácia de persuasão no conteúdo apresentado pelo professor. O ato discursivo cogente aqui, diz respeito a uma transposição temática de universos de sentidos – o universo do discurso midiático transposto para o universo do discurso pedagógico.

A partir dessa reflexão podemos conceituar os atos discursivos cogentes, base das inter-relações dos sujeitos envolvidos com as temáticas, como manifestações enunciativas fundadas na referencialidade discursiva dos sujeitos, quando circunscritos sócio-profissionalmente em uma instituição, com uma orientação sentidural voltada para a indagação ou para a investigação.

Dessa maneira, tais atos podem ser definidos como sendo atos de linguagem pontuais, cuja validade se efetiva pelo seu caráter de investigação escrupulosa e oficial. A discussão acadêmica de uma temática suscita relações teóricas que intersecciona conceitos e formas de examinar ocorrências de regularidades<sup>2</sup> em determinados *corpora*. Nessa ordem discursiva prioriza-se a particularização das ações acadêmicas e a representação das práticas científicas.

Assim, trabalhar com construções temáticas fomenta o propósito de produzir efeitos epistemológicos, porque se constrói uma clivagem das realizações linguageiras decorrentes do contato com as experiências teórico-metodológicas em discussão no grupo. Tais experiências são descritas, classificadas e avaliadas enquanto potencial de sentidos a ser “cogenciado”, submetido a inferências determinadas pela referencialidade sujeitudinal de cada pesquisador. Este reconhece suas referências nos acontecimentos científicos em discussão na temática em construção e por meio de conexões entre a referencialidade e os fatos, estabelecendo relações numa diversidade de lugares discursivos.

No ano de 2002, a temática transversal proposta para o NAD foi compilada do próprio projeto integrado *Gêneros do Discurso: mediações e materialidades discursivas*. As implicaturas acadêmicas desse projeto nos colocavam no

---

<sup>2</sup> Cf. Santos (2000, p.231) essas ocorrências são evidências significativas, observadas em *corpora* que surgem a partir de uma análise preliminar de registros coletados. Essas evidências aparecem como dados a partir de elementos muitas vezes não previstos no projeto inicial, mas que se revelam na escansão do *corpus*. Assim, emoldura-se com mais clareza o tópico a ser investigado, oferecendo uma maior consistência às hipóteses definidas para a pesquisa.

esteio das temáticas que estavam sendo trabalhadas no CAD (*Centre d'Analyse du Discours*) da Universidade Paris XIII, no laboratório dirigido pelo Professor Patrick Charaudeau. A partir das discussões iniciais observamos que o potencial teórico que se apresentava seria base para a construção de exercícios de interface.

Partindo do escopo teórico da Teoria Semiolingüística, lançamo-nos nesses estudos, cada pesquisador abordando uma questão pontual sobre a linguagem. Nessa perspectiva, investigar a adequação de um determinado referencial teórico aos propósitos constituídos de um outro, além de trazer subsídios para uma compreensão das bases epistemológicas deste, promovia uma extensão em nível de aplicação e usos epistemológicos daquele.

Nessa compreensão, iniciamos um estudo sobre os gêneros textuais a partir da referencialidade contextual da Teoria Semiolingüística. Hipotetizamos a idéia do texto enquanto manifestação discursiva circunscrita numa dimensão social, cultural e lingüístico-semiológica. Na seqüência, passamos a considerar os gêneros textuais também enquanto manifestações discursivas, ampliando suas fronteiras teóricas, atribuindo-lhes a condição de modalidades de materialização lingüística dos discursos.

Tal reflexão imediatamente nos remeteu para as decorrências dessa percepção nas perspectivas de ensino de leitura e produção de textos, ou seja, a percepção inferencial proporcionada a partir do trabalho com a temática evocou os propósitos da *praxis* social dos sujeitos. Na interface construída, entendemos que, na qualidade de “espaço referencial”, o gênero textual contém sentidos a significar e sentidos significados. Essa percepção se justifica no crivo com os processos de semiotização na Teoria Semiolingüística.

Dentro dessa interface, consideramos o gênero textual enquanto espaço enunciativo e condição de produção para a instauração de um discurso (utiliza-se um texto X, com um propósito Y, para significar Z). E no reconhecimento de sentidos significados no gênero, dizemos que o gênero textual pode funcionar como condição de interpretação em torno de um dado discurso (o texto X significa Y para produzir um efeito Z).

### **Construindo transversalidades discursivas**

Chamamos de “transversalidades discursivas”, as operações de re-significação, construídas sobre conceitos pré-existentes, que dão origem a uma dimensão conceitual outra, circunscrita na mesma ordem discursiva da concepção anterior, mas com significação distinta. Um exemplo de transversalidade discursiva está na apresentação do conceito de sincronia factual feita por Santos (1997) a partir de uma re-significação do conceito de *Contrato de Comunicação* na Teoria Semiolingüística.

O autor considera a sincronia factual como um processo enunciativo que se configura na vigência de informações que circulam enquanto focalização para notícias (um exemplo, se tomarmos o mês de junho de 2004, nele veríamos o fato do exército tomar as ruas de São Paulo para a conferência da ONU). Tal acontecimento pode ser considerado sincrônico porque após seu efeito de significação (o fato se elucida ou nova informação preenche o espaço discursivo da sincronia factual jornalística), perde o valor enquanto sentido detonador de processos enunciativos e ganha o *status* de arquivo referencial. Torna-se factual porque se restringe a um contexto pontual particular (outro exemplo seria o filho “bastardo” que o

ex-presidente Fernando Henrique Cardoso teve com uma repórter da Rede Globo – tal notícia só interessou enquanto apresentava ao público uma faceta desconhecida da imagem de um presidente).

Analisemos o conceito de Contrato de Comunicação, elaborado por Charaudeau (1994) para depois compreendermos como Santos (1997) construiu suas transversalidades discursivas. Charaudeau entende o contrato de comunicação como um espaço discursivo que sobredetermina todo ato de linguagem. Nessa perspectiva, o contrato inter-relaciona diferentes instâncias enunciativas em torno de um mesmo propósito discursivo. Santos também entende a sincronia factual como um espaço discursivo, só que ele estabelece um estatuto de sincrônico para fronteirizar um atributo nesse espaço discursivo. Da mesma forma, ele também inter-relaciona diferentes instâncias enunciativas no mesmo propósito discursivo à medida que, além do atributo restritivo de sincrônico, acrescenta o aspecto de pontualidade de significação. Constrói-se, pois, uma transversalidade discursiva, porque são fundidos dois contratos de comunicação, o da sincronia e o da factualidade em uma mesma instância enunciativa – o da notícia que se torna referência particular acerca de um fato.

Assim, podemos afirmar que a transversalidade discursiva se constitui enquanto plano sentidural, que atribui significação num processo teórico outro, que passa a significar em uma outra dimensão conceitual. Observemos, também, que essa significação outra mantém a mesma ordem discursiva da anterior. Dessa forma, predomina a gênese sentidural do conceito de contrato de comunicação com uma significação outra fundada para suporte de outro plano teórico – um estudo sobre editoriais no discurso jornalístico.



No ano de 2003, foi trabalhada pelos membros do NAD a temática *Análise do Discurso e Ficção*. Nessa perspectiva, foram discutidas referências teóricas de autores como Jean-Marie Schaefer, Anne Reboul, Pierre Bange, Francine Cicurel, Roger Odin e Jean-Claude Soulages. O exemplo de transversalidade discursiva que vamos apresentar diz respeito à apresentação do texto *Littérature, Fiction, Apprentissage: Le mode fictionnel du discours* (Literatura, Ficção, Aprendizagem: O modo ficcional do discurso) de Francine Cicurel.

Trata-se de um artigo que foi concebido originalmente para discutir o processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. A primeira re-significação, rumo aos processos de transversalidades discursivas, ocorre pela escolha de um texto da área de Lingüística Aplicada (*Didactologie des Langues-Cultures*), portanto, um texto que trata de questões voltadas para o ensino de línguas trazido para uma reflexão acerca da *Análise do Discurso e Ficção*.

Tal re-significação, quer dizer, a leitura do texto com outra dimensão conceitual, já nele traduz um índice de transversalização. A segunda re-significação, razão, inclusive, da escolha do texto para o fórum acadêmico em questão, diz respeito à rede conceitual apresentada pela autora para focar a questão da ficção. A autora introduz nuances epistemológicas diferenciais no que se refere ao processo de ficção visto de diferentes perspectivas. Conheçamos essa rede conceitual outra.

O texto se inicia, abordando a questão da “atividade ficcionalizante” no encaminhamento da aprendizagem de uma língua estrangeira em sala de aula. A autora define “atividade ficcionalizante” em seu texto como sendo a operacionalização de atividades discursivas (imaginar, contar, fazer de conta)

como elementos constitutivos do processo de ensino-aprendizagem de línguas.

Na seqüência, a autora apresenta o conceito de “unidades ficcionais” como a variedade de conceitos para se exercitar a criação ficcional. A seguir, apresenta o conceito de “formação ficciva” enquanto contexto de comunicação linguageira, em que existe uma encenação de elementos imaginados, inventados ou parcialmente inventados.

Nessa perspectiva, Cicurel (*op.cit.*) utiliza o termo “ficção” para se referir ao contato com o imaginário, com aquilo que não é “real”. A partir desse raciocínio ela introduz mais duas nuances conceituais: a primeira designando como “ficcionalidade” o ato de utilizar descrições no processo de ficção e a segunda denominando “ficcional” o ato de se referir à ficção criada por meio de uma modelização, segundo um critério de verdadeiro/falso no mundo da experiência.

Foi a partir dessa rede conceitual que se processou uma diversidade de transversalidades discursivas nos encaminhamentos de pesquisa dos participantes do grupo. Para citar algumas, pensemos numa configuração sincrônica da natureza das pesquisas dos membros do Núcleo: i) uma possibilidade de formalização teórica para a ficção; ii) possibilidades enunciativas do discurso político/eleitoral; iii) configuração discursiva de sentidos do telejornal televisivo no Brasil e na França; iv) conjunturas de subjetividade no discurso filosófico, entre outras pesquisas.

No primeiro caso, o da formalização teórica para a ficção, as transversalidades se instauraram pela própria necessidade de se contextualizar a rede conceitual apresentada pela autora, numa dimensão epistemológica outra que contemplasse uma filiação pertinente aos princípios da

Análise do Discurso (neste caso, relacionada à Teoria Semiolingüística).

No segundo caso, o do discurso político/eleitoral, as transversalidades se constituiriam na direção de se investigar o modo ficcional de veiculação desse discurso pela mídia. Já no terceiro, transversalidades conceituais que permitam uma abordagem da notícia em seu estatuto de peça estético-jornalística. Por fim, no quarto caso, transversalidades que pontuassem o caráter ficcional da dialogicidade da concepção do conhecimento.

Para pontuar o percurso sentidural de uma transversalidade discursiva, vamos retomar o primeiro conceito apresentado por Cicurel (*op.cit.*), o de “atividade ficcionalizante”, reconstituindo a conjuntura do processo de re-significação conceitual.

A autora define “atividade ficcionalizante” em seu texto como sendo a operacionalização de atividades discursivas (imaginar, contar, fazer de conta) como elementos constitutivos do processo de ensino-aprendizagem de línguas.

Saindo da pré-existência do conceito, o que nos indicaria um terceiro indício de re-significação, podemos deslocar sua amplitude de significação para inseri-lo em uma dimensão conceitual outra, a da Análise do Discurso. Nessa dimensão outra, o conceito passaria a constituir uma possível, provável fundamentação para os estudos acerca do Discurso Ficcional. Assim, poderíamos re-significá-lo, dizendo que uma “atividade ficcionalizante” pode estar relacionada ao ato de transformar em ficção, um acontecimento dito real, que se reveste de características que tornam inviável sua realização.

Observemos que a ordem discursiva da concepção anterior permanece. Na perspectiva lingüístico-aplicativa, a autora utiliza performativos de ordem subjetiva para indicar o

que ela chama de “atividades discursivas”. Com a dimensão outra transversalizada discursivamente, o conceito passa a significar um ato discursivo cogente, portador de sentido e circunscrito em um espaço circunstancial de significação. No entanto, a re-significação não deturpou a ordem discursiva do conceito que se constitui enquanto performatividade subjetiva.

O quarto e último índice de re-significação nesta transversalidade discursiva diz respeito ao caráter de significação distinta entre o conceito transversalizado e o conceito pré-existente da autora. No texto em enfoque, a expressão “atividade discursiva” está relacionada às ações performáticas no acontecimento “aula de línguas”. Já na transversalidade discursiva, o conceito ganha uma amplitude sentidural, pela qual a causalidade de transposição de sentidos provocará efeitos na percepção conceitual, já que existem índices condicionantes em seu processo de re-significação (as características que inviabilizam o acontecimento dito “real”).

Com esta reflexão, quisemos, ainda que minimamente, exemplificar um mapeamento das bases referenciais de conceitos que se conjugam aos arcabouços teóricos em Análise do Discurso, norteadores das pesquisas em andamento no NAD.

## **Considerações finais**

Neste texto procuramos construir uma reflexão teórico-metodológica sobre a trajetória temática dos encontros acadêmicos do NAD/FALE/UFMG. Primeiramente, apresentamos os referenciais teóricos norteadores das pesquisas: a Teoria Semiolingüística, a Abordagem Modular do Discurso, a Escola Francesa de Análise do Discurso de

corrente histórico-ideológica e a Escola Francesa de Análise do Discurso de corrente pragmático-lingüística.

Em segundo lugar, perseguindo nossa meta de abordagem, enfocamos a questão de como as temáticas transversais são trabalhadas na dinâmica acadêmica do Núcleo. Dentre os conceitos que deram respaldo a essa reflexão, destacamos a noção de atos discursivos cogentes, compilada da chamada *Teoria Consensual da Verdade* de Jürgen Habermas, resguardadas as convergências epistemológicas com o enfoque discursivo das construções temáticas e seus efeitos de sentido no atravessamento auto-referencial dos sujeitos em suas pesquisas.

Na continuidade, conceituamos, exemplificamos e contextualizamos a noção de transversalidade discursiva, enquanto prática enunciativa circunscrita nas atividades acadêmicas do Núcleo. Tal reflexão nos revela o potencial dessa prática acadêmica enquanto fomento à prática de leitura como ação universal do sujeito sobre os sentidos, extrapolando, inclusive, as fronteiras do próprio campo científico-investigativo.

Assim, no esteio dessas transversalidades discursivas, procuramos evidenciar as contribuições de ordem epistemo-pragmáticas que atravessam as práticas acadêmicas do NAD/FALE/UFMG.

## **Referências Bibliográficas**

ANSCOMBRE, J.C. “De L’argumentation dans la langue à la théorie des topöi”. In: ANSCOMBRE, J.C. et al. *Théorie des Topöi*. Paris: Éditions Kimé. 1995. p. 11 – 47.

- \_\_\_\_\_ “La Nature des Topöi”. In: ANSCOMBRE, J.C. et al. *Théorie des Topöi*. Paris:Éditions Kimé. 1995. p. 49 – 84.
- ASHER, R.E. (ed.) “Ethnomethodology”. In: *The encyclopedia of language and linguistics*. vol. 3 Oxford:Pergamon Press. 1994. p. 1.160 – 1.164.
- BANGE, P. “Une modalité des interactions verbales: fiction dans la conversation”. In: DRLAV. Vol.34-35. Centre de Recherche Paris VIII. 1986. p. 215 – 232.
- \_\_\_\_\_ “La fiction manipulatrice”. In: *L’argumentation*. Lyon:Presses Universitaires de Lyon. 1981. p.75 – 108.
- \_\_\_\_\_ *Analyse Conversationnelle et Théorie de L’action*. Paris:Hatier/Didier. 1992. 223p.
- CHABROL, C. “Contrat et enjeux dans le traitement textual”. In: *Regards de la Psychologie Sociale*. Colloque du laboratoire de psychologie sociale de L’Ehess et L’Adrips. 15/16. mai. 1997.
- CHARAUDEAU, P. “Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual”. In: MACHADO, I.L. & MELLO, R. *Gêneros: reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte:NAD/FALE/UFMG. 2004. p. 13-41.
- \_\_\_\_\_ “La Pathémisation a la television comme stratégie d’authenticité”. Paris:CAD/Paris XIII.1999a. mimeo.
- \_\_\_\_\_ “L’argumentation n’est peut-être pas ce que l’on croit”. Paris:CAD/Paris XIII.1999b. mimeo.
- \_\_\_\_\_ *Le discours d’information médiatique*. Paris:Nathan. 1997. 286p.
- \_\_\_\_\_ “Une analyse sémiolinguistique du discours”. In: *Langages* 117. Paris:Larousse. mars 1995. p. 96 – 111.
- \_\_\_\_\_ “Le contrat de communication de l’information médiatique”. In: *Le Français dans le monde*. n.º especial. Paris:Hachette/Larousse. Juillet 1994. p. 8 – 19.

- \_\_\_\_\_ Grammaire du sens et de l'expression. Paris:Hachette. 1992. 927p.
- \_\_\_\_\_ Langage et Discours. Paris:Hachette. 1983. 176p.
- CICUREL,F. "Littérature, Fiction, Apprentissage: le mode fictionnel du discours". In: Études de Linguistique Appliquée. Revue de didactologie des langues-cultures. Paris: Didier-Érudition. Juillet-septembre 1999. p. 291 – 303.
- DUCROT,O. (1972) O Dizer e o Dito. trad. Eduardo Guimarães. Campinas:Pontes. 1987. 222p.
- FILLIETTAZ,L. "Textualisation et cadrage des activités: Une analyse praxéologique des interaction de service. In: MACHADO, I.L. et al. Análise do Discurso em perspectivas. Belo Horizonte:NAD/FALE/UFMG. 2003. p. 179 – 214.
- GALFINKEL,H. Studies in Ethnomethodology. Eaglewood Cliffs:Prentice-Hall. 1967.
- HABERMAS,J. O Discurso Filosófico da Modernidade. trad. Ana Maria Bernardo et alii. Lisboa:Dom Quixote. 1990. 350p.
- JACQUES,F. "Argumentation et Stratégies discursives". In: LEMPEREUR,A. (org.) L'argumentation. Liège:Mardaga. 1991. pp. 153 –171.
- KERBRAT-ORECCHIONI,C. L'Implicite. Paris:Armand Colin. 1986. 404p.
- LEMPEREUR,A. (org.) L'Argumentation. Liège:Mardaga. 1991. 216p.
- MACHADO,I.L. et al. Teorias e Práticas Discursivas. Belo Horizonte:Carol Borges/ NAD-FALE-UFMG. 1998. 320p.
- \_\_\_\_\_ "Análise do Discurso e seus múltiplos sujeitos". In: Teoria e Práticas Discursivas. Belo Horizonte:Carol Borges/ NAD-FALE-UFMG. 1998. p. 111 – 121.
- \_\_\_\_\_ "A Análise de Discurso da '2ª. Geração', com ênfase para a Semiologia" In: Cadernos de Pesquisa do

NAPq. N.º 28. Belo Horizonte:NAPq/FALE/UFMG. ago. 1995. p. 41 – 50.

MARI,H. et al. (org.) Fundamentos e Dimensões da Análise do Discurso. Belo Horizonte:Carol Borges/NAD/FALE/UFMG. 1999. 484p.

MOESCHLER,J. Argumentation et Conversation. Paris:Hatier. 1995. 203p.

ODIN,R. De la fiction. Bruxelles:De Boeck & Lancier SA. 2000. p.48 – 61.

PÊCHEUX,M. Semântica e Discurso. trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2 ed. Campinas:Ed. da UNICAMP 1995. 317p.

\_\_\_\_\_ O Discurso: Estrutura ou Acontecimento. trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas:Pontes. 1990. 57p.

\_\_\_\_\_ Analyse automatique du discours. Paris:Dunod. 1969.

PERELMAN,C. & OLBRECHTS-TYTECA,L. Tratado de Argumentação. trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo:Martins Fontes. 1996. 653p.

PERELMAN,C. Rhétoriques. Bruxelles:Éditions de L'Université de Bruxelles. 1989. 470p.

PIRES,M.S.O. Estratégias Discursivas na Adolescência. São Paulo:Arte Ciência/UNIP. 1997. 208p.

ROULET,E. “Une approche modulaire de la problematique des relations de discours”. In: MACHADO, I.L. et al. Análise do Discurso em perspectivas. Belo Horizonte:NAD/FALE/UFMG. 2003. p. 149 – 170.

SANTOS,J.B.C. “Aspectos ideológicos no editorial jornalístico: pontos e contrapontos”. In: Anais do II Encontro Franco-Brasileiro de Análise do Discurso. Rio de Janeiro:CIAD/UFRJ. 1997. p.142 – 146.

\_\_\_\_\_ “Os atos indiretos de linguagem no Discurso Acadêmico Institucional”. In: MACHADO, I.L. et al. Teoria e



Práticas Discursivas. Belo Horizonte:Carol Borges/ NAD-FALE-UFMG. 1998. p. 299 – 311.

\_\_\_\_\_ “Lugares discursivos: influências no ensino e na escrita”. In: Letras & Letras. Uberlândia:EDUFU. Vol.15/2. jul./dez. 1999. p. 37 – 51.

\_\_\_\_\_ Por uma Teoria do Discurso Universitário Institucional. Belo Horizonte:POSLIN/FALE/UFMG. Tese de Doutorado. 2000a. 331p.

\_\_\_\_\_ “Reflexões discursivas em torno da ‘essência sêmica’ dos enunciados e seu uso no ensino de produção escrita”. In: MARI,H. Categorias e práticas de Análise do Discurso. Belo Horizonte:NAD/FALE/UFMG. 2000b. p. 35 – 45.

\_\_\_\_\_ “Interfaces da Crítica Literária com a Teoria Semiolingüística”. In: MACHADO,I.L. et al. Ensaios em Análise do Discurso. Belo Horizonte:NAD/FALE/UFMG. 2002. p. 15 – 30.

\_\_\_\_\_ “Vozes e sentidos no gênero”. In: MACHADO, I.L. et al. Análise do Discurso em perspectivas. Belo Horizonte:NAD/FALE/UFMG. 2003. p. 73 – 82.

SCHAEFFER,J.M. “De quelques dispositifs fictionnels”. In: Pourquoi la fiction? Paris:Éditions du Seuil. 1999. p. 231 – 315.

SEARLE,J.R. Os Actos de Fala. trad. Carlos Vogt (org.). Coimbra:Almedina. 1981. 270p.

SPERBER,D. La Contagion des Idées. Paris:Odile Jacob. 1996. 245p.

\_\_\_\_\_ & WILSON, D. Relevance: Communication and Cognition. Oxford: Blackwell. Cambridge:Harvard University Press. 1986.

SOULAGES,J.C. “Identités discursives, identités sociales dans le discours publicitaire”. Colloque Identités discursives, identités sociales. Université de Puebla, México, 30, 31 août, 1, 2 septembre 2001.

Movimentos de um percurso

VICTORRI,B. "La polysémie ou coeur de la langue". In: La Polysémie: Construction Dynamique du Sens. Paris:Hermes.1997. p. 11 – 23.

## **A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO E O CONTRATO DE COMUNICAÇÃO**

Renato de Mello  
UFMG

### **O Título**

Começemos por uma reflexão sobre a primeira parte do título deste texto. A partir da leitura de praticamente todos os textos a que tivemos acesso sobre o assunto, iniciamos o título com *A relação Professor/Aluno*. Poderíamos, entretanto, ter colocado *A relação Professor x Aluno* ou, ainda, *A relação Professor – Aluno*, entre várias outras possibilidades. Todas essas opções, porém, nos parecem impróprias. Tanto o sinal /, quanto os sinais – ou x, nos remetem a barreiras, a posições contrárias, a oposições ou divergências, entre outras significações negativas. Além dos sinais gráficos que separam as palavras *Professor* e *Aluno*, temos, ainda, outras possibilidades que resultam de questionamentos que podem parecer, a princípio, ingênuos: por que *Professor* vem em primeiro lugar e *Aluno* vem em segundo? Por uma questão de hierarquia social? Por grau de competência? Por que não *A relação Aluno/Professor*? Deveríamos deixar as palavras *Aluno* e *Professor* com a primeira letra em maiúscula ou em minúscula? Percebemos que cada uma dessas possibilidades interfere na construção dos possíveis sentidos e das possíveis interpretações a respeito do enunciado e do tema.

Poderíamos permanecer aqui um bom tempo discutindo todas as variações e significações possíveis do título, suas diferenças e seus valores. Preferimos, na verdade, e daqui a pouco explicitaremos o porquê, uma outra opção para o título:

*A relação professor ↔ aluno.* Essa preferência se dá por várias razões, algumas óbvias: uma delas, já, de certa forma, explicitada acima, é a chamada para uma conscientização do uso freqüente da expressão *professor/aluno* por aqueles que se debruçam sobre o assunto. Outra razão é justamente o uso da palavra *relação* que antecede as palavras *professor e aluno*. A palavra *relação* nos leva a pensar, a refletir sobre seu significado, seu uso, quando se trata de *professor ↔ aluno*: podemos pensar em correlação, vinculação, ligação, convivência, coexistência, correspondência, etc. É interessante notar também que todos esses substantivos que acabamos de usar como sinônimos de *relação* também servem para significar a própria seta ↔. Assim, se tivéssemos optado por ter no início do título *A relação Professor ↔ Aluno*, de certa forma, ele ficaria um pouco redundante. Bastaria *Professor ↔ Aluno*, para sabermos que se trata de uma relação.

### **As palavras e os sentidos**

Essa reflexão nos leva a pensar que certas palavras dependem de outras para significarem, para existirem. É o caso de *professor e aluno*. Seria possível imaginar *professor* sem *aluno*? E *aluno* sem *professor*? É mais ou menos o equivalente do dito popular: “*O que seria do verde se não fosse o amarelo?*” Dito de outro modo, as palavras adquirem sentidos (não só, mas também) nas *relações* com outras palavras. Mais uma vez a palavra *relação* está presente. O amarelo só é amarelo na *relação* com as outras cores. Mas alguém poderia contestar: “Existe aluno sem professor, sim! É o caso do autodidata!” Responderíamos: “Nesse caso, o aluno é o *professor* de si mesmo!” Veja que a dupla *professor ↔ aluno* continua. Alguém também poderia dizer: “E o professor

desempregado, ele continua sendo professor, só que sem aluno!” Responderíamos: “Esse professor seria como um livro fechado, um livro não-lido!” Se alguém escreve um livro e ele fica trancado na gaveta e ninguém o lê, esse livro não é lido, logo, a princípio, ele não existe (dizemos *a princípio* porque não queremos, aqui, comprar briga com a Física, que diria e provaria que ele existe sim, pois é um objeto que ocupa um espaço no universo). Ele pode até existir enquanto objeto num espaço, mas não como livro no sentido de que possui uma função, um conteúdo, que passa uma mensagem, etc.

Diz um outro ditado popular que “*quando um não quer dois não brigam!*”. Se trouxermos esse ditado para a nossa reflexão, veremos, novamente, que, numa relação (ainda que de briga) *Professor ↔ Aluno*, são necessários pelo menos dois: um *professor* e, pelo menos, um *aluno*. Aliás, vale lembrar que nós só existimos por causa do outro, ou dos outros... e vale lembrar, também, que os professores só existem enquanto professores por causa dos alunos e graças a eles. E a recíproca é verdadeira. São os outros que nos fazem ser nós mesmos... são os outros que constróem nossa identidade. Por isso dizemos que somos *seres sociais*... vivemos em comunidade não por acaso. Sem o outro e sem a comunicação com o outro não somos ninguém, não somos nada. No processo comunicacional, os sujeitos falantes constróem suas identidades.

## **No início era o Verbo**

Se levarmos a verdade de que só somos alguém graças ao(s) outro(s) no processo de comunicação, fica ainda mais fácil perceber o que está sendo tratado. A Bíblia diz que “... *no início era o Verbo*”. Acrescentamos que continua sendo o

verbo. A palavra é de uma importância tão grande e muitas vezes não nos damos conta disso. Vejamos, por exemplo, o verbo *falar*. A transitividade do verbo *falar* é tão transparente e forte, tão constitutivo das pessoas e muitas vezes não nos damos conta disso: *quem fala, fala alguma coisa à alguém...* logo, *falar* pode exigir objeto direto e indireto. A mesma coisa serve para os verbos *comunicar, dizer, enunciar, conversar, dialogar, discutir, discursar*, dentre outros. Notemos que todos os verbos acima citados pertencem a um mesmo campo semântico, próprio da comunicação.

A comunicação, a linguagem, a língua, a fala, as palavras são, principalmente para nós, analistas dos discursos e professores, nossos principais instrumentos, ou melhor, nossas principais ferramentas de trabalho. E o que fazemos com essas ferramentas? *Conversamos, comunicamos, dizemos, enunciamos, dialogamos, argumentamos, narramos, dissertamos, discutimos, discursamos, falamos*, etc. Isso só para ficarmos com o que há de mais imediato, de mais simples e positivo, pois podemos, com a palavra, convencer, persuadir, informar, motivar, transformar, criar e recriar, instruir, construir, mas, também podemos manipular, oprimir, destruir e até matar.

Em sala de aula, como em qualquer lugar, a palavra, “... *a fala é irreversível, é essa a sua fatalidade*” (Barthes, 1978, p. 75). Não podemos corrigir uma palavra, salvo dizendo precisamente que a corrigimos. “... *a língua não é nem reacionária, nem progressista, ela é fascista.*” Ela é fascista porque ela nos obriga a falar... estamos condenados a falar. Assim, rasurar é acrescentar; se eu quiser apagar o que acabo de enunciar, só posso fazê-lo mostrando o próprio apagador, ou melhor, construindo um outro enunciado... À fala, podemos apenas acrescentar uma outra fala... Não podemos também nos esquecer de que a linguagem é sempre poder. Assim, falar

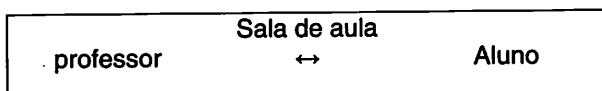
é exercer uma vontade de poder. No espaço da fala, não há nenhuma inocência, não há nenhuma segurança. (Barthes, 1987, p. 266)

Mas também não podemos nos esquecer da palavra que faz par com *falar*, o outro lado desta moeda, ou seja, a palavra *escutar*. Não podemos cometer o erro em sala de aula de achar que *falar* está para o professor assim como *escutar* está para o aluno. A relação interpessoal significa para ambos também saber escutar. Saber escutar é ter uma atitude de respeito, acolhida e aceitação do outro. Na confluência do falar e do ouvir nascem os sentidos. Assim, escutar não se constitui somente naquilo que o outro diz em palavras, mas, também, seus silêncios. Sabemos que o silêncio é uma forma de expressão. O silêncio, muitas vezes, “diz mais que mil palavras”. Assim, na relação entre a palavra e sua suposta ausência – o silêncio –, nasce “uma torrente de significações implícitas” – os sentidos. (Charaudeau, 1993, p. 123)

## EU Professor ↔ TU Aluno

Diante do exposto até aqui, podemos afirmar que EU só existe se existir um TU. Não existe EU sem TU e nem TU sem EU. Desse modo, lembramos que, assim como para a dupla *professor ↔ aluno*, para a dupla *EU ↔ TU* também um não existe sem o outro.

A relação específica, que nos interessa, aqui, a de *professor↔aluno*, se dá, quase sempre, em um espaço específico: a sala de aula. Vejamos isso esboçado no quadro abaixo:



Vale lembrar que a seta que liga professor e aluno indica reciprocidade, interação, relação, via de mão dupla. Entretanto, esta seta não indica linearidade e muito menos simetria. Dito de outro modo, não há garantia de que aquilo que o professor diz será aquilo que o aluno ouvirá, assimilará, interpretará e armazenará e *vice-versa*: não há garantia de que aquilo que o aluno diz será aquilo que o professor ouvirá, assimilará, interpretará e armazenará. Para dizer a verdade, a simetria, (e para não contrariar os matemáticos, especifico que estou falando do processo comunicacional) é uma utopia. Todo discurso, toda troca linguageira é dissimétrica. Isso porque cada sujeito é único, com experiências particulares, com reações específicas ao dito do outro, ao que o outro fala. Em sala de aula, o que o professor diz certamente é assimilado, interpretado de tantas formas diferentes quantos forem os seus alunos. Cada um dos participantes do processo comunicacional recebe o enunciado do outro de maneira diferente, decodifica e interpreta esse enunciado de forma diferente.

Acontece que nem o professor é só professor e nem o aluno é só aluno 24 horas por dia. Todos têm outras funções, outros papéis a exercerem na sociedade, no mundo como, por exemplo, pai, filho, marido, amigo, colega, empregado, patrão, contribuinte, consumidor, etc. Reparemos que *professor* e *aluno* estão sendo entendidos como *funções* e como *papéis* a serem exercidos. De certa forma, justifica-se o termo *papéis*, não só para a sala de aula como para qualquer relação que tenhamos, como se participássemos de peças de teatro. Assim, em casa, o professor, por exemplo, pode representar o papel de pai e de marido com suas respectivas funções. Na escola, quando ele entra em sala de aula, representa o papel de professor; e aqueles que vão assistir às suas aulas representam o papel de aluno também com suas respectivas



funções. Somos, o tempo todo, atores. Tudo o que foi dito até aqui se encaixa perfeitamente na Teoria Semiolingüística, sobretudo no quadro comunicacional, de Patrick Charaudeau. Assim sendo, passemos à teoria, com vistas a entender melhor a relação *professor↔aluno*.

## **A Teoria Semiolingüística e o quadro comunicacional de Charaudeau**

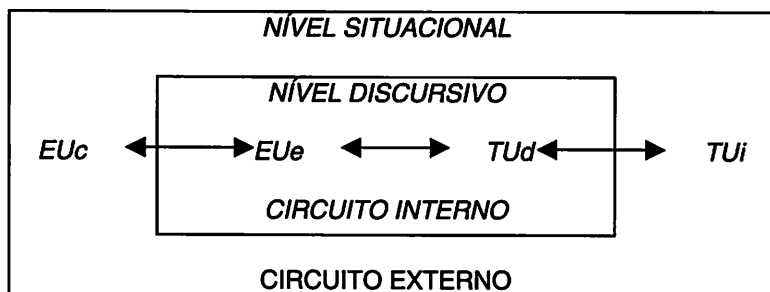
Para Charaudeau (2001), uma teoria do discurso não pode privar-se de uma definição dos sujeitos do ato de linguagem.<sup>1</sup> O autor parte da definição dicionarizada de “sujeito” para dizer que ele é “... *un lieu de production de la signification langagière auquel revient cette signification pour le constituer.*” O sujeito não é, desse modo, nem um indivíduo preciso, nem tampouco um ser coletivo específico, mas uma abstração, um lugar de abstração da produção/interpretação da significação, dependendo do lugar que esse sujeito ocupa no ato de linguagem. Ele pode ser um *sujeito comunicante, enunciador, destinatário* ou um *sujeito interpretante*.

Vejamos como fica o quadro do contrato comunicacional proposto por Charaudeau:

---

<sup>1</sup> O que dissermos sobre a Teoria Semiolingüística de Charaudeau e, principalmente, sobre o quadro do contrato comunicacional, parafraseia o que diz o autor no texto “*Uma teoria dos sujeitos da linguagem*” (2001).

## Movimentos de um percurso



Como podemos perceber no quadro acima, o processo de comunicação é composto de, no mínimo, dois parceiros: o sujeito comunicante (EUC) e o sujeito interpretante (TUI) implicados na experiência de uma relação contratual. O sujeito comunicante (EUC) é o parceiro que tem a iniciativa do processo de produção. Ele procede à encenação do *Fazer* em função de uma intenção/projeto de palavra (“O que dizer?”) e de um como falar (“De que modo dizer?”) que se liga às estratégias de manipulação (“Como dizer o que vou dizer de modo a convencer o meu parceiro?”). Para isso, EUC constitui-se em um sujeito enunciador (EUE) que, por sua vez, institui, através do seu projeto de palavra, um sujeito destinatário (TUD) – ambos sujeitos que se definem como seres de fala da enunciação do *Dizer*: se, por um lado, o EUC e o TUI são os parceiros da comunicação, por outro, o EUE e o TUD são os protagonistas da interação linguageira.

EUC é uma entidade composta: uma instância produtora à qual pertencem todas as outras instâncias, incluindo-se, aqui, o TUI que tem uma relação com EUC muito parecida com aquilo que Benveniste (1988) chama de “relação de transcendência”, em que o TUI é um “servidor” do EUC. Assim, tanto EUE quanto TUD e TUI contribuem com EUC para construir uma enunciação, ou melhor, uma co-enunciação, cuja

intencionalidade significativa corresponde a um projeto comum a eles e do qual podemos dizer que representa a ideologia ou a estética do grupo. O EUE é um ser de fala sempre presente no ato de linguagem, uma imagem de enunciador construída pelo sujeito produtor da fala (EUC). Ele é o veículo por meio do qual EUC “fala”. Dito de outro modo, EUE funciona como uma espécie de “porta-voz”, ou, segundo a acepção de Charaudeau, como sujeito enunciador da “instância de enunciação discursiva”. O TUD é o interlocutor necessário ao EUE que o concebe como “destinatário ideal”, no processo interacional. Sendo assim, o TUD estará sempre presente no ato de linguagem explicitamente marcado ou não. TUI, sujeito interpretante, é o parceiro de EUC. Todas essas “pessoas”, todas essas “vozes”, todos esses “papéis” são concebidos, segundo Charaudeau, como comportamentos linguageiros, como índices semiológicos da encenação do *Fazer* e do *Dizer*.

Quando dizemos que tanto EUC quanto TUI são parceiros do ato de linguagem em função de sua relação contratual, temos que levar em conta que aquelas entidades que Charaudeau chama de os três componentes mais ou menos objetivos tornados pertinentes pela expectativa (*enjeu*) do ato linguageiro – *comunicacional, psicossocial e intencional* – são realmente mais ou menos objetivas:

1. O *comunicacional* é concebido, segundo Charaudeau, como o quadro físico da situação interacional. No caso da sala de aula, sabemos que os parceiros estão presentes fisicamente durante o ato linguageiro; que eles se vêem; que, geralmente, são múltiplos; que se valem dos canais orais e gráficos para se comunicarem, etc. (Charaudeau, 2001)

2. O *psicossocial* é concebido em termos dos estatutos nos quais os parceiros se reconhecem (sexo, idade, categoria sócioprofissional, posição hierárquica, pertencimento a uma instituição do domínio público ou privado, etc.).
3. O *intencional* é concebido como conhecimento *a priori* que cada um dos parceiros possui (ou constrói para si) sobre o outro de forma imaginária, fazendo apelo aos saberes supostamente partilhados (intertextualidade, interdiscursividade, etc.). Este componente repousa sobre duas questões que constituem os princípios de base de sua realização: sobre o que falam ou qual pode ser a intenção da informação? E como falam ou qual pode ser a intenção estratégica de manipulação?

Continuando a análise do quadro acima, vemos que EUc, ao dirigir-se a TUi, o faz diretamente, ou seja, dialoga diretamente com ele. EUc “conversa” com TUi e vice-versa. Nessa interação linguageira, temos parceiros que estão, segundo Charaudeau (2001), implicados em uma expectativa (*enjeu*) de uma relação contratual. Dito de outro modo, ambos precisam, para se relacionarem, se engajar no contrato comunicacional que é regido pelo “postulado de intencionalidade” que, por sua vez, se constitui através de quatro princípios indissociáveis uns dos outros que apresentamos a seguir:

1. O *princípio de interação*: que define o ato de linguagem como um fenômeno de troca entre parceiros que se encontram em uma relação interativa, não-simétrica, pelo fato de estarem

engajados, cada um por sua vez, em dois tipos de comportamentos cognitivos, que dão lugar a um duplo processo de intercompreensão: por um lado, verifica-se um *processo de emissão-produção do discurso*, por outro lado, um *processo de recepção-interpretação do discurso*. Correlativamente, eles estão ligados pelo reconhecimento recíproco desses dois papéis de base, que somente podem existir a partir do momento em que o outro, o interlocutor, se engaja no processo de interpretação. Com efeito, não é suficiente que ele represente o papel de um simples receptáculo mecânico, como nas teorias “behavioristas” da comunicação. É mostrando que, para além da recepção, ele está engajado em um processo de interpretação, que esse outro se fará existir como parceiro-interlocutor e, ao mesmo tempo, fará o emissor existir como parceiro-locutor.<sup>2</sup>

2. *O princípio de Pertinência*: que diz respeito, primeiramente, ao reconhecimento recíproco, entre o professor e os alunos no ato de comunicação, da competência de ambos, ou seja, quem e quando tem o *direito à palavra*. Numa concepção mais ampla, a pertinência avalia, ainda, se o que está sendo dito é apropriado à situação. (Charaudeau, 1993, p. 124) A partir desse princípio podemos pensar o quanto é fundamental perceber o aluno em toda a sua

---

<sup>2</sup> Segundo Charaudeau (1993, p. 124), quando um aluno conversa com um outro ou parece ausente em sala de aula, o outro parceiro, o professor, deixa de existir, pois deixa de ser reconhecido e legitimado. Nessas condições, o princípio de interação não se dá. O professor fala para as paredes.

singularidade, captá-lo em toda a sua especificidade, visto que os *saberes partilhados* entre professor e aluno são fundamentais no estabelecimento da inter-compreensão.<sup>3</sup>

3. *O princípio de Influência*: que postula que a motivação da intencionalidade do sujeito falante se inscreva numa finalidade acional que leva os parceiros da comunicação a satisfazer o princípio do controle das expectativas. “Como devo agir sobre o outro?” é a questão central do princípio de influência. Responder a essa questão é, segundo Charaudeau (1993, p. 125), se valer das estratégias de fala. Em sala de aula, o professor pode perceber o aluno como *favorável*, *desfavorável* ou *indiferente* ao projeto de influência do professor e este pode, a partir desse dado, usar estratégias de sedução, convencimento, etc.<sup>4</sup>
4. *O Princípio de Regulação*: que constitui, ao mesmo tempo, a condição para que os parceiros se engajem nos processos de reconhecimento do contrato de

---

<sup>3</sup> Para Charaudeau (1993, p. 124), um dos grandes problemas em sala de aula é esta percepção dos *saberes partilhados*. Há, a princípio, uma disparidade, um desequilíbrio entre os saberes partilhados pelo professor e por seus alunos. Isso justificaria, inclusive, a própria sala de aula, lugar de “doação” e “aquisição” desses saberes que são “partilhados”.

<sup>4</sup> Em sala de aula, o *princípio de influência* traz consigo um problema: parte-se do princípio que o aluno tem o desejo de aprender, o que favorece o projeto do professor de influenciá-lo. Entretanto, este mesmo princípio nega ao aluno um “não querer aprender”, o que faz com que o professor se depare com esse desafio e crie, a partir daí, novas estratégias de influência. (Charaudeau, 1993, p. 125)

comunicação e a condição para se perseguir e se realizar a troca comunicativa.

Esses princípios, ou melhor, essas condições que asseguram o “Postulado de Intencionalidade”, que garantem o direito à fala nos levam a três tipos de reconhecimento:

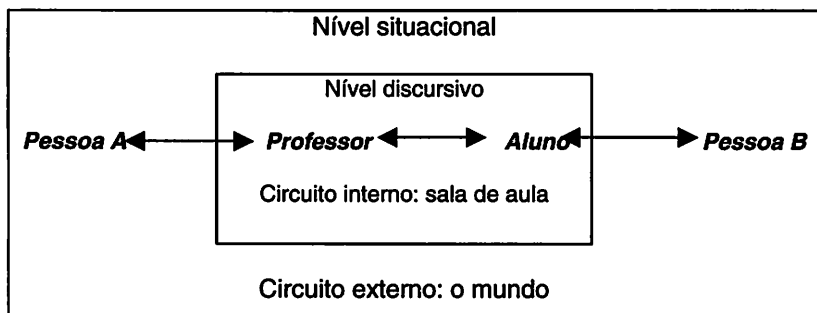
1. O reconhecimento do *Saber*: um domínio em termos de discurso sobre o mundo;
2. O reconhecimento do *Poder*: que mede o “grau de adequação” que se estabelece entre a identidade psicossocial do sujeito e seu comportamento enquanto ser linguageiro;
3. O reconhecimento do *Saber fazer*: que permite julgar o sujeito competente em sua ação de sujeito que comunica.

Isso mostra que entre professor e aluno existe um contrato comunicacional que permite legitimar o ato de linguagem e identificar os papéis de cada um nessa interação. Possibilita, ainda, a intercompreensão, o reconhecimento recíproco, a autolegitimação desses papéis, suas intenções no momento da troca linguageira, além do (re)conhecimento e do controle dessas intenções.

## O quadro e a sala

Tentaremos, aqui, adaptar o quadro de Charaudeau na relação de sala de aula, com o objetivo de esclarecer como funciona o contrato comunicacional entre os múltiplos sujeitos que o compõem. Vejamos como fica o quadro aplicado à sala de aula de um modo geral:

## Movimentos de um percurso



Percebemos, no quadro acima, que o processo de comunicação em sala de aula é composto de, no mínimo, dois parceiros: a pessoa A (sujeito comunicante) e a pessoa B (sujeito interpretante) implicados na experiência de uma relação de contrato. Vale lembrar que toda relação humana é contratual. Esse contrato, entretanto, é, na maioria das vezes, tácito, está implícito nas relações humanas. Vale repetir que tanto A como B pertencem a uma mesma esfera situacional, a um universo empírico, ao universo do *Fazer*. De certa forma, podemos dizer que A e B são interlocutores, seres psicossociais, podendo ser identificados, reconhecidos como professor e aluno.

A pessoa A é o parceiro que tem a iniciativa do processo. A, ao entrar em sala de aula, se torna, se traveste em professor, procede à encenação em função de uma intenção ou de projeto ("O que dizer?") e de um como falar ("De que modo dizer?") que se liga às estratégias de manipulação ("Como dizer o que vou dizer de modo a convencer o outro, o parceiro da comunicação?"). Para isso, ele constitui-se em sujeito enunciador que, por sua vez, institui, através do seu projeto de palavra, o aluno (sujeito destinatário) – ambos sujeitos que se definem como seres de fala da enunciação.



Tudo o que foi dito aqui serve também para a pessoa B quando este toma a palavra.

Tudo o que for dito em sala de aula (tanto por professores quanto por alunos) pode ser considerado como uma interação de *intencionalidades* cujo motor seria o princípio do jogo, do teatro. O que nos leva a afirmar que a encenação de cada um em cada fala depende de uma atividade estratégica (ou um conjunto de *estratégias discursivas*) que leva em consideração o outro, as relações entre eles, e tudo o que pode determinar a situação. Assim, toda fala, tudo que é dito em sala de aula é o produto da ação de pessoas que são testemunhas, mais ou menos conscientes, das práticas sociais e das representações imaginárias da comunidade a qual pertencem. Isso nos leva a colocar que o ato de linguagem não é totalmente consciente e é regido por um certo número de rituais sócio-linguageiros.

Esta relação contratual (tácita) não repousa somente sobre bases estabelecidas pelos estatutos sociais dos parceiros, do lado de fora da situação linguageira. Ela depende do “desafio” construído no e pelo ato de linguagem, desafio este que contém uma expectativa (o que dissermos em sala de aula vai ser bem sucedido ou não?), o que faz com que professor e aluno só existam na medida em que eles se reconheçam (e se “construam”) uns aos outros com os estatutos que eles imaginam e nos conhecimentos um do outro, construídos *a priori*. Nessa situação, o estatuto de professores e alunos vai depender também das posições sociais hierarquizadas (professor/aluno). A relação contratual depende, portanto, de componentes mais ou menos objetivos, tornados pertinentes pelo jogo de expectativas que envolve o ato linguageiro. Vale lembrar que os conhecimentos de um sobre o outro são construídos *a priori*, mas estão em constante

mutação. Estamos o tempo todo refazendo nossos conceitos sobre nós mesmos e sobre os outros. Devemos, entretanto, tomar cuidado com as formas estereotipadas com que os professores enxergam seus alunos. Formas que levam a estabelecer certos hábitos, certas repetições, certas palavras-chaves. As formas prefixadas do cotidiano escolar são muito perigosas. Formas que engolem as relações sociais tendendo a despersonalizá-las, isto é, esvaziando-as de um contato mais humano e aprofundado entre os sujeitos.

O mesmo processo ocorre com o aluno. Ele corre o risco de lidar com o professor ou com a situação escolar de uma forma preconcebida. O professor passa a ter uma imagem fixa, estabelecida a partir da sua interação com a classe, ou através de situações passadas. Esta forma estereotipada passa a reger todo o contato do aluno com o professor e vice-versa. Não podemos nos esquecer que a interação, em qualquer ambiente, nasce da aceitação do outro, onde o respeito e o acolhimento facilitam a convivência entre os seres humanos. Na escola, o ambiente das relações interpessoais, deve estar focalizando a constituição do EU, a compreensão do indivíduo com suas diferenças e qualidades, para ter condições de vida nos grupos sociais. Repetindo, a linguagem, o processo comunicacional, assim como a educação, se dá num processo de interação constante, em que nos vemos através dos outros, e em que vemos os outros através de nós mesmos.

Para que a comunicação seja um sucesso, no nível interno, na sala de aula, é importantíssimo que o ambiente seja de cooperação e construção em que, embora se conheçam as individualidades, ninguém fica isolado e todos desejam partilhar o conhecimento. Isso porque um dos princípios básicos da comunicação é justamente o da cooperação, essencial a qualquer ato comunicativo. Ele diz respeito ao reconhecimento

daqueles que estão dialogando, conversando. Professor e alunos fazem uma espécie de “contrato tácito”, assumindo papéis que vão de encontro às exigências da situação de sala de aula à qual estamos submetidos.

O professor, geralmente, é aquele que tem o *direito à palavra* e a identidade de “sujeito competente” reconhecidos. Ele tem a vantagem da autoridade, a *competência de saber* e de *saber-fazer*, ou seja, tem um saber a ser transmitido e que sabe transmiti-lo. Ele propõe um discurso, que nunca se sabe como será recebido. Dito isso, devemos estar conscientes que não é o saber que se expõe, é ele que se expõe. Muitos ligam a imagem do professor à do psicanalista. Barthes (1987, p. 267 – 268), pergunta:

Como é que é possível assimilar o professor ao psicanalista? É exatamente o contrário que se passa: é ele o psicanalizado (...) que o professor fale ou que o auditório reivindique falar, em ambos os casos é ir direitinho para o divã...

Quando o professor fala para seus alunos, está lá sempre esse indivíduo “assistido” que se encontra, do ponto de vista da competência, em um estado de “não saber”. O auditório é composto pelo aluno, esse *Outro* exemplar, porque tem ar de não falar – e, portanto, porque, sua fala, explícita ou implícita, sempre atinge o professor. Ao aluno supõe-se uma dupla competência: a de aprendizagem e a de compreensão. De aprendizagem, na medida em que o supomos apto a adquirir o saber; de compreensão, na medida em que supomos que ele tem a capacidade de compreender o que o professor lhe ensina. Sem essa dupla competência, a sala de aula não se justifica. E é justamente no espaço da sala de aula que há o

trabalho de produção das diferenças. Como disse Barthes (1987, p. 282):

(...) em cada relação, pouco a pouco, (é preciso tempo) devemos redescobrir a originalidade dos corpos tomados um a um, e, por conseguinte, frustraremos toda a encenação do prestígio, da rivalidade.

No espaço da sala e no espaço da fala, a ciência e a lógica, o saber e o raciocínio, as perguntas e as respostas, as proposições e as objeções são as máscaras da relação dialética.

O professor, em sua *performance* dentro da sala de aula, quando se prepara para falar, deve tornar-se consciente da encenação que o uso da palavra lhe impõe, pelo simples efeito de uma determinação natural... Essa encenação, geralmente, se desenvolve da seguinte forma: ele escolhe, em perfeita boa consciência, o papel de Autoridade... sem emendas, velocidade adequada, de forma clara... Assim,

(...) o professor não escapa, nem ao teatro da fala, nem à Lei que aí se representa: porque a Lei produz-se, não no que ele diz, mas pelo fato de falar.(...) Mas, o professor fala em nome de quê? De uma função? De um saber? De uma experiência? O que ele representa? Uma capacidade científica? Uma instituição? Um serviço? (Barthes, 1987, p. 266 – 277)

Ainda segundo Barthes,

(...) na realidade, ele não fala senão em nome de uma linguagem, de uma fala... (...). a relação de ensino não institui senão aquilo que chamamos de

transfert. A 'ciência', o 'método', o 'saber', a 'idéia', vêm de esguelha; são dados a mais; são restos." (1978, p. 272)

Para o autor (1987, p. 269), aquele que ensina deve pedir àquele que é ensinado: i) que o reconheça no papel de autoridade; ii) que o prolongue, o estenda, que transporte suas idéias, seu estilo; iii) que se deixe seduzir, que se preste a uma relação amorosa. E aquele que é ensinado pede àquele que ensina: i) que o conduza a uma boa integração profissional; ii) que preencha os papéis reservados ao professor (autoridade, saber, etc.); iii) que forneça os segredos de uma técnica (de investigação, de exame, etc.); iv) que ele seja um iniciador, um guru; v) que represente uma Escola, uma Causa, que seja seu porta-voz; vi) que o admita, a si, aluno, na cumplicidade uma linguagem particular; vii) para os que têm o fantasma dos trabalhos escolares e das provas, que garanta a realidade desse fantasma.

A seta mostra que na relação *professor ↔ aluno*, o aluno também tem direito à fala. Ambos devem reconhecer o "direito à palavra".e à "identidade", e perceber que essa é a moeda de troca entre os parceiros de um ato de comunicação. (Charaudeau, 1993, p. 122) Ambos devem participar ativamente do processo comunicacional para que a aula seja interativa. Os professores têm este estatuto graças aos alunos e não apesar deles. Relembrando a força da palavra, ela pode construir e também destruir. Professores e alunos precisam representar o melhor possível seus papéis no teatro da sala de aula, no teatro da vida e na construção dos sentidos. E isso se constrói, segundo Parret (*apud* Charaudeau, 1993, p. 123), na "*tréâtralisation généralisée de la vie communautaire, le jeu quotidien des simulacres, consciemment ou inconsciemment assumés, le partage des rôles, la métaphorisation et la*

*figuration de nos paroles...*” Daí ambos precisarem ser cooperativos, pertinentes e sinceros ao contracenarem, pensarem quais são as melhores estratégias de sedução desse outro que lhe dá vida e identidade, terem consciência de que o saber em si, o saber acadêmico, enciclopédico, às vezes, conta menos, é menos importante na construção de um indivíduo íntegro, pensante e independente.

O bom professor e o bom aluno são aqueles que aceitam filosoficamente o plural das suas determinações, talvez por saberem que a verdade de uma relação de fala está noutro lado... No espaço da sala de aula, no espaço do ensino, professores e alunos não deveriam estar nos seus lugares em parte alguma... Voltando às setas do quadro, que demonstram as relações, no nosso caso entre professores e alunos, não devemos somente nos limitar a transmitir conhecimento, e sim permitir uma troca de ensinamentos e aprendizagens entre ambos, estimulando a curiosidade deles e a nossa, pois ela é um ponto importante na construção do aprendizado e na produção de conhecimentos. Precisamos estar abertos aos questionamentos, dificuldades e também para as capacidades individuais, sempre respeitando a individualidade de cada um. Devemos buscar, em cada aluno, as suas qualidades positivas, a fim de provocar o seu desenvolvimento. Essa relação depende muito do educador e da sua capacidade de trabalhar as habilidades dos alunos motivando todos, entre outras coisas, a ter atitudes de respeito e manter um ambiente de relações harmoniosas no grupo.

O bom professor e o bom aluno são aqueles que dão importância à interação como uma das formas de obter conhecimento, deixando para trás aquela velha imagem de que o relacionamento interpessoal professor ↔ aluno se baseia somente em “transmitir” e “receber” saberes. Portanto, o

relacionamento interpessoal professor-aluno deve ser constituído pela ética, onde o respeito mútuo entre os envolvidos deve ser cultivado. A solidariedade, a justiça e o diálogo também compartilham desse relacionamento, com sentimentos de igualdade e de liberdade para saber lutar pelos direitos à cidadania e ser solidário com os outros nos ideais relativos à sociedade. Esse diálogo de que falamos desde o início, implícito e explícito no quadro comunicacional é um aprendizado e uma arte a ser ensinada e praticada. A linguagem, a língua, a palavra, o diálogo são, repito, elementos essenciais do processo comunicacional e da educação. A conscientização das relações contratuais nesse processo é uma das condições de base para que professores e alunos meçam qual é a margem de manobra que lhes permitirá manter o *direito à palavra* e desenvolver a influência de um sobre o outro. (Charaudeau, 1993, p. 126)

Além disso, uma outra coisa que se pode esperar de uma aula é simplesmente a seguinte: “... *a benevolência; que a aula figure um espaço de fala despojado de agressividade*”. (Barthes 1987, p. 279) Que, ao falar, ao responder, ao escutar, não sejamos, professores e alunos, atores de um julgamento, de uma sujeição, de uma intimidação. Talvez seja o tempo de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. A melhor receita para uma relação saudável entre professor e aluno, segundo Barthes, é: “... *nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível.*” Com essa fórmula, talvez nos libertemos dos papéis sociais impingidos, cristalizados, com exceção de um, o mais importante: sermos nós mesmos, sem medo de aprender o inusitado, sem medo de ser, apenas isso, sem medo.

## Referências Bibliográficas

- BARTHES, R. O Rumor da língua. Lisboa:Edições 70. 1987.
- CHARAUDEAU, P. "Uma teoria dos sujeitos da linguagem". In: Análise do discurso: fundamentos e práticas. Belo Horizonte:NAD/FALE/UFMG. 2001. p. 23-38.
- \_\_\_\_\_. "Le contrat de communication dans la situation de classe". In: Inter-actions. L'interaction, actualités de la recherche et enjeux didactiques. Metz. Univ. De Metz. 121 – 137. 1993.
- \_\_\_\_\_. Grammaire du sens et de l'expression. Paris:Hachette. 1992.
- \_\_\_\_\_. "Rôles sociaux et rôles langagiers". In: Actes du Coloque sur l'interaction. Aix-en-Provence. set.1991.
- MELLO, R. "Análise discursiva do(s) silêncios no teto literário". In: Ensaios em Análise do Discurso. Belo Horizonte:NAD/FALE/UFMG. 2002. p. 87 – 124.
- \_\_\_\_\_. Análise discursiva dos múltiplos sujeitos e silêncios sarrautianos. Belo Horizonte:POSLIN/FALE/UFMG. Tese de Doutorado. 2002a.



## DISCURSO COMO CONDIÇÃO DE RACIONALIDADE PARA AÇÕES

Hugo Mari  
PUC-MG

Paulo Henrique Aguiar Mendes  
PUC-MG

### Considerações Gerais

O tema da presente reflexão lista três categorias fundamentais na análise dos fatos, dos comportamentos numa sociedade. Assim, discurso, história e ação foram listados nesta ordem supondo alguma conexão orgânica, que não parece ter uma forma de organização auto-explicativa. Apesar da ausência de uma compreensão imediata em termos da determinação proposta, o conjunto de categorias em questão sugere que busquemos alguma forma de ordenação e, em conseqüência, algum critério de extensão. Em outros termos: sob que condições podemos assumir a linguagem enquanto necessidade histórica e sob que condições podemos estendê-la enquanto um critério para a ação?

No primeiro caso – *discurso e história* –, optamos por discutir as duas categorias, a partir de um princípio de causalidade que podemos fixar, destacando a estreita correlação de influência mútua entre ambas; no segundo caso – *discurso e ação* –, vamos privilegiar algumas condições através das quais convertemos linguagem e ação. Partindo, então, do princípio de que buscar uma explicação racional para um fato, um evento é, antes de tudo, apontar uma explicação que isole um antecedente e um conseqüente, pensamos estar

justificando o modo pelo qual vamos nos conduzir em relação ao tema em análise.

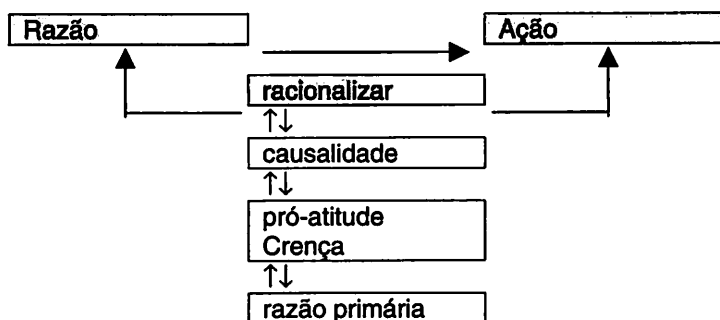
## **Discurso e Ação**

Vamos iniciar pela segunda correlação supondo ser ela mais primitiva em termos de uma discussão ainda genérica do tema. Para melhor ajustar os termos da discussão, faremos uma pequena digressão, recuperando a partir de Davidson (1993), um esboço sobre a justificativa da racionalidade das nossas ações. Iniciemos pela seguinte citação:

Qual é a relação entre uma razão e uma ação, quando a razão explica a ação, dando a razão que tinha o seu agente para fazer o que fez? (Davidson, 1993, p. 15)

Como justificar que a razão racionaliza a ação, isto é, sob que critérios repousa o fato de se poder propor uma explicação razoável para a correlação entre razão e ação? Aqui ainda não está evidenciada uma abordagem da relação discurso/ação, de forma mais explícita, mas ela é um embrião para o problema em discussão. Se partimos da tese tradicional de que uma racionalização é uma forma de explicação causal ordinária, podemos remontar o texto do autor em termos do seguinte esquema:

Fig. 1: Razão e ação



Assim, toda vez que um agente dispõe-se a realizar uma ação, sua tentativa implica a localização de dois fatos nessa rede de causalidade. De um lado, existe uma *pró-atitude*, isto é, uma disposição inicial que impele o agente para a sua realização. Uma *pró-atitude* difere de uma *pré-atitude* (que seriam as condições preparatórias na teoria dos atos de fala), no sentido em que aquela aponta apenas para uma disposição inicial que favorece a realização de uma ação qualquer. Por exemplo: uma *pró-atitude* para a ação [anotar no quadro] pode ser caracterizada em termos da CLAREZA NECESSÁRIA AO EXPOR IDÉIAS; uma *pré-atitude* seria a disponibilidade dos meios necessários para isso (quadro, pincel, capacidade de escrita do agente etc.).

Do outro lado, situa-se uma *crença* (percepção, conhecimento...) do agente de que tal ação precisa ter essa feição. O que nos leva à realização de tal ação (motivada pela *pró-atitude* acima) é a *crença* que temos de que a sua realização – o registro das idéias por escrito – tem o efeito de

tornar as coisas mais claras para o nosso interlocutor (ele verá melhor a conexão entre partes, ele terá também o canal de visão como instrumento de retenção da informação, ele disporá de mais tempo para fazer anotações etc. Todas essas afirmações são fatos que alimentam a nossa *crença* sobre a *pró-atitude* CLAREZA NECESSÁRIA).

Uma *pró-atitude*, embora tenha um caráter genérico, não estando circunscrita a manifestações locais, depende de certas condições materiais. A ação [anotar no quadro] pode não ser julgada *conveniente* como uma ação localizada, se o pincel não estiver bom, se houver muito reflexo no quadro, se o evento estiver acontecendo em um auditório muito grande etc. Entretanto, esse teor restritivo que lhe devemos impor não nega a *pro-atitude*.

Atribuir razão a uma ação realizada por um agente qualquer implica esclarecer os elementos, até agora vistos (*pró-atitude* e *crença*), que compõem a rede causal de sua efetivação. Para isso, podemos recorrer inicialmente ao próprio Davidson (1993, p. 17):

Dar a razão pela qual um agente fez alguma coisa implica freqüentemente nomear a *pró-atitude*, ou a *crença* associada, ou ambas; chamamos esse conjunto de razão primária...

O conceito de *razão primária*, na perspectiva do autor, parece ser o cerne da questão: só podemos explicitar o modo pelo qual agimos se identificarmos uma razão primeira que seja capaz de desencadear todo um conjunto de fatos conseqüentes. Nos termos do autor, “*A razão primária de uma ação é a sua causa*” (p.17).

Tendo como cenário essa formulação de Davidson, precisamos indagar em que extensão podemos fazer uso dela

para recompor as questões sobre o sentido em geral e, por conseguinte, sobre o discurso.

O quadro que desenhamos acima a partir da formulação de Davidson é importante para as nossas pretensões sobre o sentido (e, sobretudo, sobre a correlação entre discurso e ação). De fato, podemos supor que uma razão primária, quando emula em um processo interativo, isto é, quando engendra uma ação de mediação entre interlocutores, deve representar alguma forma de decisão sobre o sentido. Não podemos supor que razões primárias que engendrem *ordens, agradecimentos, críticas, elogios, ofensas* estejam desprovidas de quaisquer orientações para um sentido que, em circunstâncias particulares, seja mais apropriado à realização desses atos em um processo interativo. A própria compreensão daquilo que possa vir a ser uma razão primária depende de uma estreita correlação com a necessidade de se saber porque aqueles sentidos foram escolhidos e não outros, por exemplo.

(1) “Lula não é católico, ele é caótico” (D. Eusébio Scheid, comentando palpites do Lula sobre a eleição do novo papa. Veja: 13/04/2005)

Vamos supor, inicialmente, que a *pró-atitude* do arcebispo possa ser representada pela disposição de [descaracterizar o Presidente de República como católico] e que essa disposição esteja fundada na *crença* de que o presidente [não dá mostras de ser católico]. Então, se a conjugação desses dois fatores culmina em uma *razão primária* que representa a causa da descrição esboçada na frase, podemos admitir que, como causa, ela represente uma condição primeira para a construção do sentido da frase. Isso parece factível para o primeiro segmento da frase e assumiríamos o segundo mais como um jogo de palavras.

Certamente, não seriam apenas esses fatores que estariam justificando o teor racional dessa ação: aqui existe todo um conjunto de condições sobre o sentido que é determinado pela própria identidade do interlocutor. O fato de ser um arcebispo confere-lhe autoridade para expressar opiniões sobre quem é ou não católico.

Poderíamos admitir, todavia, que uma outra *pró-atitude* do arcebispo possa ser representada pela [disposição de criticar o desempenho administrativo do Presidente de República] e que essa disposição esteja fundada na *crença* de que o presidente [não se empenha nos projetos sociais prometidos]. Então, a *razão primária*, decorrente desses estágios anteriores, representa a causa da crítica esboçada na frase, onde o fato mais importante não se traduz pela descrição inicial, mas pelo fato de a condução política do país ser caótica.

Na mesma edição da Revista, compilam-se dois outros exemplos do arcebispo que servem para abonar uma e outra interpretações que acabamos de fazer.

(2) *“Ele e o Espírito Santo não se entendem bem. Você acha que o Lula conhece o Espírito Santo?”* (idem)

(3) *“Achei que eram dois bobocas se encontrando.”* (idem, sobre o encontro do Lula com Fidel Castro)

O desafio de determinar uma *razão primária* para justificar a racionalidade de uma dada ação não pode ser desvinculado daquilo que se faz representar pelas condições de sentido dos discursos que servem de suporte para essa ação. Uma *razão primária*, compreendida na dimensão das interações verbais, não se sustenta sem esse suporte que deve ser provido por intermediação das condições sobre o sentido (e de forma ainda mais radical sobre as condições sobre o

significado). Isso se mostra espelhado nas duas interpretações que fizemos para (1): *não ser católico* é uma forma dura de criticar o dirigente maior de um país suposto católico, no momento em que se escolhe um novo papa; *ser caótico* é também uma forma dura de criticar aquele que está à frente dos rumos de uma nação.

Enfim, todo o esquema de Davidson de circunscrever um caráter racional para as ações converge de modo direto com as nossas preocupações de ver o sentido, enquanto uma forma primeira de fixação de condições sobre o discurso, como um fator determinante desse teor racional. Aqui não exploramos todos os detalhes que a proposta do autor requer; procuramos apenas abrir o território para falar de um certo processo racional que perpassa as formas mais perversas de discursos que são construídas numa sociedade.

## **Discurso e História**

Indiferentemente à formatação final dos dados de análise e aos percursos metodológicos perseguidos, as abordagens em análise do discurso, via de regra, não conseguem se eximir da questão central que toca de perto o funcionamento dos discursos em qualquer sociedade. O que ressalta em comum nas análises é, precisamente, a preocupação com uma dimensão social dos fatos discursivos, sejam eles apelidados de histórico, de político ou de ideológico. Cada uma das abordagens disponíveis, a seu modo e em termos de método e de categorias conceituais próprios, ampliou o horizonte de compreensão dos fenômenos discursivos nesse particular – nenhuma delas pode ser desconhecida quando a questão é o modo pelo qual concebemos o funcionamento social da linguagem.

Para quem se arrisca a analisar discursos, está em jogo nessa dimensão mais do que a língua pode oferecer enquanto estrutura de significação está em jogo uma perspectiva de compreensão da linguagem enquanto instância da criação de sujeitos sociais, enquanto meio de construção das relações sociais; além do mais está em jogo também a forma pela qual os sujeitos se apropriam dos recursos da língua<sup>1</sup>. Todos esses parâmetros estão, de algum modo, articulados em todas essas abordagens e é de uma aglutinação maior ou menor entre eles que construímos todo um arsenal de estratégias para justificar racionalmente como os usuários procedem em suas práticas discursivas. Assim, reunimos, numa mesma abordagem, um conjunto de práticas que expressa a relação dos usuários com o discurso, o que eles extraem dele enquanto instrumento de construção social, o que fazem dele enquanto estratégia de ação numa sociedade. O discurso revela-se, então, como um espaço de espelhamento dos acontecimentos políticos e um instrumento de sua implementação.

Vamos aqui retomar outros momentos de reflexão que nos ajudam a melhor balizar esse percurso pelo social e a fazer dele um contraponto à formulação de Davidson, quando a pretensão é tratar de uma racionalidade (explicativa, ao menos) das práticas discursivas. Retomaremos hipóteses tematizadas por dois autores, com teor diferente, mas com o mesmo apelo estratégico para uma compreensão do tema em análise.

Começemos, então, por uma perspectiva antropológica, reportando-nos a Bernard Pautrat<sup>2</sup> (Apud, Garcia, C., Mari, H.,

---

<sup>1</sup> Esses são complementos que julgamos necessários para falar da racionalidade das ações, quando as fazemos intermediadas por discursos.

<sup>2</sup> PAUTRAT, B. (Apud: GARCIA, C., MARI, H. Representação e estrutura conceitual. In: *Kriterion Revista da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais*. V. XXIII, n. 69, Belo Horizonte: jan. a dez. 1976)



1976). O autor considera, como hipótese, enquanto proposição de uma função primitiva da linguagem, que a relação entre senhor e escravo se constrói antes na linguagem. A relação temporal assinalada pelo *antes* é fundamental para o autor, pois a recorrência a padrões exteriores (a posse de bens materiais, apropriação dos instrumentos de produção, a apropriação dos lugares de poder etc.) para demarcar a relação entre senhor e escravo constitui um *depois*, um segundo patamar de sua explicação. Quando a relação se torna efetiva por esse lado exterior, ela já teria sido instituída no plano da linguagem. O autor não faz uma demonstração lingüística de sua hipótese, mas podemos admiti-la na dimensão de formas lingüísticas acessíveis a uns e não a outros usuários, do modo pelo qual se articulam certos objetos que se tornam senhas para um grupo e não para outro (o fato de uma ordem não ser universalmente disponível para todos, por exemplo), o fato de uns serem identificados por certas formas pronominais e não todos. Enfim, o que podemos inferir da formulação do autor é a existência de um campo de estruturação simbólica, responsável pela construção das relações entre senhor e escravo e por destacar nessa tarefa o papel da linguagem. Assumindo o papel de *medium*, como forma de estruturação de padrões simbólicos, a linguagem acaba por se tornar, na perspectiva dessa hipótese, constitutiva das relações entre senhor e escravo.

O funcionamento corriqueiro dos discursos sociais parece se contrapor, de forma muito diferenciada, à formulação de Pautrat. Existem diferenças entre esse ato inaugural para a linguagem, na percepção do autor, e aquilo que podemos descrever em termos de disseminação das práticas discursivas: aqui alimentamos, ao menos, a ilusão de liberdade, de autonomia. Entretanto, essas diferenças não devem ser vistas

como algo que possa neutralizar o caráter coercitivo que foi descrito: a linguagem continua estigmatizando seus usuários, apesar de suas regras públicas; ela aceita quase tudo em termos de sentido, mas esse quase tudo não está disponível para todos. *Ordens* e *declarações* são objetos criados pelo discurso, mas os meios que condicionam a sua criação não estão disponíveis para todos. Muitos desses objetos são propriedades de instituições específicas (os senhores, numa extensão de Pautrat). Entendemos que saber lidar com essas restrições faz parte do nosso aprendizado da linguagem e, de resto, compõe também uma certa racionalidade discursiva.

Numa outra dimensão, compatível com a anterior, resgatamos Roland Barthes<sup>3</sup>, que propõe, através da linguagem, duas formas de organização dos sujeitos numa sociedade. De um lado, segundo o autor, há aqueles que se organizam através de uma linguagem *enocrática*, isto é, uma linguagem apropriada a fazer emanar o discurso do poder, o discurso daqueles que detêm o poder; do outro lado, há aqueles que se ajustam em torno de uma linguagem *acrática*, ou seja, aquela que se destina ao reconhecimento do poder, aquela cuja função primeira é legitimar os discursos que são engendrados pela instância do poder.

A hipótese de Barthes não é estranha à formulação de Pautrat (e precisa ser reconciliada com a de Davidson), mas guarda dela, no nosso entendimento, alguma distância. Não se trata, então, de conceber, como estamos propensos a entender na perspectiva de Pautrat, a linguagem enquanto um fundamento da distribuição de papéis numa sociedade, mas antes de concebê-la, enquanto um instrumento ágil, capaz de permitir o trânsito dos sujeitos por papéis sociais diversos, em

---

<sup>3</sup> BARTHES, R. O prazer do texto. Lisboa: Ed. 70, 1988.

circunstâncias apropriadas. Por ter esse caráter de mobilidade, a formulação de Barthes também flexibiliza, em parte, o uso das expressões lingüísticas. Uma *recomendação*, ou um *pedido*<sup>4</sup> não devem ser vistos como objetos de mediação social construídos em lugares fixos da sociedade, mas devem acompanhar a mobilidade dos sujeitos por lugares distintos. É claro que, mesmo na perspectiva de Pautrat, não poderíamos afirmar uma ausência total de mobilidade dos papéis sociais.

No cenário descrito por Barthes, a questão relativa à racionalidade para as práticas discursivas não nos parece obliterada: a flutuação dos lugares sociais a serem ocupados por um sujeito permite remeter, de forma mais direta, aos princípios de racionalidade descritos anteriormente. A *razão primária* [excluir alguém de um ambiente], efetivada por meio do proferimento *Rua!*, ou do proferimento *A porta está aberta!*, pode produzir o mesmo efeito prático, mas pode depender de um julgamento sobre as conveniências de escolha de uma ou outra expressão lingüística.

Cada uma dessas reflexões sobre a linguagem (também sobre o discurso) foi produzida em lugares diferentes, em momentos distintos e, com certeza, visando a objetivos diversos. Todas elas, entretanto, confluem enquanto percepção da forma pela qual a linguagem é usada como instrumento de mediação social. Na compreensão dessas hipóteses, importa menos o quanto elas representam, em termos da análise da totalidade dos fatos para os quais apontam: seria um reducionismo grotesco limitar a complexidade dos fatos relativos tanto à relação senhor/escravo quanto à mobilidade

---

<sup>4</sup> É provável que nenhum desses objetos discursivos sejam propriedades do lugar do senhor ou do escravo, mas de ambos; diferentemente de uma ordem (ainda que se admita uma certa flutuação na hierarquia de papéis pelos diversos lugares sociais que muitos sujeitos podem frequentar).

da instituição dos sujeitos às hipóteses formuladas pelos autores aqui referidos. Importa antes acompanhar os seus autores naquilo que trazem como relevante para compreender o funcionamento do discurso numa dimensão histórica.

Aqui compensa, mais uma vez, retomar o tema da mobilidade dos lugares sociais do sujeito: trata-se, porém, de uma mobilidade que revela certo teor de promiscuidade dos sentidos, de quebra da sua inocência (se é que ela existe). Em Pautrat, mais do que em Barthes, está em jogo certa naturalidade com que a linguagem se presta a recortar a sociedade em senhores e escravos, uma quase ingenuidade no desempenho dessa função. Para ambos qualquer pureza do discurso parece irremediavelmente perdida nessa rede de interesses, de compromissos que atravessam os lugares de onde falamos. As singularidades tendem-se a encolher, a autenticidade tende a ceder lugar ao discurso das conveniências.

O comentário que acabamos de fazer, justificando a dimensão da linguagem/discurso como necessidade histórica serve para nos reportar à segunda correlação temática que formulamos e desenvolvemos no início dessa reflexão, isto é, a relação entre discurso e ação. Para tanto, gostaríamos de recuperar aqui certa impressão de ambigüidade que fica de todo processo discursivo numa sociedade: o discurso, ao mesmo tempo em que é uma forma de expressão da nossa liberdade, é também uma forma de impor limites a ela; ao mesmo tempo em que reafirma compromissos com a verdade, se presta a uma realização simulada da mentira. Espelhando-se nessa ambigüidade, poderíamos assumi-lo como uma operação de falseamento da realidade, onde compromissos de natureza ética pudessem estar irremediavelmente perdidos, ou ainda, onde verdades consensualmente partilhadas cedessem

lugar a mentiras meticulosamente engendradas. Entretanto, é importante assinalar que a idéia de falseamento comporta dois aspectos distintos.

Podemos admiti-la enquanto um processo de economia de representação, circunscrita à função que os signos desempenham numa língua. Trata-se de uma tese espontânea, associada à própria natureza da linguagem e que consiste na impossibilidade de um sistema dispor de signos para representar objetos singulares. O signo *botão* representa um conjunto extenso de objetos e não singulariza nenhum membro desse conjunto. Embora saibamos que ali não vamos encontrar dois botões idênticos, o signo, enquanto representação, acaba por desconhecer esse fato, igualando todos os objetos do conjunto. Operando dessa forma, o signo falseia a natureza dos objetos do conjunto. Esta é uma tese, digamos, ingênua, necessária ao funcionamento da língua, enquanto um sistema representações. E se, portanto, estamos condenados a esse falseamento, é por uma condição que a língua nos impõe.

Interessa-nos aqui, todavia, um outro aspecto do falseamento: aquele que resulta de uma manipulação do sistema, com vistas à obtenção de certos efeitos de sentido e à neutralização de outros. Interessa-nos também aqui avaliar se essa dimensão do discurso atenta contra o teor de racionalidade que estamos a ele atribuindo. A ingenuidade do falseamento natural esvai-se para dar lugar a um processo de expropriação dos sentidos. Tudo aquilo que se projeta de mais autêntico no uso da linguagem acaba por se diluir em meio a um jogo de espertezas praticado por *spertizers*, ou, pior ainda, por espertinhos e espertalhões. O ideal de que a linguagem seja uma garantia da verdade social, que assegure a autenticidade dos agentes sociais, que ratifique um padrão ético de comportamento na sociedade, se perde diante de um

discurso construído para diluir a verdade. Quando analisamos de perto muitas das práticas discursivas numa sociedade, constatamos um abismo entre esse ideal e a realidade que constatamos.

Esse parece ser o grande desafio, e talvez até mesmo a grande contradição, quando se pretende atribuir ao discurso uma condição para a racionalização das nossas ações. O que significa, em um quadro de racionalidades, contemplarem-se mentiras e falseamentos? Em que extensão, uma explicação racional para a realização de práticas discursivas deve se preocupar com lugares politicamente reconhecidos como situação e oposição? Amanhã os detentores desses lugares não inverterão os papéis? Se o sentido pertence aos lugares e não aos seus detentores, o que pode representar a aposta em um partido político em nome de princípios racionais?

Com efeito, nossa atual conjuntura histórica nos leva a eleger certos aspectos do discurso político como objeto privilegiado de exemplificação da reflexão teórica desenvolvida até aqui. Em linhas gerais, no regime político que se traduz pela nossa democracia representativa, as instituições partidárias avultam, teoricamente, como representantes dos interesses de segmentos da sociedade que lhes delegam esse poder através do voto. Do ponto de vista das relações que se estabelecem entre discurso e ação, podemos dizer, por exemplo, que se engendra um tipo de relação de poder que se caracterizaria por aquilo que podemos chamar de 'engajamento consensual', relativo à interação estabelecida entre candidato/governante e eleitor/cidadão. Essa forma de engajamento justificaria a existência de uma intencionalidade ao mesmo tempo comissiva – porque o candidato/governante se compromete a realizar ações benéficas ao eleitor/cidadão em termos da satisfação de suas necessidades e desejos – e

diretiva – porque é requerido dos eleitores/cidadãos, como contrapartida, o compromisso de, por um lado, apoiar e votar no candidato e/ou governante engajado na solução dos problemas da população e de, por outro lado, reivindicar e exigir a realização de suas demandas por parte desse mesmo candidato –. Essa dimensão ética é constitutiva de uma racionalidade voltada para o funcionamento ideal do discurso político, de modo que é pertinente dizer que a relação entre candidato/governante e eleitor/cidadão se estrutura primeiramente na linguagem sob a forma da capacidade de prometer, de um lado, e de eleger, do outro. O fundamento desse primeiro aspecto constitutivo da racionalização das ações políticas através do discurso pode ser traduzido, nos termos de Davidson, pela razão primária: *buscar a satisfação das necessidades e interesses da coletividade*.

Há, por sua vez, um outro aspecto da racionalização das ações políticas pelo discurso, que pode ser traduzida por um tipo de relação de poder que chamaremos de ‘engajamento polêmico’, uma vez que as necessidades e interesses da sociedade são, por sua natureza histórica, contraditórios e conflitantes, no sentido de que o espaço público, esse mundo comum que se interpõe aos indivíduos históricos, diferencia-os em termos do lugar social que nele ocupam. Em outras palavras, a dimensão ética constitutiva do discurso político prevê não só a possibilidade, mas, sobretudo a necessidade do dissenso. Tal ‘engajamento polêmico’ se faz representar empiricamente em nossa democracia representativa pelo pluripartidarismo, ou seja, pela existência de diferentes instituições político-partidárias teoricamente divergentes em termos de seus respectivos posicionamentos político-ideológicos, que deveriam, a princípio, ou em tese, representar as divergências, conflitos ou contradições dos interesses dos

diferentes segmentos da sociedade. Isso justificaria a presença de uma intencionalidade ao mesmo tempo elogiosa e crítica – porque os candidatos/governantes têm seus adversários políticos e precisam desqualificar as posições e ações dos seus concorrentes e qualificar as suas próprias para persuadir os eleitores/cidadãos –. Daí a existência de críticas e acusações aos candidatos/governantes adversários e às suas ações, assim como a presença de auto-elogios dos candidatos/governantes às suas próprias ações. Assim, é também pertinente dizer que a relação entre candidatos/governantes se estrutura primeiramente na linguagem sob a forma da capacidade de criticar e de elogiar. O fundamento ideal desse segundo aspecto constitutivo da racionalização das ações políticas através do discurso pode ser traduzido, nos termos de Davidson, pela razão primária: *confrontar posicionamentos e propostas na busca da satisfação das necessidades e interesses da coletividade*.

Nessa perspectiva, o discurso enquanto motor da prática política na democracia representativa engendra uma dinâmica de posições institucionais e de lugares enunciativos que nos permite recuperar e problematizar a formulação de Barthes acerca das formas encráticas e acráticas do discurso, mais especificamente de aspectos fundamentais do discurso político que ora nos interessam. O processo referente à interação *candidato/representante ↔ eleitor/cidadão* desencadeia uma mobilidade dialética e aparentemente equânime das posições encrática e acrática, em função do dispositivo das eleições diretas. Na posição de candidato a representante/governante político, o discurso do ‘sujeito político-partidário’ se constrói, de um lado, como uma linguagem encrática, na medida em que ele se postula como uma instância enunciativa de poder que tem competência e credibilidade para melhor satisfazer as



demandas dos eleitores; de outro lado, esse mesmo discurso só pode ser validado através do voto do eleitor/cidadão, que é, em última análise, o instrumento discursivo de legitimação do poder, assumindo a posição de linguagem encrática na sua relação conjuntural com o discurso das instituições partidárias, que, nessa circunstância específica, estaria numa posição de linguagem acrática. Já na posição de representante/governante eleito e legitimado pelo voto direto da população, o discurso do 'sujeito político-partidário' assume a plenitude do seu teor encrático, enquanto discurso do poder instituído, que se afirma, entre outros fatores, pela prerrogativa de tomar decisões – através, por exemplo, de atos declarativos, como decretos, emendas constitucionais, leis ou medidas provisórias – e, é claro, pelo monopólio do uso da violência por parte do Estado. Se a sociedade ocupa nesse momento a posição de um discurso acrático, tal posição não se limita ao reconhecimento do poder de seus representantes, mas, ao contrário, pode e deve se manifestar como uma forma de linguagem que reivindique seus direitos e exija que os governantes eleitos 'prestem contas' dos compromissos assumidos. É a iminência de um novo pleito eleitoral – e a conseqüente possibilidade de mudança ou alternância dos grupos políticos no poder – que vai conferir à população a prerrogativa de assumir mais uma vez o discurso encrático através do voto.

A referida possibilidade de alternância de grupos políticos no poder nos remete ao processo interacional desencadeado entre *candidatos/representantes políticos*, que integra a dinâmica de posições institucionais e de lugares enunciativos, desdobrando as formas encráticas e acráticas do discurso político. Aqui podemos contemplar, por exemplo, a relação estabelecida entre as famigeradas posições reconhecidas como situação e oposição, isto é, a relação entre

os grupos políticos que estão no governo, assumindo, portanto, um discurso encrático – caracterizado por auto-elogios às próprias ações e por promessas de continuidade e melhoria – e os grupos políticos que não estão no governo, assumindo, nessa circunstância específica, um discurso acrático – caracterizado por críticas às ações do governo e por promessas de mudança –. De um ponto de vista idealizado, a alternância de partidos políticos no poder e os respectivos lugares da situação e da oposição deveriam produzir, como efeito, um salutar equilíbrio democrático, no sentido de que os diferentes segmentos antagônicos da sociedade se revezariam no poder através de seus respectivos representantes, buscando sempre um consenso majoritário em meio ao dissenso generalizado.

O fato é que o funcionamento real de nossa democracia representativa está muito distante dos parâmetros éticos de racionalidade discursiva apontados acima. Nossa estrutura político-partidária se mostra completamente diluída, dando lugar a um jogo de conchavos e de interesses escusos, baseado em um pragmatismo imediatista do poder, em detrimento de qualquer fundamento político-ideológico. O discurso político, cada vez mais, se apresenta como o discurso do mesmo, da repetição de promessas vazias que sempre redundam em demagogia e de afirmações levianas que sempre revelam mentiras. Se buscarmos um fundamento qualquer que sustente as distorções produzidas por essa forma de racionalidade perversa do discurso e/ou das ações políticas, encontraremos, no cerne do problema, um princípio que governa a ação/discurso dos sujeitos políticos e que pode ser traduzido, na concepção de Davidson, pela razão primária: *alcançar e se manter no poder.*

O exemplo mais evidente na nossa atual conjuntura política diz respeito às inúmeras denúncias de corrupção envolvendo representantes do governo federal e/ou de sua base aliada, as quais desencadearam uma 'movimentação' no congresso nacional em função da provável instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar tais denúncias. Sem adentrarmos numa discussão mais detalhada e sistemática sobre o assunto, podemos circunscrever o nosso breve comentário à postura assumida pelo partido político que ocupa atualmente o centro do poder federal, o Partido dos Trabalhadores (PT). Ao longo de toda a sua história como principal partido de esquerda na oposição, a posição do PT, em termos de sua ação e de seu discurso, podia ser resumida pelo ato discursivo de 'apoio à instalação de CPIs'. Tendo ocupado a presidência da república, ao ganhar as eleições presidenciais de 2002, passando, assim, de uma linguagem acrática para outra encrática, o governo petista de Luiz Inácio Lula da Silva muda também a sua posição e assume um discurso e uma prática política que podem ser traduzidos pelo ato discursivo de 'crítica à instalação de CPIs', o que levou a revista Veja, por exemplo, a publicar uma matéria cujo 'sub-título' é: "Atingido por um estado de espírito que varia entre o irritado e o assustado, o governo do PT – quanta ironia– faz tudo contra a CPI". (Veja, 25/05/05, p.44).

É interessante notar que, por um lado, o semantismo da proposição [instaurar CPIs] não denota a princípio nenhum posicionamento político-ideológico que possa caracterizar, por exemplo, atitudes associadas a partidos de esquerda ou de direita. Por outro lado, é o valor pragmático (ilocucional) associado a essa proposição que passa a caracterizar um certo posicionamento, não político-ideológico, mas sim político-administrativo, no sentido de que os grupos políticos que estão

no governo (situação) assumem invariavelmente um discurso contrário à instauração de CPIs para apuração de denúncias contra a corrupção em órgãos públicos e/ou setores do governo, como acontece agora com o PT, enquanto os grupos políticos que não estão no governo (oposição) assumem invariavelmente um discurso favorável à instauração de CPIs, como é o caso do PSDB e do PFL, os quais, quando estavam no poder, à época do governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), eram categoricamente contrários à instauração de CPIs, e, agora, estando na oposição, assumem a linha de frente no apoio a estas últimas.

### **Considerações finais**

Até certo momento dessa reflexão, estivemos preocupados em mostrar algumas condições gerais que nos permitiram pensar o conjunto de nossas ações no campo da racionalidade. Ao refletir sobre práticas discursivas, enquanto formas de ação (política), procuramos concebê-las como algo decorrente dessa racionalidade, não obstante certa perversidade mostrada no uso do discurso.

Embora qualquer recorte de exemplos tenda a uma forma caricatural, não devemos nos iludir supondo que o critério da seleção tenha sido uma espécie de sadomasoquismo discursivo. Não estamos registrando, nessa forma de funcionamento social da linguagem, apenas algo que seja pouco natural, que seja atípico, ou que seja a marca de desvios de sujeitos no processo histórico. Essa parece ser a expectativa geral sobre o seu funcionamento. Se a nossa percepção se pauta por conflitos, por desavenças, por desconfianças sobretudo em relação àquelas instituições que governam as nossas ações, por que haveríamos de supor que

a linguagem que sustenta essas instituições tivesse um outro teor que não aquele que acabamos de denunciar? É claro que sempre nos resta uma expectativa de reversão, uma expectativa, como quer Habermas, de se fazer da linguagem um lugar de polêmicas que sejam a condição para a busca de certos ajustes interlocutivos, uma expectativa de fazer da linguagem um *médium* confiável nas relações intersubjetivas.

Finalmente, gostaríamos de destacar, dentro de uma versão mais restrita de ação - ação política -, um pequeno comentário sobre duas formas de discurso: o discurso de campanha e o discurso parlamentar. Reportemos aqui dois aspectos que Pascal Engel (1993) polemiza como dimensões constitutivas de uma ação: isto é, o fato de a ação ser um objeto racionalmente construído e como tal esteja submetido a algum princípio de causalidade, como lembramos no início do texto. Ser racional e, portanto, poder conter uma justificativa causal seriam preceitos que essas duas formas de discurso esforçam-se por fazer prevalecer?

Nem sempre dispomos de informações suficientes para julgar esses dois preceitos, mas devemos esperar que promessas de candidato, que programas de governo, que a atividade parlamentar sejam formulados, a partir de pretensões que mostrem alguma visibilidade racional, alguma conexão causal com questões emergentes na comunidade. Entretanto, a julgar por aquilo que conhecemos de reação frente a esses discursos, sabemos tratar de duas formas vistas com extrema desconfiança, provavelmente em razão do insucesso de outras promessas, de outros programas, ainda que elaborados a partir dos preceitos em análise. Então, racionalidade e causalidade são insuficientes para justificar comportamentos discursivos nesse formato em análise. Em muitos momentos, quanto mais deteriorada é uma situação social, até mesmo em termos de

projeção, tanto maior é a fila dos pretendentes a gerenciá-la. Aqui, certamente, estaríamos pendendo mais para o mórbido do que para o racional, se deixarmos de considerar que outras dimensões, além de uma objetividade racional, aferida pela causalidade, sejam o componente determinante das condições de existência desse discurso.

Seria importante, todavia, esboçar alguma forma de defesa desse discurso, enquanto manifestação do desejo do locutor. O que move um candidato, um parlamentar na direção de problemas pode não ser suas condições reais de resolvê-lo, a maioria, mesmo quando conhece os fatos, ainda assim costuma agir de olhos vedados. O que os impulsiona é o desejo de fazê-lo. Um discurso parlamentar, ou de campanha é um discurso do desejo e do desejo não de significantes, mas de viadutos, pontes, estradas, hospitais. O azar do político é ter de submeter o seu desejo ao controle público, pela natureza das suas ações. Ainda quando o político dispõe do orçamento, os seus desejos costumam extrapolar os limites desse orçamento (mas, por acaso, os nossos desejos cabem no nosso orçamento?). Não há, portanto, na dimensão apontada, discurso sem desejo, isto é, que fosse circunscrito apenas ao eixo causal/racional; e um discurso assim concebido não seria necessariamente melhor do que aquele que acolhe o desejo. Muitas atrocidades cometidas contra a humanidade foram sustentadas através de discursos coerentes, ajustados ao padrão causal/racional. Então, como nós, cidadãos e eleitores, nos comportamos diante desse formato de discurso?

Atuamos, de modo relativamente uniforme, diante desses discursos. Julgamos todos eles, construindo uma regra de conversão, onde tudo que é desejo se converte em dever, em obrigação. Pode ser legítimo dispor dessa regra que deveria funcionar como uma espécie de cartilha ética do eleitor,

para controle do candidato, do parlamentar. Entretanto, o caráter instantâneo e fugaz dessa conversão costuma representar a infelicidade de uns, pela rapidez de sua aplicação, e a felicidade de outros, pela rapidez do seu esquecimento. O tempo, sendo o critério universal, costuma ser implacável com aqueles que precisam responder de imediato, mas complacente com aqueles que dispõem de prazos maiores para respostas.

Por fim, a hipótese da linguagem como necessidade histórica não conflita com essa dimensão que estamos aqui destacando para um tipo de discurso social específico. A rigor, deveríamos buscar, em cada gênero, ou formato discursivo próprio, algum padrão que o faz diferente dos outros: aqui registraríamos o desejo como condição necessária. Em particular, parece impossível conceber o discurso de campanha, ou o discurso parlamentar como indiferente a essa dimensão do desejo. Ao menos enquanto candidatos, essa parece ser a única prerrogativa que lhes resta em termos de discurso. Ofuscar esse desejo em nome do racional/causal não é tornar o discurso mais eficaz, mais ético nessas circunstâncias, mas apenas impedir o seu funcionamento em um aspecto que lhe essencial.

### **Referências Bibliográficas**

- DAVIDSON, D. "Actions, raisons et causes". In: *Actions et événements*. Paris:PUF. 1993. p. 15 – 36.
- ENGEL, P. "Présentation". In: DAVIDSON, D. *Actions et événements*. Paris:PUF. 1993. p. V-XXXII.
- GARCIA, C. & MARI, H. "Representação e estrutura conceitual". In: *Kriterion – Revista da Faculdade de Filosofia da*

Universidade Federal de Minas Gerais. v. XXIII, n. 69, Belo Horizonte: jan. a dez. 1976.

LIVET, P. "La perception de l'action". In: LIVET, P. (Dir.). De la perception à l'action. Contenus perceptifs et perception de l'action. Paris:Vrin. 2000. p. 219 – 236.

MARI, H. "Discurso e ação". In: MARI, H. MACHADO, I.L., MELLO, R. (Org.) Análise do Discurso em perspectivas. Belo Horizonte:FALE/UFMG. 2003. p. 101 – 116.

SEARLE, J. R. "Basic structure of intentionality, action and meaning". In: Rationality in Action. Cambridge Mass.:MIT Press. 2001. p. 33 – 61.



## O PROBLEMA DA INFORMAÇÃO MIDIÁTICA ENTRE AS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO E A ANÁLISE DO DISCURSO

Wander Emediato  
UFMG

(...) esse ato abominável e voluptuoso que se chama ler o jornal e graças ao qual todas as tristezas e cataclismas do universo durante as últimas vinte e quatro horas, as batalhas que custaram a vida de cinquenta mil homens, os crimes, as greves, as falências, os incêndios, os envenenamentos, os suicídios, os divórcios, as cruéis emoções do homem de Estado e do ator, são transmutados para nosso uso pessoal, a nós que nem estamos interessados, num prazer matinal, durante a ingestão recomendada de alguns goles de café com leite. (Marcel Proust. "Sentimentos filiais de um parricida", In: *Pastiches et mélanges*, Paris: Gallimard, 1919, tradução nossa).

A idade da impressão em série teria transformado significativamente a relação do homem com a linguagem. Esta é a opinião de McLuhan (1962) para quem, através da escrita e depois da tipografia e a impressão em série, passamos de uma sociedade da *fala* a uma sociedade do *alfabeto*. A era da escrita e da impressão teria produzido um impacto importante sobre a organização das sociedades modernas pelo nível de abstração que ela implica. Essa reorganização das sociedades pelas técnicas da escrita foi bem ressaltada por Bauthier (1994) que, na linha de pensamento de Popper (1950, *apud* Bauthier, 1994), observou que os fenômenos de *destribalização* e de *retribalização* permitiram a passagem de uma sociedade

*fechada* (sociedade da fala) a uma sociedade *aberta* (sociedade do alfabeto), fenômeno invertido pela era eletrônica que “corresponderia à criação de uma tribo global”. A distinção entre sociedades fechadas e sem escrita e sociedades abertas com e pela escrita deve igualmente ser relativizada, pois sociedades orais não são necessariamente isentas de práticas de abstração, o que Bauthier faz questão de observar. Não se deve negar, porém, que a impressão em série tem um forte impacto sobre a difusão das representações, bem como sobre sua conservação, passando a atingir um público amplo, levado a interpretar e a se posicionar. Ela teria intensificado de forma impressionante a transformação das representações mentais em representações públicas, permitindo uma ampliação considerável do fenômeno de *contágio das idéias* sustentado por Dan Sperber (1996).

A influência da impressão em série e notadamente das mídias sobre os comportamentos das pessoas atraiu a atenção de pesquisadores desde o início do século XX, sobretudo a partir da reflexão sobre o uso dos meios de influência e de desinformação durante as guerras. Breton e Proulx (1989) lembram o interesse suscitado por um modelo unidirecional da transmissão da informação e de sua influência sobre o receptor por uma sociologia da comunicação desde a primeira metade do século XX, bem como a passagem aos modelos críticos mais atuais e mais prudentes que relativizam o poder das mídias e o real alcance de seu poder de influência.

Harold Lasswell (1948), considerado um dos pioneiros do estudo sobre as comunicações de massa, concedeu às mídias um poder considerável sobre as pessoas. Lasswell (1960) resumiu suas preocupações numa fórmula que se tornou célebre: “quem diz o quê, a quem, através de quais meios, e com quais efeitos?”. Seguindo essa fórmula, pode-se

notar que a divisão do estudo se fazia entre o emissor, o conteúdo da mensagem, o receptor, o canal, e os efeitos da mensagem sobre o receptor. Cada questão remete, portanto, a um elemento da comunicação a ser analisado – a *motivação* do ato de comunicar, a *análise do conteúdo* ou da *significação* da mensagem, o *funcionamento* das mídias ou do canal, a análise das *variáveis que compõem o auditório* assim como o problema da *influência social*, de seus mecanismos e de suas técnicas de produção de efeitos. Lasswell estudava a comunicação como um processo dinâmico constituído de etapas, cada uma delas com sua especificidade e sua importância. A crítica corrente aos trabalhos de Lasswell consiste basicamente em observar que ele analisa situações de comunicação separadas do contexto em que os indivíduos, isolados de seu meio ambiente e de seu meio sociocultural, tornam-se entidades mais ou menos abstratas. Os papéis de emissor e de receptor são totalmente distintos e a comunicação é orientada como um vetor em um único sentido (modelo unidirecional), com os comportamentos sendo categorizados no esquema behaviorista estímulo/resposta. Como observou com precisão Jean Cazeneuve (1972), os trabalhos de Lasswell se articulam bem com os teorias da informação e da comunicação inspiradas da cibernética, na medida em que, por exemplo, as noções de “redundância”(mensagens sem conteúdo específico em relação às outras) e de “originalidade” (qualidade inversa da redundância) e as de “feed-back” representam muito bem, em relações passíveis de uma expressão por símbolos matemáticos, as principais operações correspondendo às questões levantadas por Lasswell, permitindo até mesmo calculá-las quantitativamente.

As questões enunciadas por Lasswell estão ainda presentes na maioria dos trabalhos conduzidos atualmente

sobre os fenômenos da comunicação midiática, mas o caráter unidirecional do processo foi fortemente criticado e reavaliado. Se de um lado há estudos centrados sobre os aspectos ligados à configuração das mensagens, à formatação de textos e de imagens, ou à estrutura profunda e implícita dos discursos (estudos sobre a produção), outros estudos, que dizem respeito notadamente aos campos da psicologia social e da sociologia se concentram sobre o problema dos efeitos das mensagens sobre o receptor (estudos sobre recepção). Entretanto, essa separação (emissor, conteúdo, receptor, canal, efeitos) é bastante artificial, pois isola o fenômeno em partes independentes, pressupondo sua *découpage* em domínios distintos. Cazeneuve ressalta ainda que tal distinção faz perder de vista o “fenômeno social total”, recuperável pela análise da difusão das mensagens enquanto processo complexo revelador de mecanismos de implicações múltiplas. Uma análise envolvendo o processo de configuração e as relações interpessoais em uma rede de interações seria mais desejável, pois ela levaria em conta a complexidade do fenômeno comunicacional.

A sociologia das mídias evoluiu de forma considerável ao buscar explicações que relacionam os comunicadores e os receptores, estudando os laços existentes entre os sistemas de comunicação e os sistemas sociais. J. W. e M. W. Riley (1959) trabalharam nessa direção, desenvolvendo estudos empíricos em busca da explicitação de relações entre a situação de comunicação e o sistema social. Para eles, a função da comunicação está em relação direta com as expectativas e os comportamentos dos indivíduos e dos grupos no âmbito do sistema. Comunicadores e receptores estão ligados por um processo de mão dupla na estrutura global (Riley e Riley, 1959, *apud* Cazeneuve, 1972), descartando a idéia de que o produtor

do discurso ocupa um espaço privilegiado de ação e influência e de que o receptor figura como paciente de efeitos intencionais. Seguindo uma nova linha de estudos centrados sobre as relações entre os comunicadores e os públicos, Alphons Silbermann (s/d, *apud* Cazeneuve, 1972) assinala a existência de mecanismos de controle institucionalizados que provocam mudanças nos fenômenos de diferenciação de funções e de especialização das mídias. Silbermann evoca assim o problema, que se aproxima bastante de uma problemática da análise do discurso, dos espaços e áreas de difusão em sua relação com os espaços sociais. A problemática que relaciona os espaços e as áreas de difusão e os espaços sociais coloca em evidência os laços possíveis entre uma análise do discurso, uma psicologia social e uma sociologia das mídias, entre os quais o mais relevante é a dimensão dialógica da comunicação. Buscando uma concepção circular da comunicação reconstrói-se a idéia comum de processo, já que os comportamentos de indivíduos em relação de comunicação são observados em um jogo de implicações complexas, de ação e de retroação, estabelecendo uma dinâmica entre uns e outros.

Uma abordagem psicossociológica se esforça em observar as situações concretas de comunicação interessando-se igualmente ao processo. O emissor e o receptor não são mais diferenciados, pois são vistos como atores do processo comum, enquanto o contexto é apreendido igualmente como a situação comum aos atores da interação. Uma dimensão nova, as *relações afetivas* entre os atores, é também visada em uma abordagem psicossociológica. Assim, levando-se em conta a complexidade do fenômeno, percebe-se que a *identidade* dos atores, suas *posições (rapports de place)* bem como suas relações afetivas sobredeterminam a comunicação.

A abordagem interacionista também acentua os aspectos sistêmicos e dinâmicos da comunicação, aproximando-se, em muitos aspectos, de uma análise do discurso. Marcada pela relação que liga os interlocutores, essa abordagem se interessa pelas relações mantidas entre os participantes e às significações elaboradas na situação. Definir a relação comunicativa, é instaurar, antes de tudo, uma posição (*rapport de place*) entre os protagonistas. Reencontramos aqui o problema da identidade (real ou figurada) dos parceiros da comunicação. É a partir da imagem que os interlocutores fazem uns dos outros que são estabelecidas as linhas virtuais da comunicação.

Vários autores discutiram essa questão. Para Lipiansky (1992), por exemplo, interagir é instaurar uma relação na qual o fato de ocupar uma posição atribui ao outro um lugar correspondente, designando o que ele chama de *identidade circunstancial* operante na relação. Esta mesma abordagem pode ser encontrada em Flahault (1978) segundo o qual o locutor assume uma identidade a partir e no interior de um sistema de posições que o precede. O lugar ocupado por um locutor atribui ao interlocutor um lugar correspondente, recomendando-o, ou mesmo obrigando-o, a se inscrever na relação de um certa maneira e não de outra. A construção do sentido é negociada, aproximando-se dos postulados de Patrick Charaudeau (1986) e Rodolphe Ghiglioni (1986) de *contrato de comunicação, regulação e negociação*. O contrato de comunicação funciona como um princípio regulador das trocas, não totalmente determinante posto que negociado constantemente em busca da intervalidação da troca entre os participantes. Claude Chabrol (1997) retoma também essa problematização, ao falar de um *princípio de identificação* que prevê que toda comunicação interlocutiva (face a face) ou

monolocutiva (mediada por algum canal) é a ocasião para uma reelaboração das identidades sociais e pessoais dos protagonistas. Nesse sentido, os produtos da mídia fazem parte de um processo dinâmico de negociação e de regulação dos horizontes de expectativas e das identidades dos parceiros da comunicação, o que relativiza – e muito – o imenso poder de influência atribuído às empresas de mídia e coloca o chamado “quarto poder” numa posição próxima a do *manipulador manipulado*.

A evolução dos modelos críticos da comunicação e a contribuição importante da perspectiva psicossociológica e interacionista evidenciam muitos pontos convergentes entre as ciências da linguagem e as abordagens multidisciplinares retidas pelas ciências da informação e da comunicação. Essas abordagens buscam dar conta do fenômeno da intersubjetividade e dos fatores situacionais que fundam tanto o processo de produção como o de interpretação das mensagens midiáticas. Assistimos, assim, à passagem dos estudos centrados sobre o sistema de comunicação como modelo unidirecional e de alguma forma baseado sobre o código aos modelos relacionais, interacionistas e dialógicos que assumem a complexidade do sistema e das relações interpessoais. A informação midiática não é somente uma unidade significativa produzindo efeitos intencionais, mas um processo discursivo objeto de um estudo multidisciplinar.

### **O discurso da informação midiática**

O senso comum concebe a atividade de transmissão da informação como um simples procedimento de mediação entre a posse de um saber por uma fonte e sua comunicação, por um mediador, a um receptor que supostamente não o possui.

Atribui-se, além de uma objetividade ingênua, um papel de benfeitor à instância de transmissão da informação sem levar-se em conta todos os múltiplos desejos e intenções que orientam a informação midiática.

Como surge um acontecimento, que relação ele mantém com o fato e como – e por que – se transforma em informação? Para Jean-François-Tetu (1989), o dispositivo da informação pode ser representado sob a forma de captadores que se apropriam dos fatos *in situ* e os encaminham a um centro. Quando o mesmo dispositivo difunde os despachos das agências do centro para a periferia, se falaria de *informação* ou de notícia, *news*. Entretanto, vale ressaltar que, entre a captação dos fatos *in situ* e sua representação pública em um jornal há um processo de transformação da informação da fonte ligado à especificidade da empresa jornalística e seu meio ambiente particular, pois a informação só *faz sentido* dentro de um sistema psicossocial. A instância de produção da informação se apresenta como uma instância mediadora entre as fontes e o alvo receptor da informação. Por outro lado, a mediação produz, com frequência, uma transformação da matéria original. Charaudeau (1997) lembra a pretensão segundo a qual a fonte da informação é um lugar onde há necessariamente uma certa quantidade de informação a ser transmitida e que o alvo receptor é capaz de interpretar e decodificar essa informação sem que o problema da natureza da informação, de sua transformação e interpretação seja colocado. A instância de transmissão é atribuída uma certa transparência e neutralidade na mediação da informação entre a fonte e o alvo receptor. Esquece-se, desse modo, que a informação é pura enunciação, um objeto de troca simbólica.

Para Jean-Noël Darde (1991), um acontecimento (*événement*) é um fato, um elemento novo na realidade que um



produtor do discurso da informação julga pertinente relatar. Os destinatários do discurso da informação nada sabem sobre os acontecimentos, senão o que a mídia lhes diz. O leitor do jornal não está, em regra geral, em condições de verificar a realidade do acontecimento que o jornal faz surgir no espaço simbólico da informação, nem de comparar o que lhes dizem ser a realidade com a própria realidade. Entretanto, submetidos com frequência aos despachos das agências responsáveis pela coleta de notícias, os próprios jornalistas não se acham mais próximos dos fatos que os próprios leitores. A informação jornalística é tributária de uma cadeia enunciativa complexa onde várias vozes se misturam e se encadeiam até se transformarem em notícias. O acontecimento é o produto, portanto, de uma figuração, de uma configuração e de uma refiguração. O fato, por sua vez, é uma realidade supostamente produzida sob a ação humana ou da natureza no tempo e no espaço. O *acontecimento* é, finalmente, a representação de um *fato* suposto ser de interesse de um leitorado antecipado como alvo, parceiro e co-enunciador. O acontecimento é, ao mesmo tempo, *figuração* (na fonte, há um processo de assimilação do fato já *pré-figurado* em um esquema jornalístico), *configuração* (na empresa, há um processo de tratamento da informação que busca a sua adequação à área de difusão específica de cada jornal) e *refiguração* (na recepção, o acontecimento é transformado novamente pelos esquemas próprios do interpretante), correspondendo, em certa medida, às três *mímesis* de que fala Paul Ricoeur (1983).

### **As leis de proximidade e o imaginário jornalístico**

O imaginário jornalístico comporta certos princípios de base que orientam a atividade dos jornalistas e, por

conseqüência, a construção da informação. Na própria formação dos jornalistas é ensinado que os profissionais devem considerar certos parâmetros que representam o que a literatura especializada chama de *leis de proximidade*. São 4: a lei de proximidade *cronológica* (o que há de mais novo e atual); a lei de proximidade *geográfica* (o que há de mais próximo no espaço); a lei de proximidade *psico-afetiva* (o que há de mais humano, o que toca mais os leitores); a lei de proximidade *específica* (o que diferencia tais leitores dos outros, suas paixões, suas situações profissionais, pessoais, seus gostos e modelos de julgamento, etc.).

Nota-se claramente que as duas primeiras leis de proximidade – cronológica e geográfica- são leis que dizem respeito à pertinência dos saberes. A lei de proximidade cronológica prevê que a informação mais nova é preferencial à mais antiga, o que define a informação jornalística no centro da atualidade, distinguindo-a portanto da historiografia. É uma informação relativa ao *aqui-agora*. Quanto à lei de proximidade geográfica, trata-se de definir um nível de pertinência no meio de um grupo social de pertencimento, o que define a informação jornalística em termos de sua implicação social mais imediata, ou seja, a informação que implica de modo mais imediato o leitor enquanto membro de uma comunidade, de uma *cidade* específica, o *cidadão* no sentido estrito do termo. Este princípio age no reforço dos laços sociais locais em detrimento dos não-locais, ou seja, distanciados no espaço, formatando as *áreas de difusão*. Eis, portanto, uma informação relativa ao *aqui*, entendido como um *aqui-nós*, isto é, uma informação que, juntamente com a lei de proximidade cronológica, constrói um espaço de intencionalidade importante, um *nós-aqui-agora*, ou ainda, uma *intencionalidade-em-nós jornalística*.

A leitura discursiva desse imaginário jornalístico ensinado como uma técnica de *bom jornalismo* quase no nível da evidência nos mostra como o que é basicamente visado como uma prática de formação profissional revela, em outro campo, uma problemática para a reflexão crítica. Para a análise do discurso, essas leis supõem uma construção da pertinência do debate social, caracterizando ainda a busca de um contrato de comunicação midiático em termos do que é suscetível de despertar o interesse dos leitores e interpelá-los no espaço social em que se encontram. É construído (ou co-construído), assim, um meio ambiente cognitivo no interior do qual a informação retroage cotidianamente, sedimentando seus esquemas rotineiros e formando uma base forte para o contágio das idéias e sua conservação. Esse *interesse*, elaborado pela prática repetitiva desse domínio, se relaciona com as duas outras leis: a de proximidade psico-afetiva e a de proximidade específica. A primeira instaura uma nova pertinência criando, na verdade, dois níveis de interesse: o interesse *cognitivo* (conhecer o novo sobre a base do antigo); o interesse *afetivo* (priorizar, na seleção do novo, o que mais toca a paixão do leitor e é capaz de criar, ainda, uma tensão sobre o antigo). Levar em conta essa especulação sobre os níveis complexos do interesse do leitor consiste em categorizar seus interesses por antecipação, inclusive suas tendências axiológicas. De outro lado, a lei de proximidade específica leva em conta igualmente as paixões do leitor, mas desta vez são consideradas como específicas de grupos mais particulares, elaborando os projetos de planificação dos gêneros jornalísticos sobre a faculdade do gosto e do julgamento de comunidades consumidoras de formas genéricas de informação. Não é difícil imaginar, portanto, em que complexidade a planificação do discurso jornalístico se

desenvolve, bem como o processo complexo de inferências abduativas que ela supõe sobre todos os níveis comportamentais e atitudinais dos diferentes alvos e áreas de difusão. Não é difícil perceber, igualmente, a grande influência que o receptor exerce sobre o produtor do discurso.

## **Os universos de referência da imprensa**

Sabemos que os universos de referência da imprensa são os que se estabilizaram ao longo da história da imprensa, desde seu início até o presente, sem grandes transformações: a política, a economia, o esporte, a cultura, as notícias do estrangeiro, as catástrofes naturais, as guerras, os *faits divers*. Como lembra Mouillaud (1989), os universos de referência da imprensa são *unidades culturais paradigmáticas*. A natureza paradigmática da informação jornalística está na base da especialização do leitorado, da estereotipia de suas expectativas e demandas de informação para o consumo cotidiano da notícia. A pertinência do discurso informativo está intimamente relacionado ao agenciamento mais ou menos estável das unidades paradigmáticas da informação. O dispositivo alimenta as demandas de seu leitorado e estabelece com ele um contrato de fala no nível dos conteúdos da informação, de sua relevância no espaço físico do próprio jornal e de suas formas idealizadas de tratamento. A informação, vista assim, nos *conforma* talvez mais do que nos *informa*.

O universo de referência da imprensa é constituído pelos tipos de acontecimentos que ela relata e transmite atendendo aos princípios de pertinência, regulação e co-influência. A pertinência de um acontecimento midiático deve estar, antes de tudo, associado à existência de um domínio temático de

interesse. O universo de referência determina uma categoria de acontecimentos que lhe estão associados e, desse modo, a pertinência mais ou menos forte das ocorrências. A ideologia e o nível sociocultural dos leitores é igualmente determinante, pois, como ressalta Francis Balle (1980), a escolha dos conteúdos e o tratamento da informação estão relacionados com a identidade dos leitores. Nesse sentido, não é difícil reconhecer que o sistema midiático, como estima Michel Mathien (1998), é um conjunto de práticas que opera no sistema social produzindo produtos *adaptados* ao meio ambiente. Esse meio ambiente, tributário da diversidade relativa do sistema social correspondente, é extremamente diverso. Afinal, a finalidade de um meio de comunicação de massa não é unicamente difundir notícias, mas se fabricar uma audiência, ou seja, leitores, auditores e telespectadores, utilizando para isso o apetite de informação dos indivíduos. Desse modo, é necessário buscar a melhor adequação possível entre os conteúdos e seus públicos, recentrando claramente o problema no seio da intersubjetividade, do dialogismo e da negociação do sentido.

A visão sistêmica da planificação midiática interessa bastante a uma análise do discurso desse domínio de práticas. Com efeito, as empresas de mídia se constroem uma visão psicossociológica do público que passa a guiar suas escolhas redacionais e suas estratégias de funcionamento, constituindo uma base relevante de elaboração dos parâmetros contratuais que orientam a comunicação. Elas buscam assim produzir informação para públicos específicos e avaliados sistematicamente através de estudos de mercado que levam em conta tanto as categorias socioprofissionais como as características mais íntimas de um público visto como grupos de consumidores potenciais e parceiros de um projeto de

comunicação. Guy Lochard (1998) destaca o papel desempenhado pelas diversas técnicas de pesquisa aplicadas pela televisão no ajustamento da oferta à demanda. Essas técnicas (sondagens telefônicas, questionários, levantamentos, análise de cartas, estatísticas, protocolos, etc.) permitem às empresas de mídia ajustar a oferta à demanda e aumentar a audiência pela adaptação do produto ao gosto. Por sua vez, os leitores, enquanto consumidores de informação e outros produtos de mídia, escolhem, em meio à oferta existente, aqueles que mais lhes *agradam*, como fazem com qualquer outro produto oferecido pelo mercado. A informação não é somente um alimento para o debate social do cidadão, é um produto ofertado ao seu consumo diário.

### **O contrato de comunicação midiático**

Para Charaudeau (1997), a situação de comunicação midiática se inscreve em um duplo contrato: um contrato de *informação* e um contrato de *captação*. O contrato de informação pressupõe a obediência a certas regras que buscam garantir a credibilidade do jornal e da informação (por exemplo, a autenticidade dos fatos pela reconstrução narrativa através de testemunhas, declarações, imagens...). De outro lado, e de modo contraditório, o contrato de captação, consequência direta da posição de concorrência na qual se encontram as empresas de mídia, busca seduzir os leitores através de formas retóricas e interpelativas (tais como as manchetes, os conteúdos chocantes e dramáticos, os sinais de identificação afetiva e axiológica, etc.). A situação de comunicação encontra-se, assim, em um posição contraditória: ligada à informação e à busca de credibilidade, cuja gestão regulada da autenticidade e do verossímil constitui a norma

deontológica a seguir, ela se vê, porém, em uma situação de concorrência que a obriga a gerir suas estratégias de sedução para melhor captar o leitorado, bem como para conduzir a termo suas intenções de influência.

O discurso midiático é, portanto, objeto de uma complexa regulação. O dispositivo jornalístico está diante de uma massa de fatos cuja origem é diversa. A instância de produção da informação é limitada por formas de tratamento e de seleção dos fatos tributárias da inevitabilidade da pré-figuração inicial, das instruções de configuração dos dados pré-figurados e das inferências e antecipações feitas sobre a refiguração potencial (interpretação). O tratamento é a maneira negociada do fazer comunicativo, a forma escolhida pelo informador para relatar linguisticamente (e iconicamente) os fatos que ele selecionou, em função do parceiro da troca comunicativa antecipado como alvo, com o efeito visado e, sobretudo, atendendo às características do contrato de comunicação. A imagem que a instância de produção de informação se constrói de seu leitorado assume um papel essencial sobre as operações de configuração, tornando-o legitimamente o co-enunciador do discurso da informação. Postulamos, finalmente, que as operações de configuração da informação midiática estão estreitamente associadas à construção de uma imagem identitária genérica do leitorado. Um gênero de jornal só faz sentido quando representa a construção de um produto tipificado e esquematizado cujas regularidades de configuração estão a serviço da co-enunciação permanente, do dialogismo planejado, da intervalidação e de uma prospecção constante sobre as faculdades do julgamento, do gosto e, enfim, da estruturação (estruturante) da distinção social.

## Referências Bibliográficas

- BALLE, F. Médias et sociétés. Paris:CEDIC. 1980.
- BAUTHIER, R. De la rhétorique à la communication. Grenoble:Presses Universitaires de Grenoble. 1994.
- BRETON, P. & PROUXL, S. L'explosion de la communication. Paris:La découverte. 1989.
- CAZENEUVE, J. La société de l'ubiquité. Paris:Éditions Denoël. 1972.
- CHABROL, C. "Contrats et enjeux dans le traitement textuel". In: Regards de la psychologie sociale. Colloque du laboratoire de Psychologie sociale de l'EHESS et l'ADRIPS. mai. 1997.
- CHARAUDEAU, P. Le discours de l'information médiatique. Paris:Nathan. 1997.
- DARDE, J.N. "Discours rapporté, discours de l'information: l'enjeu de la vérité" In: Charaudeau, P. (org.) Langages, discours et société. n. 4. Paris:Didier. 1991.
- FLAHAULT, F. La parole intermédiaire. Paris:PUF. 1978.
- LASSWELL, H. D. & LEITES, N. "The structure and function of communication in society". In: SCHRAMM, W. Mass communications. 1960.
- LIPIANSKY, M. Identité et communication. Paris:PUF. 1992.
- LOCHARD, G. La communication télévisuelle. Paris:Armand Colin. 1998.
- MATHIEN, M. Le système médiatique. Le journal et son environnement. Paris:Armand Colin. 1998.
- McLUHAN, M. The Gutenberg Galaxy. Toronto:University of Toronto Press. 1962.
- MOUILLAUD M. & TETU J.F. Le journal quotidien. Lyon: Presses Universitaires de Lyon. 1989.
- POPPER, K. The open society and its enemies. Princeton: Princeton University Press. 1950.



RICOEUR P. Temps et récit I. L'intrigue et le récit historique. Paris:Seuil. 1983.

RILEY J. W. & RILEY M. W. "Mass communication and the social system". In: MERTON, BROOM & CORELL, Sociology today. New York. 1959.

SILBERMANN A. Die Konzentration der massenmedien und ihre Wirleungen. Dusseldorf:Econ. apud. Cazeneuve. op. cit.

SPERBER, D. La contagion des idées. Paris:Odile Jacob. 1996.

## **A TEORIA SEMIOLINGÜÍSTICA NA ANÁLISE DA PUBLICIDADE**

Dylia Lysardo-Dias  
UFSJ

Maria Carmen Aires Gomes  
UFV

### **Considerações Gerais**

A publicidade tem sido objeto de estudo de diferentes domínios das ciências humanas e sociais. Cada um desses domínios projeta sua problemática e se orienta por objetivos compatíveis com seus postulados teóricos.

No âmbito dos estudos da linguagem, a publicidade sempre foi campo fecundo para a análise de mecanismos lexicais, sintáticos, morfológicos e fonéticos; para o estudo de jogos de linguagem e do uso de clichês; enfim, para a descrição de processos de constituição do texto publicitário.

O surgimento da perspectiva de estudo do discurso inaugurou um outro olhar em relação à publicidade que passou a ser abordada como uma prática social de linguagem, ou seja, como uma atividade de linguagem de sujeitos inscritos em um circuito de comunicação instanciado culturalmente. Assim os fenômenos lingüísticos deixaram de ser vistos apenas como relativos à estrutura da língua ou à natureza da linguagem para serem focalizados a partir do processo enunciativo que os constitui.

Nesse sentido, a visão sociocomunicativa das práticas de linguagem que a Análise do Discurso (AD) Semiolingüística propõe permite analisar a publicidade a partir de um jogo de expectativas cruzadas em que os sujeitos tanto da instância de

produção (anunciantes e publicitários) quanto os sujeitos que compõem a instância de recepção (consumidores idealizados e potenciais inseridos em uma circunstância mercadológica de concorrência) formulam suas hipóteses e cálculos sobre o outro a fim de empregá-los na produção de discursos para a consecução de determinados fins estratégicos.

No caso do estudo da publicidade, a perspectiva Semiolingüística inova ao buscar descrever os *comportamentos linguageiros*, o como dizer, na sua relação com as condições que caracterizam uma situação específica de interação verbal (Charaudeau, 1996). Trata-se de uma abordagem que articula o jogo de inferências a um *contrato comunicativo* de troca de informações e conhecimentos partilhados. Nem análise textual, nem análise antropológico-social, mas sim uma análise que considere o *espaço interno* e o *espaço externo* como constitutivos do ato de linguagem, ato que se organiza e resulta do *projeto de fala* de um sujeito que age, ao mesmo tempo, como ser social e como ser de fala.

O objetivo desse capítulo é apresentar a proposta da AD Semiolingüística para o estudo da publicidade, focalizando prioritariamente as condições psicossociais que tornam o discurso publicitário um exemplo de ato linguageiro de persuasão e que transformam o consumidor de publicidades não só em consumidor de mercadorias, mas também de desejos e ambições.

## **A Análise do Discurso Semiolingüística**

A proposta teórico-metodológica da AD Semiolingüística consiste em depreender as características dos comportamentos linguageiros (o como dizer) em função das condições psicossociais estabelecidas conforme o tipo de

situação de troca comunicativa (o contrato). Para Charaudeau (1984), o dispositivo sócio-lingueiro é o responsável pelo estabelecimento do contrato comunicacional e seus componentes que determinam as condições e os comportamentos dos atos lingueiros.

Charaudeau (1993) argumenta que comunicar é proceder a uma encenação, em que os sujeitos falantes utilizam componentes do dispositivo sócio-lingueiro da comunicação a fim de produzir certos efeitos no seu interlocutor. Esse dispositivo compreende o contrato situacional, o contrato comunicacional, os modos de organização do discurso (MOD) e as configurações lingüísticas.

O contrato situacional constitui-se de um quadro psicossocio-lingueiro de reconhecimento da finalidade comunicativa, de construção das identidades dos parceiros, das circunstâncias socioculturais e econômicas em que se desenvolvem as trocas comunicativas e, por último, do propósito, do que se falará. O fato é que a situação psicossocial determinará o espaço de regras - composto de convenções, regras e leis sociais - que determinará a finalidade comunicativa.

O contrato comunicacional, por sua vez, determina as restrições que justificam o que pode ser dito nas mais variadas circunstâncias situacionais. Esse contrato ordena os procedimentos lingüístico-discursivos em função das finalidades comunicativas do ato discursivo. São as restrições comunicativas que garantem aos parceiros do ato lingueiro o direito `a fala.

Assim, o que valida o ato de linguagem é a combinação de dois espaços: de um lado, o espaço de restrições que legitima o ato; do outro lado, o espaço de estratégia que corresponde às escolhas possíveis que o sujeito falante pode

fazer no desenrolar da cena comunicativa. As noções de cálculo e estratégias são introduzidas para dar conta, respectivamente, das hipóteses dos sujeitos sobre as identidades e competência dos interlocutores e das intenções dos sujeitos ao colocar em cena os meios capazes de seduzir e persuadir o outro.

Tais estratégias situam-se em três planos, a saber: (i) a *legitimidade*, que resulta da relação entre o projeto de fala, a situação comunicativa e a posição psicossocial do sujeito falante, que lhe garante o poder dizer; (ii) a *credibilidade*, que consiste no fato de o sujeito falante demonstrar suas habilidades, o saber-dizer; e, por último, (iii) a *captação*, que objetiva provocar e influenciar o interlocutor, através de efeitos de sentido expressivos, emocionais e dramatizados.

Essas estratégias são constituídas com base nos modos de organização do discurso, que se ordenam a partir de quatro componentes da encenação discursiva: (i) *Modo Enunciativo* que marca e organiza os posicionamentos dos sujeitos da linguagem, (ii) *Modo Descritivo* que nomeia, localiza e qualifica as visões de mundo construídas e representadas pela linguagem, (iii) *Modo Narrativo* que constrói as visões do mundo em relatos e acontecimentos e (iv) *Modo Argumentativo* que organiza os argumentos em sistemas de valores.

Diante disso, podemos dizer que a análise discursiva, tal como proposta pela AD Semiolingüística, compreende três níveis de execução metodológica:

- Situação: composta pela *finalidade* (para que falar), a *identidade* (falar a quem), o *propósito* (de que se fala) e o *dispositivo* (circunstâncias materiais da torça);
- Componentes: espaço de locução (justifica a posse da fala, o direito à fala), espaço relacional (relação

- entre os parceiros) e o espaço de tematização (organiza os saberes em diferentes domínios de referência e o modo com o qual o sujeito falante se inscreve no ato discursivo);
- Instrumentos: modos de intervenção da fala, construção de identidades (regras enunciativas e descritivas), modo de intervenção do sujeito argumentador e narrador.

Veremos então como o ato linguageiro publicitário se circunscreve em um circuito de trocas comunicativas de “marquetização”, ou seja, como os participantes da encenação publicitária trocam valores e desejos, mas também mercadorias, com base no espaço de restrição e no espaço de estratégias, quais sejam: a legitimidade, a credibilidade e a captação.

## **O Contrato Publicitário**

A comunicação publicitária caracteriza-se por uma situação comunicativa que constitui um espaço de troca de interesses socio-econômicos. Este espaço se estabelece de um lado, pela empresa comercial/anunciante e agência publicitária (instância de produção), de outro lado, pelo consumidor ideal e o consumidor potencial do produto (instância de recepção).

A instância de produção da publicidade tem como figura principal a agência publicitária que possui o espaço de restrições para transmitir as informações necessárias sobre o produto que está sendo divulgado. Assim, a instância de produção, amparada no circuito sócio-econômico de produção, coloca em cena um texto, incitando o destinatário alvo a

realizar ações, através da construção de um sujeito enunciador que interpelará o consumidor idealizado, como um indivíduo portador de um desejo universal.

Na realidade, o contrato publicitário gera relações sociais bastante fictícias e camufladas, já que a instância de produção fragmenta-se em diferentes papéis, muitas vezes, ocultando-se nas mais variadas figuras discursivas.

O fato é que o contrato publicitário, no seu formato, constitui identidades bastante grotescas para suas instâncias de produção e recepção, em função do objeto da troca comunicativa, que é o produto desejado do mercado comercial. Verifica-se a construção de uma dupla armadilha: uma troca de solidariedade comercial entre publicitário e anunciante, na qual, este lida com as necessidades econômicas da empresa (lucros, aceitação do produto, venda) e o primeiro, com as necessidades básicas e íntimas do consumidor. Assim, se o consumidor comprar o produto, ele estará construindo a identidade de um parceiro aliado e cúmplice do espaço contratual do mercado de bens de consumo. Vale ressaltar que a instância receptora se torna ao mesmo tempo cúmplice e refém da instância de produção. Refém, no sentido de que é induzida ao jogo do consumo, por meio de sentimentos de identificação e atribuições de desejos para se apropriar do produto, ou seja, o receptor torna-se refém dos seus próprios desejos e faltas.

Para Charaudeau (1994), essa encenação publicitária não passa de um jogo de máscaras: o consumidor sabe que está sendo envolvido pela instância de produção, mas centra-se na potencialidade do produto e nas vantagens e benefícios que ele trará a sua vida. A encenação se constrói como se a instância de produção não tivesse como único objetivo a venda do produto e a geração de lucros.

O produto, nesse espaço de venda mascarada, apresenta-se como um auxiliar responsável pela superação de várias carências; ele é construído discursivamente através de uma narrativa que relata a busca incessante de um consumidor-herói.

A narrativa encenada pelas instâncias de produção e recepção se compõe da seguinte forma: o texto publicitário revela ou intensifica no consumidor ideal a consciência de uma falta ou carência qualquer. Assim, a partir de uma situação de estabilidade, desejos contidos, o consumidor idealizado é seduzido e influenciado por qualidades e atributos divulgados por um determinado produto, provocando um certo desequilíbrio, que é revelado por um sentimento de falta, que o leva a buscar soluções. A solução será encontrada assim que ele adquirir o produto que possa preencher ou sanar aquele suposto desejo/falta. O produto torna-se assim o auxiliar mágico de um “consumidor-herói”, que busca soluções para as suas insatisfações. O fechamento dessa narrativa acontece assim que ele adquirir o produto almejado.

Ainda discorrendo sobre o produto, Soulages (2001), ao discutir sobre os cenários figurativos que compõem a construção do produto, propõe três cenários qualificadores: (i) A marca, que é apenas a presença do produto, a assinatura da marca; (ii) o território do produto, que compreende a qualificação do produto: o ser, ter e fazer, e (iii) o mundo possível, no qual são atribuídas ao produto práticas sociais, imagens e simbologias diversas. Tais cenários compõem a organização narrativa de forma a situar e justificar a presença do produto em determinados universos da vida social (Soulages,1996).



## A enunciação publicitária

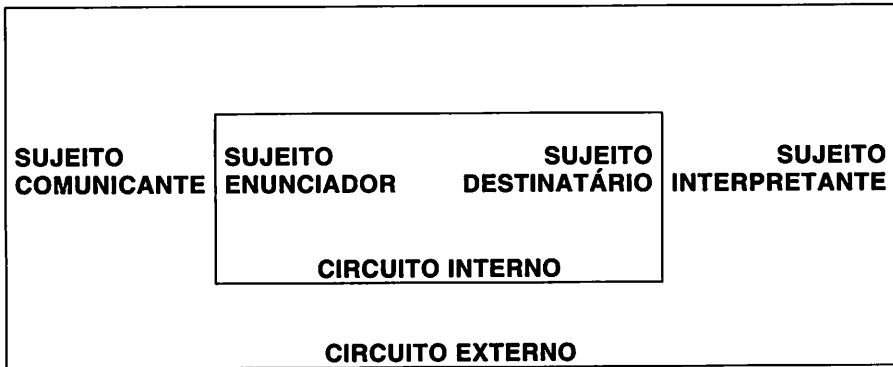
Opondo-se ao “modelo” oriundo da teoria da comunicação que define a atividade enunciativa como um processo simétrico envolvendo um emissor e um receptor, Charaudeau concebe o ato de linguagem como uma *mise en scène* da significação na qual se articulam elementos explicitados e outros circunscritos no nível implícito. Para ele, tal ato não se configura como um processo linear no qual um emissor é o responsável pela emissão de um conteúdo informacional, que será decodificado pelo receptor desde que ambos compartilhem o mesmo código, mas como uma “encenação” envolvendo sujeitos interlocutores inscritos em um dado contexto histórico e social. Esses parceiros estão em constante processo de interação, pois atuam tanto no pólo de produção quanto no de interpretação do discurso. Essas duas atividades dialéticas estreitamente interligadas dependem dos conhecimentos supostamente partilhados entre os sujeitos.

Charaudeau (1984) considera que o processo enunciativo compõe-se de um *circuito externo* e um *circuito interno* que, longe de serem estanques e independentes, se intercondicionam. Na verdade, há um movimento contínuo de negociação e ajuste entre eles.

No circuito externo, dimensão situacional, se instanciam um *sujeito comunicante* e um *sujeito interpretante*: eles são seres psicossociais, parceiros dotados de uma intencionalidade comunicativa e envolvidos em uma relação contratual. Os sujeitos desse “mundo real” são sujeitos socialmente inscritos e determinados, indivíduos instanciados em uma realidade histórico-cultural determinada.

No circuito interno, que compreende a dimensão lingüística do processo enunciativo, estão instanciados um

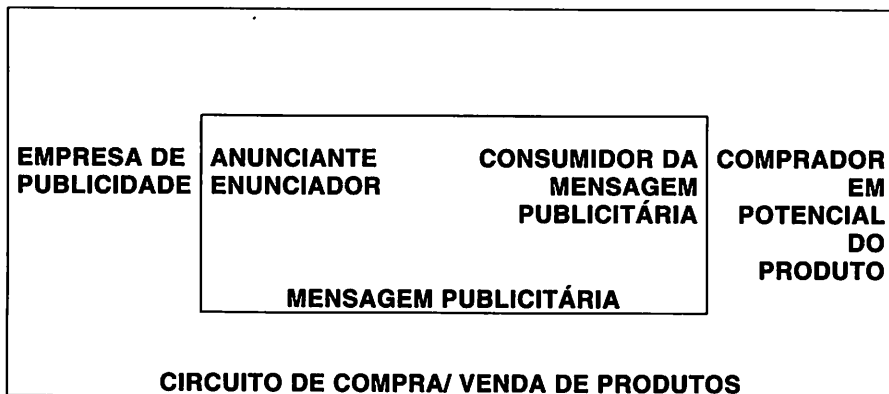
*sujeito enunciador* e um *sujeito destinatário*: seres de linguagem, protagonistas da interação linguageira e instituídos na e pela singularidade de cada processo enunciativo. Nesse “mundo da palavra”, *sujeito enunciador* e *sujeito destinatário* são um desdobramento do *sujeito comunicante* e do *sujeito interpretante*, respectivamente, que se encontram no circuito externo. Essa formulação proposta por Charaudeau assim se apresenta:



O *sujeito comunicante*, ao se configurar como um ser da palavra, engendra um *sujeito enunciador* que materializa um propósito comunicativo a partir da imagem que tem do *sujeito destinatário*. Esse *sujeito destinatário* é o destinatário idealizado pelo *sujeito enunciador*, que pode ou não coincidir com o *sujeito interpretante*, destinatário efetivo.

Essa proposta de compreensão do processo enunciativo pode ser projetada para as condições de realização da enunciação publicitária, o que engendra uma descrição da complexidade dos vários sujeitos que se configuram nas suas diferentes instâncias e permite, ainda, problematizar o jogo interlocutivo que lhe é peculiar.

A enunciação publicitária pode ser assim definida:



No circuito externo da enunciação publicitária encontram-se uma empresa anunciante, *sujeito comunicante* que tem um projeto publicitário visando um destinatário de certa forma idealizado<sup>1</sup>, e um conjunto de consumidores/compradores em potencial do produto, *os sujeitos interpretantes*. Esse *sujeito comunicante* é, na verdade, uma entidade composta pelo fabricante do produto e pelo anunciante/agência de publicidade, equipe de profissionais que atuam na elaboração de um projeto específico.

No circuito interno da enunciação publicitária, o sujeito enunciador nem sempre (raras vezes até) se revela como representante da empresa ou como publicitário. Ele, sendo responsável pelo discurso, pode assumir diferentes "faces"

<sup>1</sup> Mesmo que as sondagens e pesquisas de opinião permitam traçar um perfil desse público, ele é sempre uma projeção pois as reações efetivas desse público frente à recepção de um produto midiático podem ser previstas, com maior ou menor margem de erro, mas jamais controladas.

perante o destinatário, faces determinadas pela encenação que o anúncio constrói. O anúncio publicitário se dirige ao sujeito interpretante, consumidor efetivo da publicidade, e ao sujeito destinatário, consumidor potencial do produto anunciado.

O bem de consumo ou serviço que é objeto de venda/compra no circuito externo é redimensionado no circuito interno, encenação publicitária, como um objeto cultural ao qual se agregam valores potencialmente relevantes para um público alvo previamente determinado. Para tanto, ele é inserido em um dado universo de referência ao qual se vinculam certas práticas sociais e a certos comportamentos. A mercadoria anunciada passa assim por um processo de valorização simbólica.

Se, como afirma Thompson, *os produtos da mídia são recebidos por indivíduos que estão sempre situados em específicos contextos sócio-históricos* (1998, p.42), tais produtos dialogam, de alguma forma, com esse contexto através da mobilização de universos de referências que têm uma dupla função. A primeira seria uma função de caráter cognitivo: apresentar elementos familiares que possibilitem o acesso/compreensão da mensagem; a segunda, de caráter interacional: inscrever o destinatário na sua mensagem de forma a interpelá-lo para envolvê-lo e garantir seu interesse. O anúncio publicitário não foge à regra: ele se insere em uma cadeia de representações diretamente relacionadas ao contexto histórico-cultural dos sujeitos ao qual se destina e, por isso, seu interesse e seu valor enquanto objeto de estudo reside, sobretudo, no que pode ser revelado através da análise de tais representações.

## Procedimentos de análise

Partindo do princípio de que a publicidade articula vários códigos que se cruzam para construir sua significação, faz-se necessário um instrumento de análise que dê conta dessa variedade de “linguagens”, sinalizando a complexidade da comunicação publicitária. Em oposição a uma análise de conteúdo centrada nas informações do texto, a AD Semiolingüística está voltada não só para as condições de produção do texto e para a posição dos enunciadores como também para as estratégias discursivas. O estudo do texto cede lugar ao estudo do discurso, compreendido como um espaço de regularidades associado a um contexto situacional específico. A linguagem é concebida como espaço de interação entre os indivíduos e expressão das relações sociais. Nesse sentido, a análise vai além das informações formalmente veiculadas e compreende o estudo das relações entre o *dito*, a forma como é *dito* e o contexto sócio-histórico no qual o *dito* foi produzido.

A proposta de análise da AD Semiolingüística baseia-se em um procedimento empírico-dedutivo pois, nos termos de Charaudeau, “o analista parte de um material empírico, a linguagem, que já está configurada numa certa substância semiológica (verbal)” (1996, p.36). Procede-se, assim, à descrição formal de um *corpus* de textos (produções elaboradas em um mesmo tipo de situação de comunicação) construído segundo os critérios de adequação, representatividade e homogeneidade. Tal descrição se dá através de grades que permitem um levantamento das formas significativas a serem analisadas, assinalando a presença de tais formas e a sua ocorrência quantitativa. O quadro que se é um exemplo do tipo de grade a ser construída:

<b>PUBLICIDADE</b>													
<b>ESPAÇO</b>	% icônico												
	% verbal												
<b>ICÔNICO</b>	desenho												
	fotografia												
	monocromo												
	preto e branco												
	policromo												
<b>PROTAGONISTAS</b>	peças												
	objetos												
	animais												
<b>VERBAL</b>	texto redacional												
	nome da marca												
	slogan												
	outros												

O objetivo desse levantamento inicial é mapear os aspectos passíveis de serem analisados e visualizar sua frequência. Esta análise formal é seguida da interpretação dos elementos identificados na descrição, ou seja, a recorrência (ou ausência) deles e a relação entre esses elementos; depois, procede-se à análise dos resultados, o que implica o estudo dos efeitos de sentido produzidos por tais elementos. A análise através das grades recobre os níveis lingüístico, icônico e simbólico, cada um descrito separadamente e depois confrontado com os demais.

Na seqüência, é realizada a análise dos resultados, ou seja, o estudo dos efeitos de sentido produzidos por tais elementos tendo em vista as relações entre o *projeto de fala* do

sujeito comunicante e as circunstâncias sociais das quais ele emerge.

É importante ressaltar que o trabalho com um *corpus* permite a contrastividade, condição essencial nesta proposta de análise por contemplar o estudo do geral (um tipo de publicidade, ou a publicidade de um tipo de produto, ou ainda a publicidade numa determinada época ou local) e do particular (as estratégias específicas) num constante movimento de confrontação e de agenciamento entre esses dois aspectos .

### **Considerações finais**

A mensagem publicitária é o resultado da integração de diferentes códigos semiológicos utilizados conforme o suporte e a estratégia escolhida: a publicidade veiculada no rádio, por exemplo, explora o auditivo, articulando o texto oral e os sons de forma a contextualizar a mensagem e intensificar sua força persuasiva; na televisão, texto falado/texto escrito/imagem fixa/imagem em movimento são explorados com fins argumentativos; as publicidades impressas articulam apenas texto e imagem sem contudo perderem seu poder de sedução e convencimento trabalhando em nível de grande impacto.

Trabalhar com a descrição precedendo qualquer análise garante a validade do método de pesquisa e a confiabilidade dos resultados finais. Assim os julgamentos maniqueístas subjetivos que não raramente caracterizam o estudo da publicidade são substituídos por uma análise crítica capaz de contribuir efetivamente para compreender a publicidade como um processo de produção de formas culturais (Soulages, 1994).

É importante ressaltar que uma explicação discursiva teórico-metodológica eficiente deve se preocupar não só com

os aparatos descritivos, mas também com uma leitura interpretativa dos dados, levando em consideração não apenas a matéria verbal em si, mas também o processo de interação sócio-comunicativo que integra as instâncias de produção e recepção.

### **Referências Bibliográficas**

CHARAUDEAU, P. "Análise do discurso: controvérsias e perspectivas". In: MARI, H. et al. (Org.) Fundamentos e dimensões da análise do discurso. Belo Horizonte:Carol Borges/ NAD/FALE/UFMG. 1999. p.27-43.

\_\_\_\_\_. "Para uma nova análise do discurso". In: CARNEIRO, A. D. (org.) O discurso da mídia. Rio de Janeiro:Oficina do autor. 1996. p. 5-43.

\_\_\_\_\_. "Une analyse sémiolinguistique du discours". In: Langages. Paris. nº117. março.1995. p.96-111.

\_\_\_\_\_. Grammaire du sens et de l'expression. Paris:Hachette. 1992. 927p.

MAINGUENEAU, D. Analyser les textes de communication. Paris: Dunod. 1998. 211p.

SOULAGES, J.C. "Discurso e mensagens publicitárias".. In: CARNEIRO, A. D. (org.). O Discurso da Mídia. Rio de Janeiro: Oficina do Autor. 1996. p.142-154.

\_\_\_\_\_. "Les imaginaires socioculturels et le discours publicitaire". In: Le Français dans le Monde nº spécial, juillet. Paris:Hachette/Larousse. 1994.

THOMPSON, J. B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Petrópolis:Vozes. 1998. 261p.



## O CONCEITO DE FICCIONALIDADE E SUA RELAÇÃO COM A TEORIA SEMIOLINGÜÍSTICA

Emília Mendes-Lopes  
UFMG

### Considerações Iniciais

O objetivo do presente texto é traçar alguns aspectos da relação entre o conceito de ficcionalidade e a Teoria Semiolingüística - desenvolvida por P. Charaudeau. Buscaremos, assim, realizar um estudo que se dividirá duas etapas: num primeiro momento, partiremos da definição de ficcionalidade e, num segundo momento, teceremos relações entre esta última e alguns aspectos teóricos que auxiliam na compreensão do supracitado conceito.

### O que entendemos por ficção e ficcionalidade?

Na linha de pensamento que temos desenvolvido nossa pesquisa<sup>1</sup>, a ficção seria considerada um fenômeno da comunicação em geral, podendo, assim, ocorrer em maior ou menor grau em qualquer gênero de discurso<sup>2</sup>. Para uma maior inteligibilidade, vamos tentar esboçar alguns conceitos, já que as noções com as quais lidamos são delicadas e exigem uma observação minuciosa de seus limites. Gostaríamos de ressaltar que *faremos definições operacionais*, pois não seria possível, em um único artigo, tratar de conceitos que ciências como a Filosofia, por exemplo, vêm desenvolvendo ao longo dos séculos, como «verdade» e «mentira», sem sermos

---

<sup>1</sup> Cf. Mendes-Lopes (2000, 2004)

<sup>2</sup> Cf.: Charaudeau (2004)

acusados, merecidamente, de reducionistas. A tentativa de estabelecer limites tem o objetivo de tornar a nossa pesquisa exeqüível, mesmo que nossas definições possam parecer polêmicas. Desta forma, segue abaixo as noções com as quais trabalharemos ao longo corpo deste estudo:

- i. A *ficção* é a simulação de uma situação possível, seja ela de ordem semiolingüística, discursiva (em termos de modo de organização do discurso), psicossocial ou espacial.
- ii. A *ficcionalidade* é o mecanismo de produção da ficção, ou da ativação da ficção - seria algo como uma «*mise en fiction*», por assim dizer. A ficcionalidade pode perpassar qualquer gênero de discurso e pode alterar ou não o estatuto de um texto. Tal alteração dependerá do intuito com o qual a ficcionalidade for utilizada – podendo estar presente em maior ou menor escala. Devemos dizer que o estatuto é externo ao gênero, isto é, encontra-se em um nível situacional já que é o resultado da união de várias das condições de funcionamento da genericidade. Estatutos podem ser classificados em: ficcional, factual e não-factual. Já a ficcionalidade pode ser tanto interna quanto externa ao gênero.
- iii. O *fato* está ligado às ações, aos eventos, à existência e demais situações com as quais temos contato, que vivenciamos ou somos testemunhas em nosso cotidiano. Tais situações podem ser de ordem subjetiva ou objetiva.
- iv. A *factualidade* é o mecanismo de produção do fato, ou seja, ela permite o reconhecimento de uma

situação possível. Assim como a ficcionalidade, a factualidade pode perpassar qualquer gênero de discurso e pode alterar ou não o estatuto de um texto

- v. «*Ficcional*» é a classificação dada ao estatuto de um texto em que há predomínio de *simulação* de situações possíveis
- vi. «*Factual*» é a classificação dada ao estatuto de um texto em que há predomínio de situações possíveis
- vii. A *verdade, grosso modo*, é um conjunto de situações factuais.
- viii. A *mentira* é não-factual, é de ordem ética e é contrária à verdade. Podem existir conjunturas em que é usada como um recurso de polidez, nesse caso, está bem próxima da ficcionalidade<sup>3</sup>.

Para ilustrar, podemos citar o gênero «carta comercial». Se tomarmos um exemplar desse gênero enviado, suponhamos, pelo Banco do Brasil cujo conteúdo seja: informações sobre tarifas e serviços prestados pelo banco. A referida carta comercial é factual: a instituição Banco do Brasil é legitimada, o conteúdo da carta deve trazer informações suscetíveis de serem comprovadas etc. Contudo, se fizermos uma paródia desta mesma carta, seu estatuto migrará de factual para ficcional, pois estaremos lidando com a simulação de uma situação possível. A nosso ver, a classificação do

---

<sup>3</sup> Para ilustrar a “mentira” como recurso de polidez podemos citar situações como aquelas em que somos solicitados a dar uma opinião sobre algo e, por polidez, somos levados a produzir enunciados que estão em desacordo com o que pensamos. Por exemplo: você gostou do meu novo penteado, da minha roupa nova? Você está gostando do jantar?, entre outros.

estatuto é externa, embora parta de dados internos ao discurso. Por outro lado, se nesta mesma carta comercial, é usado um caso hipotético para ilustrar uma situação, por exemplo, a simulação da taxa de juros cobrada pelo empréstimo de um valor «X», teremos a ficcionalidade como um dos componentes do gênero «carta comercial» - a ficcionalidade teria um valor de exemplo. No entanto, o estatuto, que é externo, permanecerá factual.

Em uma outra situação, se enviarmos uma carta comercial oferecendo um produto com a intenção de fraudar um consumidor, o estatuto da referida correspondência será não-factual. Porém, a ficcionalidade pode ser um recurso usado para descrever as funções do produto que se pretende vender e, assim, seduzir o consumidor a comprar tal mercadoria. Se o produto não funcionar como deveria, estaremos diante de uma situação ética que envolve direitos do consumidor.

Em suma, seria dizer: a *ficção* é o produto e a *ficcionalidade*, o processo. No entanto estes dois conceitos não estão desvinculados dos demais acima listados. Interessa-nos, no presente estudo, saber quais são os mecanismos de atuação da ficcionalidade, pois, parece-nos, será a partir deles que poderemos estabelecer quais são as restrições acionadas quando o estatuto de um texto é classificado como: ficcional, factual ou não-factual.

Na nossa opinião, a ficcionalidade perpassaria um grande número de fenômenos que poderiam ser construídos seja através da língua, seja através de outros sistemas. No entanto, pensamos que a existem graus de presença da ficcionalidade, ou seja, em alguns casos ela é preponderante, em outros casos ela somente auxilia a construção de uma produção discursiva.

## Tipologia da Ficcionalidade

Em nossa percepção, a ficcionalidade não ocorreria da mesma maneira em todos os gêneros do discurso. Existem alguns nos quais ela é mais preponderante e outros em que ela o é menos. Assim, gostaríamos de distinguir três tipos de ficcionalidade: *constitutiva*, *colaborativa* e *predominante*. Contudo, em todos os tipos, veríamos o processo de *simulação* em operação:

### Ficcionalidade Constitutiva

Trata-se de um tipo de simulação encontrado «fora» da esfera do discurso e, por este motivo, não influenciaria no estatuto - ficcional ou factual - dos gêneros. O mecanismo de simulação, nesses casos, seria constitutivo de tais fenômenos, operaria como um dos elementos de sua produção. Como exemplo, podemos citar a própria relação mundo/palavra, ou seja, a língua representa os objetos no mundo. Trata-se de uma problemática da *Teoria da Referência* na qual se postula que as palavras designam classes de coisas e não as coisas em si mesmas. As palavras serviriam, assim, para «representar» as coisas existentes no mundo. Por exemplo, quando utilizamos a palavra “cadeira” não estamos nos referindo a uma única cadeira, mas a uma classe de objetos contendo uma mesma característica. Nessa perspectiva, a ficcionalidade é inerente à língua, pois é um elemento que é interno à operacionalização da mesma.

O aspecto verbal «futuro» também possuiria a ficcionalidade constitutiva. Trata-se, neste caso, da simulação de algo que ainda não ocorreu, mas que poderá ocorrer – por exemplo, o futuro do presente do Indicativo; ou de algo que

poderia ter ocorrido – por exemplo, o futuro do pretérito do Indicativo. Em ambos os casos, são situações simuladas que não encontram, ainda, uma comprovação no «presente», elas são virtuais, «são o que poderiam ser, mas não o são». Parece-nos que o ato de prometer seguiria o mesmo raciocínio que acabamos de expor, visto que a promessa é um engajamento da realização de uma ação a ser concretizada no futuro. Em suma, poderíamos dizer que os procedimentos lingüísticos e discursivos que se projetam para o «futuro» teriam a ficcionalidade constitutiva como um de seus componentes.

Um outro exemplo que podemos citar é o caso do código binário usado em todos os comandos de informática. De acordo com Schaeffer (1999, p. 28):

É o que se passa cada vez que eu digito letras ou cifras no teclado: a cada letra ou cifra (e de uma maneira geral, todos os símbolos digitais do teclado) corresponde uma combinação binária dada (por exemplo, 00101111010). Neste caso, o código binário funciona em relação à escrita alfabética como esta, por sua vez, funciona em relação à língua oral, isto é, trata-se já de um meta-código digital.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Nossa tradução do original em francês:

C'est ce qui se passe chaque fois que j'entre des lettres ou de chiffres sur le clavier: à chaque lettre ou chiffre (et plus généralement à tout symbole digital du clavier) correspond une combinaison binaire donnée (par exemple 00101111010). Dans ce cas, le codage binaire fonctionne par rapport à l'écriture alphabétique comme celui-ci fonctionne par rapport à la langue orale, c'est à dire qu'il s'agit d'un métacode déjà digital.

Assim, a simulação na linguagem, seja ela de que natureza for, é um processo que integra a sua constituição e é, sobretudo, um sistema de economia necessário em tais mecanismos.

A nosso ver, a ficcionalidade constitutiva estaria presente em projetos - independente do objetivo de realização: projetos acadêmicos; planos de governo lançados por candidatos em épocas de eleições; projetos arquitetônicos e de engenharia; entre outros. Tomemos um exemplo bem próximo para uma melhor explicitação de nossos pensamentos: um projeto de tese de doutorado. Ele é a simulação do que um aluno pretende pesquisar e escrever num período de quatro anos. Ali estão expostos os objetivos, a linha de pesquisa que se pretende seguir, a abordagem teórica a ser feita, o cronograma a ser cumprido etc. No entanto, trata-se somente de uma projeção de tarefas, a realização das mesmas vão se dar de forma mais ou menos coincidente com o que se pensou inicialmente.

De maneira geral, poderíamos ainda encaixar nesta categoria: orçamentos; previsões do tempo, de gastos; estatísticas; cartografia; planos de cursos; enfim, qualquer tipo de prognóstico que venha a ser feito.

### **Ficcionalidade Colaborativa**

Tipo de simulação de situação possível que contribuiria para a constituição de determinados gêneros. Embora o estatuto do referido gênero seja factual, há um considerável entrelaçamento de efeitos de real e de efeitos de ficção<sup>5</sup>. A ficcionalidade colaborativa seria uma modalidade que se realizaria no discurso. Como exemplo, podemos citar alguns casos: processos metafóricos, reportagens ou notícias que

---

<sup>5</sup> Cf.: Mendes-Lopes (2000, 2004)

contêm reconstruções de eventos em jornais televisivos, o uso da exemplificação em várias situações; o discurso didático, publicidades, correspondências pessoais, brincadeiras entre amigos, na conversação cotidiana<sup>6</sup> sob as mais diversas modalidades, entre outros. A seguir, vamos falar brevemente do caso da metáfora e da publicidade.

Nas teorias a respeito da metáfora, temos duas formas de vê-la: como processo de significação (Lakoff & Johnson, 2002) e como figura retórica. Parece-nos que se tomarmos a metáfora na acepção de componente semântico, ela também teria a *ficcionalidade constitutiva*. Se a tomarmos como figura retórica, a encaixaremos na *ficcionalidade colaborativa*. Dessa forma, a metáfora agruparia esses dois tipos de ficcionalidade. Para ilustrar, poderíamos nos basear no seguinte slogan de uma campanha publicitária feita para um órgão público: «vamos declarar guerra ao mosquito da dengue». Temos nesse caso a simulação do que seria uma situação de guerra: um inimigo a ser abatido, um vencedor, um vencido, armas, disputa, entre outros. Assim, a noção de simulação de guerra coopera na construção do enunciado, logo é uma ficcionalidade colaborativa. No entanto o estatuto do texto permanece factual, haverá uma tentativa real de erradicação do mosquito, a doença «dengue» é um problema de saúde pública no Brasil, entre outras coisas.

Parece-nos que a ficcionalidade colaborativa estaria presente na Publicidade em todas as suas formas de manifestação. Traçando um paralelo entre discurso publicitário e ficção, Soulages (2001, p 04) aponta a existência de laços estreitos entre essas duas dimensões, tendo por base a publicidade francesa:

---

<sup>6</sup> Cf.: Bange (1986)



Virando as costas para as visadas informativa e argumentativa, ela [a publicidade] aproximou-se consideravelmente do gênero ficcional na própria estrutura de suas mensagens (elaboração e narração de um universo com sua diegesis, seus personagens, suas buscas, etc.)<sup>7</sup>.

Ao nosso ver, no que se diz respeito ao Brasil, a publicidade veiculada pela mídia se comportaria da mesma forma descrita pelo teórico acima citado. É possível mencionar alguns estereótipos de comerciais para a televisão ou para revistas nos quais aparecem a encenação de uma família feliz porque faz uso de determinado produto, um homem ou uma mulher que conquista o sexo oposto após se valer de determinados artefatos, crianças que estão contentes com o surgimento de um novo brinquedo ou uma novidade no campo das guloseimas, e assim por diante.

Contudo, quando analisamos o contrato de comunicação da publicidade podemos observar que se trata de um anúncio factual, pois o produto existe e pode ser encontrado nas gôndolas dos supermercados. A ficcionalidade somente colabora na promoção do produto.

---

<sup>7</sup> Nossa tradução do original em francês:

En tournant le dos aux visées informatives et argumentative, elle [la publicité] s'est considérablement rapprochée du genre fictionnel dans la structure même de ses messages (élaboration et mise en narration d'un univers avec sa diégèse et ses personnages, ses quêtes, etc.).

## Ficção Predominante

Este tipo abarcaria a percepção mais clássica que temos do termo. Tal divisão agruparia os gêneros textuais que possuiriam estatuto ficcional. É um tipo de produção que se constituiria predominantemente de simulações de situações possíveis e seria permeada de efeitos de real e de ficção. Seria interessante ressaltar que qualquer gênero de discurso cujo estatuto seja factual é passível de se transformar em um gênero de estatuto ficcional.

Como exemplo de ficcionalidade predominante, podemos citar: Romances, contos, poesia, cinema, teatro, letras de música, histórias em quadrinhos, alguns tipos de crônicas, charges, receitas ficcionais, paródia, jogos eletrônicos, desenhos animados, etc.

Gostaríamos de chamar a atenção para o surgimento, nesse mundo virtual da Internet, de *sites* e *Blogs* que publicam notícias totalmente ficcionais, como é o caso do [www.cocadaboa.com](http://www.cocadaboa.com). Há também a coluna de Arthur de Carvalho no Diário de Votuporanga ([www.votuporanga.com.br](http://www.votuporanga.com.br)). O jornal traz notícias factuais, mas o jornalista publica notícias ficcionais. Um outro caso que nos chamou a atenção, foi o lançamento do caderno “Mais!”<sup>8</sup>, publicado pela Folha de São Paulo, intitulado «É tudo mentira». O caderno traz a publicação de entrevistas simuladas com sete autores e ainda uma crítica literária fictícia sobre notas inéditas feitas por Mário de Andrade. A partir de tal observação, podemos ver que a ficcionalidade predominante perpassa muitos gêneros de discurso.

---

<sup>8</sup> Caderno Mais! Nº 636, Folha de São Paulo, 25 de abril de 2004.

## O estatuto situacional dos gêneros de discurso

Embora tenhamos apontado alguns dados, parece-nos que uma indagação paira no ar: como definir o estatuto ficcional de um gênero? De acordo com o trabalho que desenvolvemos em Mendes-Lopes (2000, 2004), este tipo de estatuto seria reconhecido situacionalmente e as condições contratuais, baseando-nos em Charaudeau (1993) seriam as seguintes:

- (a) *Domínio de referência* - é onde temos representações tipificadas do saber: jurídico, político, científico, estético, etc.
- (b) *Instituição social* – é o campo das estruturas sociais estabelecidas pela tradição: Literatura, Teatro, Jornal, Televisão, etc.
- (c) *Identidades sociais* - seriam de ordem sócio-profissionais: médico, professor, ator, escritor, jornalista, dramaturgo, entre outros.
- (d) *Formas de troca* – têm natureza interacional. É onde temos retratados os sujeitos do ato de linguagem. Por exemplo: um  $Eu_{comunicante}$  escritor que se endereça a um  $Tu_{interpretante}$  leitor; um  $Eu_{comunicante}$  ator que se endereça a um  $Tu_{interpretante}$  espectador.
- (e) *Dados periféricos* – seriam dados que auxiliariam na compreensão do contrato situacional, mas que sozinhos não seriam suficientes para estabelecê-lo: paratextos (título, sub-título, prefácio, índice, entre outros), gêneros textuais, dados icônicos do tipo: aspas, negritos, etc.

Embora tenhamos escolhido como modelo teórico a Teoria Semiolingüística, não temos conhecimento de publicações feitas por Charaudeau sobre a ficcionalidade vista de um ponto de vista da comunicação em geral. Assim, resolvemos tentar estabelecer, dentro de nossas limitações teóricas pessoais, uma relação entre a ficcionalidade e a Semiolingüística.

Parece-nos que a ficcionalidade estaria apta a perpassar tanto o espaço externo quanto o espaço interno da situação de comunicação acima representada. Ela agiria no espaço externo onde operaram as identidades sociais. Como exemplo podemos citar o caso do uso de pseudônimos. Temos o caso de Fernando Pessoa e seus mais de 72 heterônimos; Nelson Rodrigues que usava o nome Suzana Flag<sup>9</sup> para escrever romances e manter a sua identidade camuflada, entre tantos outros casos. A ficcionalidade também perpassaria o espaço interno das trocas languageiras, pois, a nosso ver, os dois espaços da situação de comunicação são articulados e dependentes um do outro, ou seja, estariam em uma constante relação de determinação e de complementação.

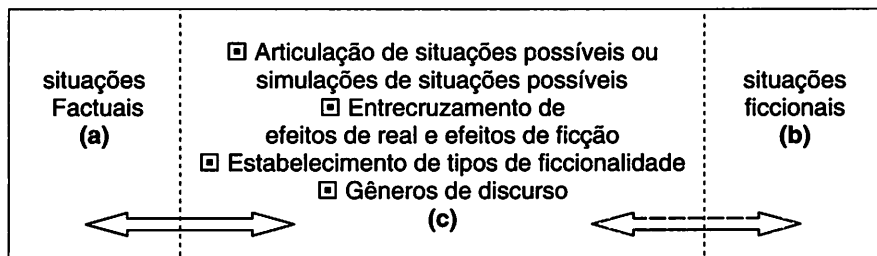
Em termos de tipos de ficcionalidade poderíamos pensar o seguinte: a ficcionalidade constitutiva somente poderia aparecer no espaço externo das trocas. Já a ficcionalidade colaborativa e a ficcionalidade predominante perpassariam tanto o espaço externo quanto o espaço interno das trocas languageiras.

O esquema que proporemos a seguir seria um desdobramento do espaço da situação de comunicação proposta por Charaudeau (1983). Na nossa óptica, a relação factual/ficcional seria assim estabelecida:

---

<sup>9</sup> Podemos citar: FLAG, Suzana. *Meu destino é pecar*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1998.

## A ficcionalidade no mundo da linguagem



Em uma tal perspectiva, o mundo da linguagem teria três espaços e a ficcionalidade constitutiva transpassaria todos eles. No espaço (a) encontraríamos gêneros de discurso cujo estatuto estaria mais próximo da factualidade, ou seja, estariam ligados aos fatos, às ações, aos eventos, à própria existência e demais situações com as quais temos contato, que vivenciamos ou somos testemunhas em nosso cotidiano. Podem ser de ordem subjetiva ou objetiva. A ficcionalidade colaborativa poderia perpassar este universo. Localizados no espaço (b), estariam gêneros de discurso em que podemos identificar a simulação de situações possíveis, verossímeis. Seria onde encontraríamos a ficcionalidade predominante. Já na esfera (c), seria um espaço onde encontraríamos gêneros mais flutuantes, que oscilariam em seu estatuto. Haveria, aqui, a convivência entre a ficcionalidade colaborativa e a ficcionalidade predominante. Como isso seria possível? De acordo com Pavel (1988, p 104) “a ficcionalidade é uma propriedade historicamente variável<sup>10</sup>”. Partindo dessa perspectiva, podemos dizer que o que pode se caracterizar como uma ficcionalidade predominante em uma época, pode

<sup>10</sup> Nossa tradução do original em francês: “la fictionalité est une propriété historiquement variable”.

vir a ser, em outra, uma ficcionalidade colaborativa. Por exemplo, poderíamos ter um trecho de uma obra de Machado de Assis (estatuto ficcional) citado em um texto jornalístico (estatuto factual) com o objetivo de ilustrar uma determinada situação (ficcionalidade colaborativa).

Na nossa opinião, não existiriam gêneros puros, totalmente despidos de efeitos de real e efeitos de ficção. É por este motivo que em nosso quadro as fronteiras entre as situações reais e as situações factuais são representadas como sendo porosas, possuem permeabilidade e permitem uma série de movimentações e deslocamentos que seriam representados pela dupla orientação das setas: o que, em um dado momento, seria aceito como factual, em outra circunstância, poderia se tornar ficcional. Dessa forma, os mundos factuais e ficcionais somente poderiam ser categorizados se vistos de um ponto de vista dinâmico e como processos que necessitariam, constantemente, de rearranjos que seriam impostos e regulados pela situação de comunicação. Em síntese, seria dizer que a situação agiria como uma espécie de maestro que coordenaria o espaço do ficcional, do factual e do não-factual na cena da linguagem.

### **Considerações Finais**

Em suma, pode-se perceber que a *ficcionalidade constitutiva* não estaria sujeita a um estatuto e ocorre “fora” do discurso. Já a *ficcionalidade colaborativa* e a *ficcionalidade predominante* se diferenciam pela determinação do estatuto: factual e ficcional respectivamente.

Em relação à Teoria Semiolingüística, é possível enumerar ainda alguns conceitos que auxiliariam na determinação da ficcionalidade: competências (discursiva,

situacional e semiolingüística), efeitos de real, efeitos de ficção, gêneros, entre outros. Tais relações serão tratadas e desenvolvidas oportunamente.

## Referências Bibliográficas

BANGE, P. "Une modalité des interactions verbales : fiction dans la conversation". In: *DRLAV*. Paris : Centre de Recherche Paris VIII, 1986, n°34-35, p. 215-232.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L. & MELLO, R. (orgs) *Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 13-41

\_\_\_\_\_. Uma teoria dos Sujeitos da linguagem. In: MARI, H. MACHADO, I. L. & MELLO, R. (org.) *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001, p. 23-38.

\_\_\_\_\_. *Langage et discours*, Paris: Hachette, 1983, 176p.

\_\_\_\_\_. "Des conditions de la mise en scène du Langage". In: DECROSSE, A. (org.) *L'esprit de société*. Liège: Mardaga, 1993, p.27-65.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Educ, 2002, 360p.

MENDES-LOPES, E. *Contribuições ao estudo do conceito de ficcionalidade e de suas configurações discursivas*. Belo Horizonte: POSLIN/FALE/UFMG. Tese de Doutorado. 2004. 267f.

\_\_\_\_\_. *O discurso ficcional: uma tentativa de definição*. Belo Horizonte: POSLIN/FALE/UFMG. Dissertação de Mestrado. 2000a. 136 p.

PAVEL, T. *Univers de la fiction*. Paris: Seuil, 1988, 211p.

**Movimentos de um percurso**

**SCHAEFFER, J.M.** Pourquoi la fiction. Paris: Seuil, 1999. 349p.  
**SOULAGES, J.C.** "Les figures du tiers dans le discours publicitaire". In: Colloques identités discursives, identités sociales dans le discours publicitaire. 30 de agosto a 3 de setembro, 2001b. p. 01-14.



## SEMIOLINGÜÍSTICA E POLÍTICA

William Augusto Menezes  
UFMG

### Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar algumas contribuições da teoria semiolingüística para a análise do discurso político. Uma primeira questão que colocamos na sua elaboração foi a de perceber como este modelo teórico compreende a fala política, ou o discurso como objeto em si. Trata-se de uma discursividade especial, portadora de universos de referência particulares, regras e princípios de funcionamento distintos dos demais discursos que circulam na sociedade ou, pelo contrário, trata-se de uma “tipologia” que se encontra no mesmo nível de outros discursos? Ao buscar uma resposta para essa pergunta aparentemente simples, outras indagações, que dizem respeito às especificidades do discurso político em relação ao governo representativo e ao *ethos* do homem político, foram sendo apresentadas.

Desenvolveremos o texto em três partes. Na primeira, trataremos do discurso político de uma maneira geral, buscando articular uma noção de conjunto sobre este objeto. Na segunda, vamos nos deter mais especificamente nas atividades discursivas em torno do poder estatal, explorando as perspectivas do contrato de comunicação. Na terceira, indicaremos algumas dimensões estratégicas do homem político, enfatizando as construções referentes ao *ethos*.

## Uma noção contemporânea sobre o discurso político

O que devemos entender por “discurso político”? Esta é uma questão para a qual podemos obter uma grande variedade de respostas, inclusive pelo fato que o sintagma “discurso político” serve a diferentes disciplinas e áreas do conhecimento, como a filosofia, a comunicação, a história, a psicologia e as ciências políticas. Trata-se, então de um trabalho de conceituação que se instala numa zona de fronteira entre as Ciências da Linguagem e outras áreas. Ora, um trabalho de fronteira corresponde ao conhecimento sobre um objeto que pode migrar de uma disciplina ou área para uma outra disciplina ou área. Quando falamos em discurso político no interior das Ciências da Linguagem, levamos em conta determinados aspectos, como a *linguagem*, a *ação*, o *poder* e a *veracidade*, que são comuns a estas disciplinas. No entanto, cada disciplina dá um significado especial para cada um destes aspectos, articulando-os no interior de redes de conhecimentos e teorias que lhe são próprias e, portanto, distintas dos usos que fazemos em Análise do Discurso.

Cada disciplina, por sua vez, dificilmente encontraria completa unanimidade em uma única noção. Mesmo porque se considerarmos de maneira geral, veremos que, no uso ordinário, o sintagma “discurso político” é utilizado em uma imensa multiplicidade de situações. Falamos em discurso político, por exemplo, quando nos referimos à mídia (“o discurso político da Rede Globo é diferente do discurso político da Rede Record”), aos negócios de uma empresa (“o discurso político da Empresa Andrade Gutierrez no Iraque”) ou ao futebol (“treinador adota discurso político, mas não esconde mágoa do ex-clubee”).

## **A Análise do Discurso e o Discurso Político**

Diferentemente da História, das Ciências Políticas e outras áreas de fronteira, a Análise do Discurso não se interessa pela racionalidade política nem pelos mecanismos que produzem melhores ou piores comportamentos políticos, nem pelas explicações causais enquanto evidências de acontecimentos passados. Em contraposição, ela se interessa pelos discursos que podem trazer à tona tanto a emergência de uma racionalidade política quanto a regulação dos fatos políticos. O centro é, portanto, o discurso:

Não há política sem discurso. Esse é constitutivo daquela. A política emerge da ação, e a linguagem é o que motiva a ação, a orienta e lhe dá sentido. (...) A ação política e o discurso político são indissolivelmente ligados, o que justifica o estudo da política pelo seu discurso (Charaudeau, 2005, p. 29).

Deste ponto de vista, a noção sobre o discurso político se constrói a partir de um trabalho próprio da análise do discurso, em que as formulações em diversos campos são reinterpretadas e colocadas a serviço do conhecimento nas ciências da linguagem. Nosso ponto de partida é uma proposição simples, geralmente aceita entre os analistas do discurso e as demais áreas, pois reafirma que o discurso político apresenta-se como um fenômeno relacionado ao poder. O problema surge quando vai se precisar o que vem a ser o poder e como se dá a relação. Em determinadas pesquisas, o poder está localizado no aparelho estatal. Isto significa realçar o discurso político como uma manifestação do profissional da política, numa tradição que vem de Platão e recebe um reforço em autores recentes, como Bourdieu (2001).

Em outros casos, “tudo é poder” e, por extensão, tudo é política e “todo discurso é político”. Essa formulação tem raiz na sofística, que igualava a política à retórica (Laufer, 1986, p. 191) e acompanhou os primeiros anos da Análise do Discurso. Uma terceira posição, que pensamos ser mais interessante no momento atual da Análise do Discurso, também vê o discurso político em relação ao poder, mas considera que nem tudo é política e nem o poder localiza-se apenas no aparelho estatal. Trata-se de uma proposição que recupera uma abordagem foucautiana do poder, organizando-a em relação aos diversos espaços estruturais (Santos, 1996).

Tivemos a oportunidade de caracterizar estas três noções em outro lugar (Cf. Menezes, 2004b). Para o momento, vamos nos situar um pouco em relação àquela que denominamos “terceira via”, correndo o risco de sermos repetitivos em relação ao outro escrito, mas buscando esclarecer melhor o nosso posicionamento.

### **Uma terceira via: os lugares do discurso político**

A proposição de uma noção discursiva sobre o discurso político parece-nos um campo ainda em construção, cujas definições preliminares têm sido objeto de elaborações. Para locomover no seu interior, alguns autores têm apresentado formulações de origem geral centradas às vezes na instância de produção do discurso, às vezes privilegiando a instância da recepção ou buscando combinar ambas.

No primeiro caso, como uma posição centrada na produção, o discurso político é aquele que fala “de política”. Há, neste caso, uma tomada de posição em favor da caracterização semântica dos enunciados do sujeito falante, numa determinada situação de fala. Quer dizer, a instância de

produção joga o papel fundamental na identificação da *politicidade* do seu discurso, pois o critério fundamental de delimitação está nas representações que o próprio locutor lança ao seu dizer em determinadas situações de produção, tais como eleições, meeting, comício, etc. Considera-se, assim, que o sujeito do discurso realizou um discurso político por meio dos seus enunciados, o que, do ponto de vista retórico, corresponde a uma perspectiva centrada no *ethos* do orador.

No segundo caso, o centro da definição desloca-se para a recepção. Considera-se que “o discurso político é aquele que é lido (ou escutado) como político”. Uma caracterização inicial nesta perspectiva foi apresentada por Dubois (1971) e, mais recentemente, vem sendo compartilhada por especialistas do discurso político, como Bonnafous (1999, p. 318). Ao deslocar a caracterização para o receptor, tem-se a possibilidade de identificação do discurso político pelo efeito que ele causa sobre o outro, o sujeito interpretante do discurso. Trazendo tal possibilidade ao campo retórico, podemos dizer que é uma perspectiva que leva em conta as disposições do leitor ou ouvinte, ou seja, a dimensão do *pathos*, ou virtude do auditório – sujeito interpretante.

Quando a definição visa a uma formulação genérica centrada nas duas instâncias, leva-se em conta a noção de contrato, ampliando proposições de outros autores, submetendo-as a um ponto de vista operacional, como procede Charaudeau (1983, p. 89): é o discurso do homem político, *desde que cumpra uma função política* na sociedade. Ou, então, abrindo-as a uma interação com aspectos de outras teorias, como fazem Charaudeau (1999, p. 3) e Amossy (2000, p. 197), ao adotarem a noção de campo discursivo, de Bourdieu, submetendo-a a uma reinterpretação no campo da linguagem.

A partir dessa noção, podemos dizer que se trata de um discurso referente aos assuntos da cidade, quer dizer àqueles assuntos que possam ter uma dimensão pública, de acordo com representações do sujeito comunicante e/ou do interpretante numa dada situação. Quer dizer, não nos parece ser apenas um discurso que se apóia em rituais e representações determinados *a priori*, pois nem tudo que é político para uma instância pode ser, necessariamente, para a outra. Além disso, não definimos o estatuto de *politicidade* apenas pela vontade dos participantes, mas também pela relação entre os mesmos numa dada situação. Como dizem Berger e Luckmann (1985), é nesta interação *triádica* (entre orador, ouvinte e objeto localizado no mundo) que se pode reconhecer um viés inovador e criativo de uma nova realidade política pelo uso da linguagem.

Localizando-se entre duas tradições extremas (“todo discurso é político” e “discurso político é o discurso do profissional da política”), esta concepção alternativa pode ser caracterizada por um alargamento da noção de política, sem fazê-la coincidir, *a priori*, com todo discurso. A *politicidade* da fala não está definida antes do ato discursivo. Ela submete-se ao critério de reconhecimento pelos sujeitos da relação, de acordo com a situação de fala e as finalidades da troca. Deste ponto de vista, essa noção pode ser expressa como uma releitura de Foucault (1994), sobre o fenômeno contemporâneo de *disseminação do poder em toda a estrutura social*, fazendo com que este *não* ocupe um lugar específico e exclusivo, como o Estado. O poder passa a ser visto como algo que se encontra em toda a sociedade; espalhado e articulado em malhas ou redes de micropoderes sociais.

Aliás, estes “poderes periféricos” não são sequer criados necessariamente pelo Estado ou uma forma de manifestação

do aparelho estatal. Eles podem agir em consonância ou não com este. O Estado deixa de ser visto como o órgão central e único de poder. Mais ainda, na medida em que as redes de poderes das sociedades contemporâneas não aparecem como prolongamento ou simples extensão deste órgão, a produção discursiva relativa ao poder nem sempre tem como referência o Estado.

Ao negar uma identificação total com o aparelho de Estado, a noção do discurso político se constrói como um ganho teórico importante. A disseminação do poder pelo tecido social não conduz simplesmente à idéia de que “tudo é poder”. Se fosse desta maneira, a relação entre a política e o poder levaria somente à proposição que “tudo é política”. Mas o reconhecimento do fato que a localização do poder é disseminada, que o mesmo não se encontra num único lugar, possibilita que se conclua que ele está em “todos os lugares”. Assim, por extensão, pode-se postular que “a política está em todos os lugares”, manifestando-se de acordo com a situação.

Ao invés de se tentar fazer coincidir a política com *tudo*, trata-se de localizar os lugares de realização da política, buscando ver as regularidades nas atitudes de fala que os caracterizariam. Assim, pode-se propor uma concepção do discurso político como manifestação de sujeitos participantes de diferentes *espaços estruturais* de produção e de manifestação deste discurso, aos quais correspondem subgêneros específicos, como o *espaço doméstico* (a conversa política, conflitos de gerações, gênero e sexualidade), o *espaço da produção* (o discurso político sindical e o discurso político empresarial), o *espaço da cidadania* (o discurso político eleitoral, o discurso político partidário, o discurso político parlamentar e o discurso político de governo) e o *espaço*

*local/mundial* (o discurso político das organizações não governamentais e o discurso político da diplomacia).<sup>1</sup>

Desta maneira, passa-se a reconhecer o discurso político como um fenômeno que também participa do alargamento do espaço público. Ele não se reduz à esfera política tradicional (o Estado e as instituições de governo) e aos seus atores convencionais (membros do governo, parlamentares e candidatos), mas amplia-se aos microespaços do local, da empresa, das associações comunitárias, da escola etc., num momento de ascensão da participação política, que, no caso brasileiro, foi sintetizado pela feliz expressão de Sader (1991): “quando os novos personagens entraram em cena”.

### **Contrato comunicacional e discurso político eleitoral**

O discurso político-eleitoral representa apenas uma parcela das atividades discursivas do campo político. Neste campo geral, as “relações de forças” (Bourdieu, 2001) e a “circulação de discursos” (Charaudeau, 2001) são bem mais

---

<sup>1</sup> A nossa formulação dos espaços estruturais da política apresenta-se a partir Boaventura Santos. Segundo esse autor, o fenômeno do poder acha-se disseminado em diversos espaços, como o espaço doméstico, o espaço da cidadania, o espaço mundial/local e o espaço da produção. Tais espaços não são os únicos que vigoram ou circulam na sociedade, mas todos os demais representam, no essencial, combinações entre eles. Adaptando-nos a essa proposição, afirmamos que os espaços do poder correspondem a espaços da política. Cada espaço estrutural mantém algum nível de interação com os demais, e cada um compreende uma prática social em que os sujeitos se reconhecem com papéis específicos, uma forma institucional privilegiada que assegura e regulamenta esses papéis dos sujeitos, e uma forma de juridicidade que permite falar em bases de um contrato de fala. Cf. Santos (1996). A nossa elaboração encontra-se em Menezes (2004).



amplas, pois se referem a todos os espaços e manifestação do poder. Já o discurso político eleitoral corresponde a uma prática restrita ao espaço estrutural da cidadania e tem como objeto um evento específico do poder que é a eleição para cargos nas instituições do governo representativo.

O governo representativo corresponde a uma experiência relativamente recente na história das sociedades. Na Antigüidade grega, a prática privilegiada entre os atenienses tinha por base a ação direta ou democracia participativa. Aqueles de decidiam, participavam diretamente dos encaminhamentos. Entre os romanos, os tribunos tinham uma função representativa e as eleições obedeciam a rituais bem próximos aos atuais: havia candidatos, campanhas eleitorais e escrutínios. Mas a lógica de representatividade era bem distinta, pois o seu exercício era determinado pela sociedade de castas. Basta dizer que o centro do poder – o Senado – era ocupado, majoritariamente, por membros vitalícios recrutados entre a nobreza. Neste sentido, podemos concordar com Constant (1985, p. 23) em ver a democracia representativa como uma invenção moderna: “uma organização na qual uma nação confia a alguns indivíduos o que ela não pode ou não quer fazer”.

Ocorre que o governo representativo caracteriza-se por um número de postulantes ao aparelho de estado que é maior do que a oferta de vagas. Para solucionar o problema, se estabelece uma concorrência política motivada por uma lógica de disputa de posições para o controle do campo. O espaço eleitoral reproduz essa disputa, a cada escrutínio, quando os postulantes apresentam os seus recursos na busca do sucesso. Essa lógica de disputa, organizada segundo relações de forças (Bourdieu, 2001) que se instalam no campo de ação, apresenta-se por mecanismos de encenação da linguagem,

identificados ao campo da enunciação (Charaudeau, 2005). O resultado dessa interseção entre o campo da ação e o campo da enunciação é o que se define como “contrato de comunicação.

### **Bases ou princípios do contrato**

A noção de contrato liga-se a uma percepção que, para que os sujeitos possam ter acesso à palavra no discurso político, é necessário que se submetam a convenções ou normas específicas do dizer relacionadas ao fazer e ao dizer psicossocial. Ou seja, os sujeitos falam como cidadãos, representantes do governo, parlamentares, candidatos, representantes das embaixadas, membros dos partidos políticos, dos movimentos sociais e outros lugares de organização do poder.

A disseminação do poder e, conseqüentemente, da política, no conjunto da sociedade, fornece ao discurso político uma primeira característica que é uniforme: é o discurso dirigido para a solução de conflitos apresentados na convivência humana. O sujeito falante dirige a palavra ao outro porque identifica alguma questão ou imagina ter a solução para uma questão colocada e que diz respeito à vida social. Neste caso, o discurso que tem lugar em cada um dos espaços estruturais segue o mesmo caminho e finalidade persuasiva. Ele acontece no momento em que um sujeito busca fazer com que o outro possa participar de uma proposição na solução de um conflito.

Por exemplo, pode-se localizar um conflito discursivo no cotidiano do trabalho numa fábrica, a partir do momento em que o patrão manifestar que os trabalhadores devam participar do mesmo universo de proposições em relação à produção, e

um trabalhador propuser que este universo, no que diz respeito à política salarial, corresponda à posição do sindicato. Este conflito, se colocado em discussão pelos sujeitos, dá lugar a um discurso político das relações de produção, cuja solução pode levar a consequências normativas no cotidiano, na forma de acordo, regimento, etc.

No interior do discurso político cada uma das esferas ou espaços tem as suas especificidades. Do ponto de vista sociológico, estas se justificam por características relacionadas aos papéis desempenhados pelos agentes e, do ponto de vista discursivo, por estes papéis corresponderem às práticas *linguageiras*; isto é, práticas de linguagem reconhecidas socialmente. No exemplo acima, falamos da fábrica e do sindicato. Estas unidades estão inseridas no espaço da produção, onde os papéis são desempenhados pelo patrão [responsável pelo controle da produção] e pelo trabalhador [responsável pela execução de tarefas de produção]. O papel desempenhado pelo primeiro agente relaciona-se à otimização de recursos visando o lucro, enquanto o papel do segundo está voltado para reprodução da própria vida a partir do trabalho cotidiano. *Grosso modo*, digamos, isto informaria a distinção de classes entre estes agentes. Mas, no nível das práticas *linguageiras*, as duas instâncias podem ou não comungar as mesmas proposições contidas nas iniciativas de fala, mantendo ou reorientando as suas ações.

No espaço da cidadania, os papéis se caracterizam por meio de uma relação entre agentes que possuem o estatuto de cidadãos. Os sujeitos de fala são constituídos de direitos [a obtenção de medidas do “bem-comum”] e deveres [a sustentação dos membros do Estado]. A atividade discursiva geral orienta-se para a cidadania, em que os conflitos estão relacionados, numa visão republicana, aos meios para a

obtenção do “bem comum”. Mas podem ser dirigidos, também, para uma outra finalidade [idealista ou egoísta], dependendo das representações sociais dos sujeitos envolvidos nas relações concretas e das condições sócio-históricas de localização da cidadania.

A partir da situação de fala, a relação discursiva coloca em cena objetivos e estratégias variadas. No discurso eleitoral trata-se de um *candidato* e um *eleitor*, ou seja, um sujeito que usa a fala porque postula se integrar à esfera estatal e um indivíduo que pretende [ou vê-se obrigado a] participar da escolha dos membros da esfera estatal, em que ambos se encontram submetidos ao estatuto da cidadania. Isso dá uma característica de conjunto ao discurso: *em geral*, o candidato busca a adesão do eleitor como estratégia para obter uma quantidade de votos suficiente para se eleger [tornar-se conhecido ou divulgar determinados projetos]. Para isso, dirige a sua fala por um projeto de sociedade que contém uma certa “idealidade” [do bem-estar social, da sociedade liberal, do socialismo, ou, simplesmente, o bem comum, aderindo por completo a uma visão republicana], conferida pelo seu partido. O eleitor é alguém que se coloca num lugar de responsabilidade social, que o conduz a mostrar-se disponível à participação discursiva, a examinar as propostas do candidato e a manifestar a sua preferência, em determinados momentos.

Neste sentido, o *contrato* de fala ancora-se num mundo de práticas sociais reconhecidas em que as partes [candidato e eleitor] desempenham os seus papéis no plano da cidadania, enquanto sujeitos de direitos e deveres. Como o candidato é alguém que se encontra no processo de disputa segundo uma lógica de posições, o seu discurso se constitui não apenas em função do eleitor, mas, também, do adversário. O adversário é,

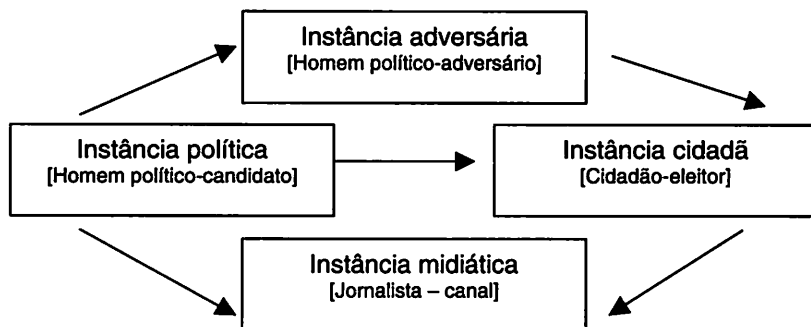
do ponto de vista discursivo, uma miragem do discurso do candidato. Toda a fala direcionada à instância de recepção, onde se encontra o eleitor-cidadão, tem como pressuposto a existência do discurso do adversário-concorrente. Ele se coloca, então, como crítica, resposta ou questionamento às posições do adversário. Neste sentido, temos as duas instâncias iniciais da encenação do dizer: uma instância do homem político-candidato, responsável pela produção dos enunciados e criadora da imagem adversária, e uma instância do cidadão-eleitor, responsável pela recepção do discurso e que também é conduzida a formulação imagens dos candidatos em disputa. Mas como se define a participação neste discurso? Quem pode falar? E sobre o que se deve (ou pode) falar?

As questões referentes aos estatutos dos sujeitos no discurso político-eleitoral recolocam a problemática do contrato e das estratégias do dizer, situando-as no quadro da comunicação política, pois, geralmente, o acesso ao discurso se dá por intervenção da mídia. É ela que organiza o debate, informa sobre os procedimentos eleitorais, contribui na formulação das demandas, na possibilidade de superação ou na ampliação dos conflitos e se faz presente em todo o processo de escolha, exercendo um papel de formador da opinião pública, em sua dupla lógica: informativa e comercial (Charaudeau, 1997). No primeiro caso, a mídia comporta-se como agente da democracia e do ideário de conquista do “bem comum”. No segundo caso, ao conduzir-se pela lógica de mercado, ela demonstra-se participante empresarial interessado, que tem a sua posição no debate e age estrategicamente para a obtenção de bens e favorecimentos à empresa midiática.

O concurso da mídia faz com que o discurso do homem político se apresente como uma determinada “peça midiática”, na forma de panfleto, entrevista, declaração à imprensa, debate, comício, outdoor, carta aberta, *meeting*, programa do horário eleitoral gratuito etc. – material impresso, ocupando um determinado espaço do jornal ou como atividade televisiva. O acesso ao discurso é, então, determinado pela sua situação de enunciação: a linguagem, o tom, a encarnação e a própria indumentária do homem político levam em conta esta situação. Além disso, como fruto dessa atuação da mídia, o discurso é transformado em um evento a ser mostrado. Não é somente a clareza de raciocínio que está em jogo. Às vezes nem é esta a principal atividade persuasiva, pois dependendo da situação, o uso de um aparente acessório (como o *boné* que representa uma boa causa) ganha uma dimensão principal. Podemos dizer, então, que com a mídia o discurso adquire, cada vez mais, uma dimensão espetacular – o que implica em um dimensionamento dos sujeitos como participantes das enunciações e como público ou platéia das representações.

Pela importância que desempenha no dispositivo comunicacional do discurso político-eleitoral, a mídia deve ser considerada como a sua terceira instância (Charaudeau, 2005). Uma instância que interage decididamente com a instância produtora, onde se localiza o homem político-candidato e do cidadão-eleitor, determinando o que pode ou não ser dito, o espaço e o tempo do dizer. Da mesma maneira, é uma instância que interage, decididamente, na instância receptora, lugar do cidadão-eleitor, contribuindo, com maior ou menor sucesso, nas condições de interpretação dos enunciados. Trata-se, portanto, de uma instância que joga um papel fundamental nas orientações sobre o fazer e o dizer político-

eleitoral. De maneira esquemática, podemos apresentar esse dispositivo como, a seguir:



(Quadro adaptado de: Charaudeau, 2005, p. 42)

## Um espaço de limitações e de estratégias

O próprio contrato comunicacional sinaliza aos parceiros sobre determinados limites dos comportamentos discursivos, a partir de convenções sociais formadas pelo compartilhamento de eventos no cenário político-discursivo. Isto é, a competência político-discursiva dos participantes, articulada a partir das informações e conhecimentos internalizados sobre os eventos políticos e as práticas discursivas da sociedade, e todo um aparato de conhecimentos e legislação definidos em função deste evento, indica aos interlocutores determinados procedimentos. O sujeito comunicante deve utilizar as formas disponíveis no léxico que são reconhecidas entre os sujeitos da interlocução e determinados procedimentos que integram este conhecimento compartilhado.

Por exemplo, as regras que predominam num comício do candidato são diferentes das que orientam a escrita de um

artigo de opinião para determinado jornal e das que prevalecem num debate face-a-face, pela TV, entre os postulantes a um cargo público. Cada um destes eventos tem regras próprias (quanto à duração da fala, ao conteúdo, público participante, etc.) que servem de limitações ao dizer (formas lingüísticas, raciocínio, estilo, etc.).

Como ser de intencionalidade, o sujeito comunicante sempre age estrategicamente a fim de tirar o melhor proveito da situação discursiva, explorando para isso as margens de manobra do contrato. Para isso, adota, conscientemente ou não, as formas lingüísticas, os recursos de raciocínio e o estilo que melhor lhe convém para avançar na sua intenção comunicativa: persuadir o outro para conceder-lhe o voto e, no limite, tornar-se um co-enunciador discursivo. Neste nível estratégico, diz Charaudeau (1983), com bastante razão, que o sujeito comunicante age num espaço de expedição e de aventura. É um espaço de expedição, na medida em que o sujeito utiliza recursos de linguagem que são comuns ao outro e que fazem parte das convicções do outro sobre o que é admitido na relação discursiva entre candidato e eleitor, entre um candidato da oposição e um eleitor de determinada situação social etc.

Espera-se, por exemplo, numa campanha eleitoral que o candidato de oposição tenha críticas ao governo e ao candidato da situação. Espera-se do candidato da situação que este tenha elogios ao governo e acuse a oposição de não ter apresentado uma política construtiva. Assim, tanto a oposição quanto a situação têm um patamar garantido de orientação inicial do discurso político.

Entretanto, nem todas as críticas da oposição serão consideradas pertinentes. Se ela possui uma garantia inicial para o seu discurso que lhe permite agir num espaço de



expedição, escolhendo as melhores palavras, raciocínio e estilo para realizar a sua crítica, ela não pode criticar tudo. Há uma parte que ela deve arriscar, pois é esta que pode significar uma diferença importante. Neste caso, ela age no espaço de aventura.

O mesmo, afirmamos em relação ao candidato da situação. Nem todas as ações do governo podem ser elogiadas pelo candidato da situação. Há aspectos em que ele precisa diferenciar-se do colega que encerra o mandato e afirmar que defende a mudança. Quais são estes aspectos e como abordá-los discursivamente consiste numa orientação no espaço de aventura na estratégia do candidato da situação. Ele pode sair-se bem, apontando justamente o discurso mais eficaz para os pontos importantes numa diferenciação. Mas pode ser, também, que não tenha sucesso na sua comunicação. Isto é, o fato de atuar estrategicamente no seu discurso dentro do espaço de aventura significa uma chance para obtenção de uma distinção importante para a finalidade persuasiva, mas pode, também, significar um fiasco. Este espaço, portanto, é um espaço em que os interlocutores não têm o controle das melhores formas lingüísticas, dos raciocínios mais eficazes e do estilo mais adequado ao sucesso da relação discursiva.

Para agir neste espaço de estratégias, o sujeito comunicante-candidato busca organizar o seu dizer segundo três níveis de realização: (a) legitimidade; (b) credibilidade; (c) captação. A legitimidade vem da identidade socioinstitucional do sujeito falante. É ela que permite ao sujeito tomar a palavra e dizer algo. Saber que o sujeito comunicante é um candidato não é tudo. É preciso que ele apresente as credenciais. Além disto, é preciso que as mesmas sejam apresentadas no discurso, como algo que faz parte da relação discursiva, ou seja, não se trata somente de uma legitimidade dada pelo

estatuto do sujeito, mas daquela que se cria no ato discursivo. Segundo Charaudeau, essa legitimidade insere-se nas representações sociais que o sujeito participa, como idéia que ele faz de si e do mundo. Ela constitui-se, portanto, como o *ethos* do sujeito comunicante, enquanto prova que deve ser dada pelo discurso.

A credibilidade do sujeito falante decorre das estratégias que ele desenvolve para fazer com que o outro tenha a sua fala como credível, alguém que diz a verdade. Tais estratégias inserem-se num imaginário de *veridicidade* e autenticidade do dizer. Ao contrário das estratégias de legitimidade, essas não possuem índices de predeterminação. Ou seja, as estratégias de credibilidade podem ser discutidas em todo momento, pois compreendem os índices de verossimilhança que acompanham a relação discursiva. Tais estratégias relacionam-se, do ponto de vista retórico, ao *logos* ou provas do próprio discurso.

O terceiro conjunto de estratégias diz respeito à captação. Neste nível, o sujeito comunicante busca atingir o lado emocional do sujeito interpretante, seduzindo-o para o campo das suas formulações. Ela está ligada então ao conjunto de crenças e estados emocionais que podem resultar num ato de linguagem bem sucedido, que no caso do discurso político eleitoral seja eficaz na persuasão do outro, e compreende os recursos lingüísticos, lúdicos, estratégias de escrita, estilo e cenografia. Tais estratégias constituem, do ponto de vista retórico, o *pathos* ou virtudes situadas no ouvinte.

### **Estratégias de construção do *ethos***

Na proposição global sobre o discurso político, dissemos que no espaço da cidadania localizam-se tipicamente o

aparelho de Estado e o cidadão, sendo que a dimensão de governo representativo faz-se representar por um sujeito comunicante, enquanto candidato a um posto no aparelho. Aquele que concorre ao pleito, bem como o seu discurso candidatam-se a ocupar uma posição no governo representativo – em uma das instituições do Estado. Para obter o sucesso, este candidato deve conquistar o maior número de votos possível numa situação de competitividade. Neste sentido, ele deve desenvolver um discurso persuasivo e eficaz durante o período de campanha eleitoral. A questão que se coloca é: com que autoridade o candidato se dirige ao eleitor para tentar persuadi-lo? De onde vem a sua legitimidade como sujeito de discurso? Basta ser legítimo?

No momento eleitoral, há determinadas convenções, que pertencem a um domínio estrutural que são acionadas como parte das representações sociais em torno do governo representativo. São definidas ou atualizadas determinadas regras; vários discursos voltam-se para este evento, as instituições que cuidam dos procedimentos legais são acionadas para orientar os candidatos e eleitores, etc. Além disso, surgem questões conjunturais em torno da apresentação de projetos, debates midiáticos preliminares etc. Tudo contribui para que efetivamente se reconheça um “clima de campanha” que permite ao candidato lançar-se por meio do discurso. É um momento em que se reconhece que o candidato tem o direito, de acordo com determinadas regras, de dirigir-se ao eleitor numa finalidade persuasiva.

De alguma maneira, tudo isso informa ao candidato que é um ser que reconhece os eventos sociodiscursivos, sobre a oportunidade de abordar o eleitor. Mas ainda não nos diz nada sobre a legitimidade do candidato enquanto projeto estratégico.

Ou seja, de onde vem a autoridade estratégica do sujeito comunicante para colocar-se diante do eleitor.

Um ponto inicial da sua legitimidade vem do reconhecimento como um ser que participa de diversos espaços estruturais no seu cotidiano, onde mantém relações distintas de poder. Por exemplo, no espaço estrutural doméstico, se o candidato é do sexo masculino, ele pode se reconhecer, se for o caso, como casado, pai, filho ou neto; se é do sexo feminino, se for o caso, como casada, mãe, filha ou neta. Em relação ao espaço da produção: o estatuto profissional e atividades relacionadas ao próprio campo. Em relação ao espaço mundial/local: a sua individualidade em eventos de reconhecimento coletivo ou a sua participação em atividades de representação coletiva. Em relação ao espaço da cidadania: a sua participação no jogo estrutural do poder neste espaço, o lugar que ocupa no partido (chefe político, militante, etc.), na relação com o governo (membro da oposição, da situação, líder da câmara), na atuação parlamentar, se for o caso. E assim por diante.

Quer dizer, as relações de poder político que o candidato mantém nos espaços estruturais em que atua conferem-lhe níveis distintos de legitimidade, capacitando-o para se dirigir ao outro na sua finalidade eleitoral. No cotidiano da campanha, ele tem, portanto, a chance de jogar com diversos estatutos, escolhendo aqueles que ele julga conter os níveis mais amplos de reconhecimento entre os eleitores. A partir desta identificação, ele pode relacionar essas fontes de legitimidade aos valores, que, segundo o imaginário social, devem ser os mais prezados num determinado momento pela comunidade e podem contribuir para a emoção do auditório ou *pathos*. Isso permite que se apresente, por exemplo, como bem casado, bom pai, bom neto de alguém, religioso praticante,

advogado competente, opositor veemente, trabalhador solidário, dirigente responsável, etc.

Esta caracterização possível a partir dos espaços doméstico, da produção, da cidadania e mundial/local tem um uso importante. É comum que o sujeito comunicante busque apontar a sua distinção e o merecimento do voto a partir de tais justificações. No entanto, o compartilhamento não parece ter uma dimensão válida para a legitimidade de quem se pretende representar a todos. Isto é, ser um bom pai, marido fiel, filho leal, trabalhador competente etc. são qualidades éticas válidas. Mas são argumentos fracos, pois dificilmente um sujeito comunicante expressa o contrário diante do público. Assim, estas seriam justificativas restritas da autoridade.

Por este motivo, o discurso político-eleitoral incorpora outros tipos de justificação e fundamentação da legitimidade do poder que se apresentam como mais amplos e que podem possuir a dimensão de servir ao governo de todos. Tais tipos de justificação correspondem a imagens ideais que passam a ser coladas àqueles que participam das questões políticas. Isto é, numa dimensão pré-discursiva, o sujeito candidato realiza um processo de adequação da sua imagem a um tipo ideal que lhe permite representar uma autoridade amplamente admitida no espaço público. A partir desta colagem, ele apresenta-se ao eleitor como uma imagem mais próxima às características do “benfeitor” no espaço público e alguém que reúne condições para a finalidade do “bem comum” da coletividade. Trata-se, portanto, de um procedimento de incorporação do *ethos*, por meio de uma espécie de “encarnação” do tipo ideal.

Estas imagens se referem, principalmente, aos tipos ideais de autoridade, ancorados na “dominação legítima” (Weber, 2000) e aos “principados” (Maquiavel, 1990). Vejamos,

primeiramente, a formulação de Weber. Segundo ele, três fontes de autoridade têm uma validade no campo da política:

1. de *caráter racional*: baseada na crença da legitimidade das ordens estatuídas e do direito de mando daqueles que, em virtude dessas ordens, estão nomeados para exercer a dominação (dominação legal), ou
2. de *caráter tradicional*: baseada na crença cotidiana na santidade das tradições vigente desde sempre e na legitimidade daqueles que, em virtude dessas tradições, representam a autoridade (dominação tradicional), ou por fim,
3. de *caráter carismático*: baseada na veneração extracotidiana da santidade, do poder heróico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas (dominação carismática). M. Weber (2000, p. 141)

Estas três fontes de autoridade vinculam-se a três modelos de representação dos papéis sociais. No caso da dominação legal, o reconhecimento da legitimidade dá-se pela *ordem*, é impessoal e guarda uma procedência em relação aos superiores, em virtude da legalidade de suas disposições. O tipo mais característico desta situação é o “burocrata” ou funcionário de Estado – alguém que age em função do planejamento da instituição e de acordo com o ordenamento legal. No caso da dominação tradicional, a obediência se dá à pessoa do *senhor* nomeado pela tradição e em virtude dos valores compartilhados pela tradição. O tipo que melhor representa esta investidura é o patriarca – aquele que age pelo reconhecimento da tradição, garantindo a proteção aos súditos em troca da lealdade. No caso da dominação carismática, a obediência se dá ao líder, em virtude da confiança pessoal, pela sua capacidade em fazer revelações, pelo heroísmo e

exemplaridade das suas ações. O tipo ideal representativo desta situação é o profeta, com a sua capacidade para “guiar o povo rumo à terra prometida”, utilizando a palavra como uma arma no enfrentamento aos poderes opostos.

Temos assim, três tipos ideais: o “burocrata”, o “patriarca” e o “profeta”. Estes tipos podem se apresentar de maneira pura ou combinada, constituindo variáveis, como: o burocrata, um homem do plano e da ordem, é um sujeito que se forma pelo concurso da prática e do discurso da racionalidade científica, admitindo-se, portanto, variáveis de ordem intelectual, do sacerdote e do funcionário público. O patriarca pode dar origem a relações entre os “membros” de um determinado domínio. O profeta com o seu espírito de liderança e capacidade para a promessa pode se apresentar como demagogo ou chefe de campanhas militares, como o caudilho.

Necessariamente, não há uma relação histórica entre eles. Pode-se admitir que a legitimidade do patriarca apóia-se em relações de um passado que se pretende conservar por todo o tempo; a legitimidade do profeta apresenta-se, de início, como alguém que se levanta contra o poder do patriarca; e a legitimidade do “burocrata” apresenta-se como alguém que se coloca na posição de quadro administrativo moderno.

A estes três modelos ideais, juntamos as qualidades do príncipe. Temos, a partir de Maquiavel, a possibilidade de tratar o *príncipe* por meio de dois tipos ideais. O primeiro é o príncipe novo – aquele que, agindo pela virtude, tem como objetivo a conquista e manutenção de domínios. Para isto, o seu discurso se dirige pela astúcia. Ele é um sujeito que dá garantias, como faz o patriarca; realiza promessas, como o profeta; e segue as regras, como o “burocrata”. Porém, tudo isto ele faz de acordo com as conveniências. O segundo tipo ideal é o príncipe

hereditário – aquele que recebe um determinado domínio pelas relações familiares e busca mantê-lo pelo concurso da tradição. Como o patriarca de Weber, ele também dá garantias aos seus súditos; faz promessas, como o profeta e age de acordo com normas, como faz o burocrata. No entanto, todas estas ações são informadas pela tradição; quer dizer, ele encarna a ordem, a promessa e as garantias por um poder quase mágico e militar que lhe foi dado pelos seus antecessores.

A legitimação do sujeito comunicante para se dirigir ao sujeito interpretante parte, num nível pré-discursivo, de esquemas que possibilitem tais imagens. Contudo, a imagem definida pelo sujeito comunicante precisa ser validada no espaço do dizer, pois a legitimidade não é um processo apenas exterior. Aliás, é pelo discurso que ela pode se manifestar. Por outro lado, a adoção de determinada imagem por um candidato pode ser alterada durante a campanha. O candidato, avaliando o seu desempenho, pode alterar o seu *ethos* e isso pode se dar com maior ou menor sucesso no decorrer do discurso característico da campanha. Essa mudança tem principalmente o objetivo de correção do *ethos*, numa relação com as expectativas do eleitorado e da opinião pública, enquanto projeções éticas que o auditório realiza como ideais para determinado candidato.

## Conclusão

Aristóteles considerava que o *ethos* é quase a mais importante das provas persuasivas. De fato, o sucesso do sujeito comunicante, na sua estratégia de legitimação é um passo importante para a credibilidade e a captação, abrindo o caminho à eficácia persuasiva. Para isso, dissemos, o sujeito pode dispor de um *ethos* preliminar correspondente aos tipos



ideais (o burocrata, o profeta, o patriarca, o príncipe hereditário e o príncipe novo), mas este é apresentado na enunciação. O *ethos* prévio não é uma armadura que serve a qualquer situação. É pela enunciação que podemos identificá-lo, pois ele não corresponde apenas a um desejo do sujeito comunicante, mas àquilo que ele mostra em sua enunciação. Isso não nos impede de “apostar” em determinado *ethos*, quando examinamos o comportamento discursivo do homem político. Determinados políticos têm *ethos* tão marcados que é comum uma expectativa em torno dos mesmos. É o caso de Leonel Brizola (ex-governador do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro) e Antony Garotinho (ex-governador do Rio de Janeiro) que se apresentam em suas enunciações, quase sempre, como profetas. É também o caso do Senador Antônio Carlos Magalhães e do atual presidente da Câmara Severino Cavalcanti que, quase sempre, colocam-se como patriarcas.

Por outro lado, a este *ethos* prévio se junta uma constituição que diz respeito ao *propos*. O homem político que fala sobre os “problemas do desemprego” para um auditório de desempregados constitui um *ethos* geralmente distinto daquele que é preciso *mostrar* quando se dirige a um auditório de empresários e executivos de empresas multinacionais. No primeiro caso, a sua solidariedade guarda uma relação com o sentimento de compaixão (a dor que se abate sobre o pai de família sem emprego) ou mesmo a indignação (a ausência de um plano de governo para recuperação dos postos de trabalho). No segundo caso, espera-se que a solidariedade se dê, primeiramente com o empresariado, quando o homem político deve assumir compromissos com o mundo dos negócios. Essa condição inicial é a que pode sustentar uma estratégia secundária de “engajamento social”.

As noções de contrato e de estratégia são válidas para toda situação comunicativa e compreendem toda a encenação do ato de linguagem. A confusão sobre o contrato, a falta de clareza, pode levar a estratégias que produzem atos infelizes e mesmo um fiasco. Do ponto de vista do discurso político eleitoral, há, certamente, diversas experiências em que tal confusão conduziu a “problemas insolúveis”. Parece-nos que este foi o caso do candidato Ciro Gomes, na campanha presidencial de 2002. Em algumas situações, a confusão sobre o contrato levou-o a declarações que foram prontamente utilizadas pelos adversários, em especial pelo candidato José Serra, que tinha como alvo a persuasão do mesmo eleitorado.

### **Referências Bibliográficas**

- AMOSSY, R. L'argumentation dans le discours. Paris: Nathan. 2000.
- BERGER, P. & LUCKMANN, T. A construção social da realidade. Petrópolis:Vozes. 1985.
- BONNAFOUS, S. et al. Argumentation et Discours Politique. Rennes: PUR. 2003.
- BONNAFOUS, S. “L'Analyse du discours politique”. In: MARI, H. et al. Fundamentos e Dimensões da Análise do Discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 1999.
- BOURDIEU, P. Langage et pouvoir symbolique. Paris: Éditions du Seuil. 2001.
- CONSTANT, B. “Da liberdade dos antigos comparada à dos modernos”. In: Filosofia Política, Revista da UFRS. Porto Alegre: L&PM Editores. 1985.
- CHARAUDEAU, P. “Análise do Discurso: controvérsias e perspectivas”. In: MARI, H. et al. (org.) Fundamentos e

Dimensões da Análise do Discurso. Belo Horizonte:NAD/FALE/UFMG. 1999.

\_\_\_\_\_ et al. La televisión et la guerre. Bruxelles:De Boeck. 2001.

\_\_\_\_\_ Langages et discours. Paris:Hachette. 1983.

\_\_\_\_\_ Le discours d'information médiatique: la construction du miroir social. Paris:Nathan. 1997.

\_\_\_\_\_ Le discours politique – les masques du pouvoir. Paris:Vuibert. 2005.

FOUCAULT, M. A microfísica do Poder. Rio de Janeiro:Edições Graal. 1994.

LAUFER, R. “Rhétorique et politique”. In: MEYER, M. (org.) De la métaphysique à la rhétorique. Bruxelles:Editons de L'Université de Bruxelles. 1986.

MAQUIAVEL, N. O príncipe. São Paulo:Martins Fontes. 1990.

MENEZES, W. A. Evento, jogo e virtude nas eleições para a presidência do Brasil. Belo Horizonte: POSLIN/FALE/UFMG. Tese de Doutorado. 2004a.

MENEZES, W. A. “Discurso político e gêneros discursivos”. In: MACHADO, I. L. e MELO, R. (orgs.) Gêneros: reflexões em Análise do Discurso. Belo Horizonte: NAD-FALE/UFMG. 2004b.

PECHEUX, M. Análise Automática do Discurso (1975). In: GADET, F. e HAK, T. (orgs.) Por uma análise automática do discurso. Campinas:Unicamp. 1990.

PLATÃO. Político. São Paulo:Abril Cultural. 1972.

PLATÃO. Protágoras. Fortaleza:UFCE. 1986.

SADER, E. Quando novos personagens entraram em cena. Rio de Janeiro:Paz e Terra. 1991.

SANTOS, B. S. Pela mão de Alice. Porto:Afrontamento. 1996.

WEBER, M. Economia e Sociedade. Vol. 1. Brasília:UnB. 2000.

## **SEMIOLINGÜÍSTICA E ANÁLISE DO DISCURSO FILOSÓFICO**

Wiliane Viriato Rolim  
UFMG

Desde os primeiros contatos nos sentimos seduzida pelas propostas de determinadas abordagens da Análise do Discurso. Configurava-se-nos um modo de trabalhar o objeto linguagem de um ponto de vista bem diferente dos que conhecíamos anteriormente. O que nos fascinou, de início, foi a abrangência desse ponto de vista a partir do qual os conceitos de linguagem, discurso e sentido são redimensionados em relação à lingüística tradicional.

A linguagem é vista como fator de comunicação e a comunicação deixa de ser mera transmissão de informações para ser considerada como dinâmica de interação. Ao partir do princípio de que falar é comunicar e que comunicar é interagir, algumas abordagens em Análise do Discurso consideram o interacionismo como aspecto fundamental do processo de comunicação, qualquer que seja a sua apresentação, ou seja, quer se efetive sob a forma dialogal ou monologal, interlocutiva ou monolocutiva, sob o registro oral ou escrito.

De acordo com esse ponto de vista, o sentido é construído segundo um princípio de alteridade, onde o *eu* e o *outro* – enquanto parceiros no ato de comunicar – participam ativamente nessa construção conjunta do sentido, através de processos interativos que salientam o caráter social da linguagem. O sentido não é dado, não está pronto, não existe anteriormente à situação de comunicação. O sentido não é privilégio nem propriedade de apenas um dos parceiros. O

outro tem que ser sempre considerado se se quiser que o ato de linguagem seja bem sucedido.

O postulado básico das abordagens interacionais em Análise do Discurso, segundo Catherine Kerbrat-Orecchioni, é a afirmação de que todo discurso é uma construção coletiva, ou seja, uma realização interativa. Dessa forma, o discurso caracteriza-se como uma atividade social, realizada conjuntamente pelos sujeitos nele envolvidos: sujeitos com determinadas características psicológicas, inseridos em uma determinada situação sociocomunicativa, historicamente localizados.

Estas abordagens integram teorias pragmáticas tais como a Lingüística da Enunciação e a Teoria dos Atos de Fala. A partir da Teoria da Enunciação, a Lingüística passou a considerar os enunciados não mais como entidades abstratas, mas como realidades determinadas por suas condições contextuais de produção/recepção. A Análise do Discurso leva em consideração o contexto situacional, institucional e ideológico, de forma a ressaltar a importância do quadro contextual. A Teoria dos Atos de Fala promove uma mudança na concepção de linguagem que perde o papel, prioritariamente, descritivista e informacionalista da função referencial e passa a ser considerada, principalmente, como tentativa de influenciar o outro e de transformar o contexto interlocutivo na sua função relacional.

A Análise do Discurso considera como unidade pertinente, não mais a frase, como na Lingüística tradicional, mas unidades transfrásticas organizadas de acordo com regras específicas de coerência interna. Na verdade, a Análise do Discurso trabalha com unidades de sentido que podem ser constituídas por uma frase, por uma seqüência de frases ou, às vezes, até mesmo por duas ou uma palavra: *Proibido*

*estacionar / Pare / Saída* são três exemplos entre tantos. Cabe notar, no entanto, que tais palavras são consideradas em relação ao contexto e aos sujeitos interagentes.

Desse ponto de vista, todo enunciado é virtualmente dialogal, dado que todo ato de fala implica uma alocação, ou seja, a existência de um destinatário outro, psiquicamente distinto do locutor. É esse fato que determina o princípio de alteridade: a linguagem verbal é essencialmente feita para ser endereçada. O que implica que, desde a fase de codificação, anterior a qualquer resposta ou simples reação do destinatário, este já se encontra inscrito no discurso do emissor, às vezes explicitamente (através das marcas de alocação), mas sempre implicitamente, na medida em que o emissor leva em conta a imagem que ele faz do destinatário para escolher os termos que vai usar, as estratégias discursivas...

Além disso, todo ato de fala implica não somente uma alocação (a questão do endereçamento) assim como também uma interação. Essa noção de interação, de ação entre os parceiros, é fundamental na medida em que implica a existência de influências mútuas entre os participantes da troca comunicativa, ou seja, ela aponta para a ocorrência de mudanças efetivas na identidade desses parceiros. Isto é o que há de fascinante nas teorias da Análise do Discurso: a percepção de que através da construção conjunta do sentido ninguém sai ileso de uma experiência de comunicação. Somos sempre outros em relação ao que éramos antes de iniciarmos esta troca. Necessariamente sofremos modificações ao participarmos de qualquer ato de comunicação.

Consideramos a Teoria Semiolingüística, de Patrick Charaudeau e a Teoria Modular, da Escola de Genebra, como profícuos instrumentos em Análise do Discurso que se caracterizam por privilegiarem a ocorrência dos atos de

linguagem em situações interlocutivas determinadas, produzidos por interlocutores, os sujeitos do discurso. Estas teorias oferecem metodologias de análise que propiciam a consideração das significações psicossociais envolvidas nos discursos analisados e permitem estabelecer relações entre as características internas das trocas comunicativas e as hipóteses mais externas sobre os comportamentos socioculturais dos grupos aos quais pertencem os sujeitos envolvidos.

Ao estudarmos estas teorias, achamos interessante a necessidade de universalidade de aplicação claramente expressa por seus autores. Aliás, o que é comum em toda teoria científica que se preze, uma vez que o caráter de cientificidade faz esta exigência: para que uma teoria de Análise de Discurso seja considerada “séria”, para receber o aval da comunidade científica (de lingüistas e estudiosos da linguagem) na qual se insere, precisa dar conta de todo tipo de discurso que se pretenda analisar.

Em outros termos, embora, historicamente, por motivos circunstanciais, a Semiolingüística tenha sido utilizada muito mais vezes para analisar discursos midiáticos (sobretudo na França), ela deve ser suficientemente eficiente para ser aplicada a outros tipos de discurso. O mesmo se dá com a Teoria Modular que, sem ter em sua história a reincidência da mídia como objeto de estudo, ainda assim, tem sido mais aplicada a um tipo específico de discurso, caracterizado pela oralidade e realizado face a face.

Citamos algumas passagens de apresentação das teorias citadas onde fica explícito esse desejo de aplicação universal. Iniciemos com uma citação da Teoria Modular, do Grupo de Genebra:

(...) nossas pesquisas visam a um duplo objetivo: elaborar um modelo recursivo que permita, com a ajuda de um número limitado de unidades, de relações e de princípios universais, dar conta, de forma refinada e completa, da complexidade de organização de todas as formas de discurso possíveis e realizáveis, seja dialógicas ou monológicas, escritas ou orais, espontâneas ou fabricadas, nas línguas particulares, além de propor um instrumento de análise que permita descrever de maneira sistemática toda forma de discurso. (Roulet, 1999, p. 140)

Nesta passagem podemos ver claramente expresso o desejo de que a referida teoria seja passível de aplicação a todo tipo de discurso. Vejamos, agora, o que nos diz o Professor Patrick Charaudeau, com sua Teoria Semiolingüística:

Tomaremos como base de referência teórica um modelo de discurso que se aplica a todo ato de comunicação linguageira.<sup>1</sup> (E não apenas aquele da teoria da informação, esquema simplista que define a comunicação como um duplo movimento simétrico entre um emissor e um receptor algumas vezes perturbado pelo barulho). Todo ato de comunicação é um objeto de troca entre duas instâncias, uma de enunciação, outra de recepção, cujo sentido depende da relação de intencionalidade que se instaura entre elas. (Charaudeau, 1997, p. 15)

---

<sup>1</sup> Segundo este autor, o termo *linguageiro* refere-se aqui a tudo que é próprio da linguagem concebida como a utilização de sistemas formais de signos a partir de um projeto de fala intencionalmente construído.



A contradição entre a necessidade epistemológica intrínseca da universalidade de aplicação – ser aplicável a “todas as formas de discurso possíveis e realizáveis”, “a todo ato de comunicação linguageira” – e as realizações históricas efetivadas e conhecidas, de utilização na análise de determinados tipos de discurso, parece-nos funcionar como um apelo propulsor instigante. Ficamos instigadas a verificar, na nossa prática, a eficácia do emprego das citadas teorias em um *corpus* “novo” ou pelo menos pouco empregado nas pesquisas: o discurso filosófico.

Cabe esclarecer que nossa formação primeira é em Filosofia. Nossa prática no ensino desta disciplina, para adolescentes, foi determinante na escolha de nossos estudos e de nossa pesquisa.

### **Por que a Semiolingüística**

Optamos pela utilização da Semiolingüística, de Patrick Charaudeau, como base teórica e instrumental metodológico para a realização de nossa análise porque ela nos parece suficientemente abrangente enquanto quadro teórico em Análise do Discurso para dar conta da especificidade do discurso filosófico e também, principalmente, por oferecer uma metodologia de análise que apresenta-nos passos e etapas rigorosamente bem dispostos e elaborados que permitem nortear a análise com a incorporação da dimensão extralingüística à dimensão lingüística do discurso.

A Semiolingüística nos parece, ainda, bastante flexível para permitir que, ancorada nos fatos lingüísticos, nos fenômenos da língua, possamos ter uma compreensão tal dos fatos linguageiros, dos fenômenos do discurso, que leve em conta os sujeitos envolvidos (em sua dimensão psicossocial) e

demais elementos contextuais de produção/recepção do discurso. Pensamos que tal teoria, por considerar os sujeitos do discurso enquanto seres ao mesmo tempo individuais e coletivos, passíveis de vivências emocionais e de construções interativas do sentido, seja apropriada à Análise do Discurso Filosófico na medida em quem que chama a atenção para a busca do conhecimento enquanto atividade conjunta feita através da interlocução.

O conceito de *Contrato Comunicacional*, alicerce do edifício teórico-metodológico desta teoria, permite, por um lado, situar a troca linguageira em questão a partir dos esclarecimentos fundamentais sobre sua finalidade, a identidade dos parceiros nela envolvidos, o propósito de que trata (tema, assunto) e o dispositivo utilizado. Com isso, o ponto de vista da análise torna-se bastante ampliado; por outro lado, os conceitos de *projeto de fala* e de *intencionalidade* implicam a perda de uma visão ingênua sobre o uso da linguagem em que o discurso possa ser considerado como atividade neutra. A partir destes conceitos verificamos que toda vez que a linguagem é utilizada está em jogo interesses e necessidades performativas que determinam a consideração dos implícitos, dos pressupostos e dos subentendidos.

O quadro enunciativo da Semiolingüística, com seu duplo *circuito externo* (fazer) e *interno* (dizer) e seu conseguinte desdobramento dos sujeitos em *seres de ação* e *seres de fala*, permite a apreensão da dinâmica entre as dimensões lingüística e extralingüística do discurso. Com isto pode-se levar em consideração toda uma gama de elementos que eram excluídos das análises lingüísticas tradicionais. Por fim, o ponto de vista dos *modos de organização do discurso* permite um enfoque do material linguageiro que torna possível a percepção das estratégias discursivas utilizadas.

Patrick Charaudeau sugere que a análise deve ser iniciada pelo esclarecimento do *Contrato de Comunicação*, já que é necessário conhecer o quadro de sobredeterminação situacional do discurso analisado antes de se estudar as estratégias particulares realizadas: tendo sido esclarecido este Contrato e suas implicações, o trabalho de discernimento das estratégias é, por assim dizer, facilitado.

Além do exposto acima, a Semiolingüística nos chama a atenção para a existência dos *possíveis interpretativos*. Nenhuma análise, nenhuma interpretação pode dar conta de todos os sentidos de um discurso já que nenhuma análise, nenhuma interpretação é absoluta, definitiva ou suficiente. Todo discurso é passível de ser apreendido de diversos ângulos. Não existe um ponto de vista acima do discurso que dê conta de toda sua completude. Mesmo porque esta não existe, o discurso está sempre em aberto: existem novas possibilidades de sentido, respeitadas as restrições circunstanciais que o sobredeterminam.

Voltamos a insistir que toda interpretação é apenas uma, recortada em um vasto leque de possibilidades. Está sempre determinada pelo objeto de análise – não se pode dizer qualquer coisa, aleatoriamente. É preciso ser fiel ao *corpus*. Porém, não existe um lugar privilegiado do qual se possa ter uma visão mais ampliada do mesmo. O analista é sempre um sujeito localizado sócio-historicamente, premido por sua situação de trabalho, com uma visão parcial sobre o seu objeto de estudo.

Por isso mesmo, seguindo os preceitos da Semiolingüística, deve-se remontar à questão da intencionalidade. O que justifica um trabalho, o que explica uma análise são as intenções que o motivam. A

intencionalidade compõe o quadro no qual a interpretação faz sentido.

Ao estudarmos com rigor a Teoria Semiolingüística, verificamos que esta tem a sua originalidade, por exemplo, no seu quadro enunciativo. Embora este seja fundamentado no conceito de desdobramento dos sujeitos muito em voga atualmente nas mais diversas teorias lingüísticas. No desenrolar do nosso trabalho de Análise do Discurso Filosófico, pudemos averiguar a eficácia dos arranjos metodológicos articulados pela Teoria Semiolingüística a partir dos mais inovadores suportes teóricos desenvolvidos na atualidade.

Neste momento de nossa pesquisa consideramos a Semiolingüística como a depuração do processo de desenvolvimento a que foi submetida a Lingüística no século XX. Desde Saussure e todo o estruturalismo, passando por Chomsky e pelo gerativismo, pelos primórdios da Análise do Discurso francesa com Pêcheux, superou o primado do enunciado ao passar pelo crivo da Teoria da Enunciação de Benveniste e desbancou o referente a partir da Teoria dos Atos de Fala. A Lingüística contemporânea prima pela situacionalidade – o esclarecimento da situação em que se dá a enunciação – e requer uma Teoria dos Sujeitos da Linguagem – a consideração dos sujeitos envolvidos e da intencionalidade.

É nesse sentido que, quando realizamos nossas análises, achamos muito proveitoso e, sejamos sinceros, muito confortável, podermos dispor de um quadro metodológico que nos permite elucidar com clareza e discernimento os conteúdos socioimaginários que envolvem a construção de nossos objetos de pesquisa. Esta elucidação promove um colorido mais vivo ao nosso *corpus*, ampliando nossa compreensão do mesmo.

Seria somente a Semiollingüística que poderia nos proporcionar esta clareza? Provavelmente não. Como dissemos acima, toda teoria lingüística, atualmente, tem que dar conta destas exigências próprias das interpretações contemporâneas. Não somente as advindas dos trabalhos na área de Análise do Discurso, mas de todos os campos interpretativos. Não é só a Lingüística que atingiu estes paradigmas da situacionalidade e da teoria dos sujeitos. Todas as áreas do conhecimento que trabalham com análises interpretativas – da Literatura à Hermenêutica – exigem a contextualização do *corpus* analisado.

Para nós, a Semiollingüística oferece a praticidade de um instrumental teórico-metodológico que propicia a adequação do nosso trabalho a estas exigências de uma maneira mais confortável, segura e tranqüila.

Utilizando a obra de Platão, como exemplo, verificamos que não é em todos os diálogos que Sócrates aparece como enunciador das teses platônicas. No *Banquete*, por exemplo, suas teses aparecem dispersas nas vozes de vários personagens. No *Mênnon*, a existência de dois diálogos encaixados no diálogo maior permite-nos compreender o papel de cada personagem. Estes papéis são determinados pela fala de cada personagem (elemento lingüístico) e por suas funções sociais e políticas na sociedade a que pertenciam (elemento extralingüístico). Outras análises consideram os dois aspectos da questão, porém sem elucidá-los metodologicamente, fazem-no muito mais intuitivamente. A metodologia por nós utilizada deixa-nos à vontade para fazermos afirmações que não vieram de nossa intuição. Trata-se de respostas objetivas dadas a perguntas realizadas pelo método utilizado. A Semiollingüística nos oferece orientação segura no percurso de nossa análise.

Como qualquer outro, o discurso filosófico também está submetido à necessidade de garantir a sua legitimidade, a credibilidade e a captação do seu público-alvo. O que difere são as maneiras utilizadas pelos diversos tipos de discurso para alcançar esta tripla finalidade, devido aos determinantes de cada contrato (os sujeitos envolvidos, as finalidades em jogo, a estrutura dos temas abordados). Pelo estudo que realizamos, concluímos que a especificidade do contrato filosófico reside na radicalidade e na abrangência holística da abordagem realizada. Trata-se de um tipo de conhecimento público – visto que cunhado na *ágora* – e universal – na medida em que diz respeito a todos os seres humanos. Onde a exigência da universalidade dos conceitos utilizados na elaboração de seus raciocínios e argumentos. Porém, a sua principal característica é a profundidade alcançada: o conhecimento filosófico é radical porque procura a raiz das questões tratadas. No *Mênon*, Platão ultrapassa os limites da existência para tentar alcançar a essência da verdade: poderíamos compreender desta forma a Teoria da Reminiscência das Idéias?

Apesar disso, o filósofo não dispõe de estratégias particulares, próprias ao seu discurso, que lhe possam garantir a adesão às suas teses. Elabora sua cadeia de raciocínios esmerando-se na racionalidade (que é o que vai garantir-lhe a credibilidade). Porém, para captar o seu público, seduzi-lo e persuadi-lo, vai ser obrigado a utilizar estratégias de encenação argumentativa disponíveis a todo simples mortal. Concluímos, pois, que não há estratégias argumentativas específicas do discurso filosófico.

Não acreditamos na propagada neutralidade científica. Quando fizemos a opção pela *Semiolinguística* de Patrick Charaudeau, para promover a análise de discursos de cunho

filosófico, estávamos imbuídas pela intenção de provar que cada encenação discursiva é ardidamente construída conforme as finalidades do sujeito comunicante. As opções iniciais do nosso trabalho foram determinadas por nossas intenções anteriores: acreditamos que seja necessário compreender a argumentação dentro do quadro situacional – sóciopolítico – em que ela é elaborada. Somente assim o seu sentido pode ser desmascarado: quando compreendido no bojo de uma prática social realizada por sujeitos politicamente engajados, determinados historicamente.

Portanto, não podemos afirmar que a Semiologia, ao nos resguardar dos excessos subjetivos de nossas intuições, esteja nos garantindo um espaço analítico de neutralidade. Mas podemos, com certeza, afirmar que, ao compreendermos o dado lingüístico bruto de nosso objeto de análise, moldado sob a luz dos dados extralingüísticos, de acordo com as regras metodológicas estabelecidas pela Semiologia, alcançamos um nível muito maior de objetividade científica do que se não dispuséssemos deste rigor metodológico.

Estamos com isso querendo dizer que é possível, hoje, analisar um discurso filosófico sem o concurso da Análise do Discurso. Muitas análises excelentes têm sido realizadas neste sentido, até bem próximas de nós. Porém, a Semiologia pode contribuir com seu cabedal teórico-metodológico para tornar mais prazerosa esta tarefa que precisa tornar-se cada vez mais capaz de objetivação e rigor. Estas duas características são, sem dúvida alguma, proporcionadas pela metodologia que utilizamos, na medida em que ela oferece instrumentos de análise tais como o quadro enunciativo, os questionamentos que possibilitam o discernimento do contrato em questão, os procedimentos próprios dos modos de

organização do discurso, assim como as estratégias discursivas utilizadas.

Então, esta teoria teria superpoderes científicos que garantiriam o acesso à verdade científica? O desvelamento último? Uma compreensão total do *corpus* analisado? Seria ela a redenção em termos de análise? É claro que não. Ela sozinha não é suficiente. Nenhuma teoria sozinha é suficiente. Toda teoria precisa do concurso de outras para complementar o seu trabalho. E aqui se faz necessário um delicado exercício de adequação teórica para que os encaixes sejam bem feitos sem provocar perdas preciosas nem engates grosseiros. De qualquer forma, toda teoria necessita do auxílio de outras.

Durante a realização de nosso trabalho pudemos perceber que a Semiolinguística oferece um quadro amplo que permite a compreensão geral da situacionalidade do *corpus* analisado e dos sujeitos nele envolvidos. Oferece também uma variedade de procedimentos analíticos para o estudo dos diversos aspectos da organização discursiva. Estes procedimentos analíticos são suficientemente flexíveis para se adaptarem ao concurso de outras teorias que, porventura, possam ser utilizadas para o engrandecimento da análise.

É com esse olhar que consideramos a Semiolinguística de Patrick Charaudeau como uma opção metodológica que pode ser utilizada beneficentemente no processo de edificação do conhecimento, possibilitando novos olhares e propiciando o surgimento de pontos de vista diferentes. Pois, se o sentido é construído, não há uma matriz última, portanto já não há que se falar em verdade absoluta, mas em possíveis interpretativos. Palavras de Charaudeau:

O que propomos é, portanto, apenas um discurso entre vários possíveis. Mas ele tem suas propriedades... (1997, p. 26)



É, portanto, na busca dessas possibilidades de interpretação que alçamos nosso vôo, que realizamos nosso trabalho, com a intenção explícita de garantir espaço para as discordâncias e de vivenciar as diferenças. Lembramos o experiencialismo de Antoine Auchlin, que, sendo mais radical que a Semiologia, considera como fator fundamental da análise discursiva nossa experiência ordinária de estar na linguagem todas as vezes que tentamos teorizar a linguagem. Deslocando, dessa maneira, o espaço do observador, incluindo-o no espaço observado. Em *Análise do Discurso*, do ponto de vista do experiencialismo, as emoções do observador – do analista – interferem nos resultados da análise. Aqui, a dicotomia sujeito/objeto realmente já não faz sentido. E o vocabulário dualista da epistemologia tradicional já foi totalmente ultrapassado. O conhecimento científico torna-se um trabalho de objetivação: o exercício racional da construção do objeto. Sem descartar as emoções vividas.

Por isso queremos testemunhar que, em nossa experiência, vivenciamos intensamente o prazer e a angústia da pesquisa e da produção científica. Nosso trabalho, e acreditamos que todo trabalho de pesquisa deva ser assim, exige de nós opções constantes. O que fazer? Como fazer? Que caminho seguir? A Semiologia nos parece uma possibilidade de auxílio na resposta a essas questões.

### **Referências Bibliográficas**

- AUCHLIN, A. Une approche discursive du Mênon: sur le dialogisme, l'explicite et la participation. Inédito. s/d.
- \_\_\_\_\_. "Analyse du discours et bonheur conversationnel". In: CLF, 11, Genebra:Unité de Linguistique Française, Faculté des Lettres, Université de Genève. 1990. p. 311-328.

- AUSTIN, J. L. Quando dizer é fazer. Palavras e ação. Porto Alegre:Artes Médicas. 1990.
- CANTO-SPERBER, M. Mênon. Tradução inédita, introdução e notas. 2. ed. Paris:Flammarion. 1993.
- CARNEIRO, A. D. O discurso da mídia. Rio de Janeiro:Oficina do Autor. 1996.
- CHARAUDEAU, P. Langage et discours. Paris:Hachette. 1983.
- \_\_\_\_\_ L'interlocution comme interaction de stratégies discursives. Revue Verbum, t.VII, Nancy:Presses Universitaires de Nancy. 1984.
- \_\_\_\_\_ Une théorie des sujets du langage. In: Modèles linguistiques, T.X. Fasc.2. Lille. 1988.
- \_\_\_\_\_ Rôles Sociaux et Rôles Langagiers. In: Colloque sur l'Interaction. Université d'Aix-en-Provence. 1991.
- \_\_\_\_\_ Grammaire du sens et de l'expression. Paris:Hachette. 1992.
- \_\_\_\_\_ Une analyse sémiolinguistique du discours. Paris, Langages. 117. mars 1995. p. 96-111,
- \_\_\_\_\_ "Le dialogue dans un modèle de discours". In: CLF 17. Geneva:Unité de Linguistique Française. Faculté des Lettres. Université de Genève. 1995.
- \_\_\_\_\_ Le discours d'information médiatique: la construction du miroir social. Paris:Nathan. 1997.
- \_\_\_\_\_ L'argumentation n'est peut-être pas ce que l'on croit. Inédito.1999.
- DURANT, W. A história da Filosofia. São Paulo:Nova Cultural. 1996, p.29-68. (Coleção Os Pensadores).
- KAHN, C. H. "L'argumentation de Platon dans les dialogues socratiques". In: Colloque de Cerisy. L'Argumentation. Bruxelles:Mardaga. 1987. p.19-30.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. La Question. Paris:PUF. 1991.

MACHADO, I. L. (org.). "Análises de Discursos. Sedução e Persuasão". (1ª parte). In: Cadernos de Pesquisa. Belo Horizonte:NAPQ/FALE/UFMG. n. 10. setembro 1993.

\_\_\_\_\_ "Analisando Discursos". (2ª parte). In: Cadernos de Pesquisa. Belo Horizonte:NAPQ/FALE/UFMG. n. 28. agosto 1995.

\_\_\_\_\_ "A ironia como fenômeno lingüístico-argumentativo". In: Revista de Estudos Lingüísticos. Belo Horizonte:FALE/UFMG. 1995. p.141-153.

\_\_\_\_\_ "A Semiolingüística de Patrick Charaudeau: uma interessante opção de análise discursiva". In: Contexto – Revista do Departamento de Línguas e Letras. UFES. Ano II, n. 12. 1992.

MARI, H. "A promessa como ato de fala: suas implicações no discurso 'político'". In: Gerais – Revista de Comunicação Social. n. 48. 1997. p.34-41.

O NAD tem mantido vínculos regulares com professores de universidades da França e da Suíça, visando à interação com novos grupos bem como a inclusão de novas propostas de trabalho. O resultado desse intercâmbio tem sido a presença constante de pesquisadores dessas instituições na UFMG, bem como a de pesquisadores brasileiros, alunos e professores, nesses países.

O NAD, após os acordos com a Universidade de Paris XIII e com a *UNIGE (Université de Genève)*, prepara-se para novas parcerias com a *Université de Paris XII* e com a *Université de Paris III*.

Finalmente, cabe dizer que essas trocas estão permitindo fazer surgir, no NAD, uma Análise do Discurso que revela, cada vez mais, características que lhe são bem próprias, seja no modo de tratar o instrumental teórico (de base francesa) seja pela *re-aplicação* deste em diferentes e inusitados *corpora*.

PosLin

